



Departamento de Sociologia

A Dança Oriental como forma de Inclusão Social
Um Estudo de Caso do Projecto “Sentindo e Dançando”

Letícia Garcia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Urbanos

Orientador:
Doutora Ana Macara, Professora Associada,
FMH-UTL

Outubro, 2009

Resumo

Esta investigação pretende dar um contributo para a compreensão do papel da dança oriental, enquanto produção cultural de cariz artístico, junto do universo da deficiência mental. A partir de um estudo de caso do projecto “Sentindo e Dançando” desenvolvido na Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Elvas, procurou-se analisar a relação entre o comportamento e o seu significado e investigar as racionalidades deste grupo de mulheres com necessidades especiais quanto à sua participação no projecto.

O principal objectivo deste estudo foi tentar perceber a influência da prática da dança neste tipo específico de população, apurar os benefícios e o tipo de repercussão sentido ao nível do seu quotidiano.

Quanto aos resultados recolhidos, apesar de este tipo de actividades ainda desempenhar um papel pouco preponderante junto destas instituições, verificou-se que a execução do projecto e a sua intervenção foi um sucesso neste tipo de população, segundo a perspectiva das próprias utentes, familiares, monitores, auxiliares e técnicos.

A dança oriental vai de encontro às necessidades deste tipo de população muito peculiar, contribuindo claramente para o desenvolvimento individual e social de mulheres com necessidades especiais, possibilitando uma melhor construção identitária e a sua inserção na comunidade urbana. Este projecto revelou assumir um papel muito importante na vida destas utentes, pois, a dança constituiu-se como uma nova experiência bastante enriquecedora quer ao nível de aprendizagem, novos conhecimentos, valorização pessoal, relações afectivas e de novas redes de relacionamentos. Presenciou-se uma inclusão social da pessoa com deficiência na sociedade inculcando-se um pouco de sensibilidade na comunidade para esta temática.

Palavras-Chave: Dança Oriental, Deficiência mental, Construção Identitária, Inclusão Social

Abstract

This research aims to contribute to the understanding of the role of Oriental dance as a cultural production of artistic nature, in the universe of disability. From a case study of the project " Sentindo e Dançando" (Feeling and Dancing) developed in the Portuguese Association of Parents and Friends of Mentally Retarded Citizens in the town of Elvas, we sought to examine the relationship between behavior and its significance and to investigate the rationale of this group of women with special needs regarding their participation in the project.

The main objective of this study was to try to understand the influence of the practice of dance in this particular type of population, to determine the benefits and the type of impact perceived in daily lives.

As to the results obtained, though these activities still play a little role with these institutions, it was found that the project and his intervention was a success in this population, from the perspective of users themselves, family, monitors, assistants and technicians.

The oriental dance meets the needs of such peculiar populations, clearly contributing to the individual and social development of women with special needs, enabling a better identity construction and integration into the urban community. This project revealed to have an important role in the lives of these users, because the dance was like a new experience, very rewarding both in terms of learning new skills, personal development, emotional relationships and new networks of relationships. We have witnessed a social inclusion of people with disabilities in society instilling a bit of sensitivity in the community for this problem.

Keywords: Oriental Dance, mental disability, identity, Social Inclusion

Dedico este trabalho às minhas meninas bailarinas, pois, graças a elas tive a oportunidade de passar por uma experiência muito enriquecedora quer a nível profissional como a nível pessoal.

Agradecimentos

Este trabalho de investigação sociológica nunca se materializaria se não tivesse beneficiado do contributo e apoio de um conjunto de pessoas. É fundamental deixar aqui o meu agradecimento devido a todo o apoio que me foi dado quer a nível profissional, institucional, científico e emocional, que permitiu a concretização desta minha dissertação.

Em primeiro lugar esta investigação não existiria se não me tivesse sido dada a oportunidade de concretizar o projecto “Sentindo e Dançando” junto da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Elvas. Fico grata a todos os membros da direcção da instituição que me abriram caminho para a realização do meu projecto e às minhas colegas de trabalho (técnicos, monitores e auxiliares) que sempre me ajudaram e apoiaram quer ao nível da concretização do projecto, como ao nível de fornecimento de contactos e recolha de informações para a investigação. É também de referir os familiares das utentes que se mostraram disponíveis para facultarem a sua opinião quanto ao projecto realizado e, como não podia deixar de ser, às utentes da APPACDM de Elvas que participaram com grande entusiasmo no projecto e que tiveram a paciência de responder às minhas perguntas.

Em segundo lugar, do ponto de vista científico, é de destacar o papel da orientadora deste trabalho, Prof. Doutora Ana Macara, que sempre me elucidou e orientou quando eu mais me sentia perdida no meio desta investigação e que sempre me deu um incentivo muito positivo no sentido da concretização desta tese de dissertação. É ainda de referir um agradecimento especial à Prof. Doutora Isabel Guerra que se disponibilizou pontualmente, desde o início deste processo, para me orientar em determinados aspectos da investigação.

Por último, ao nível emocional não poderia deixar de referir todo o apoio e força que me foi dado, naqueles momentos mais difíceis, pela minha família e amigos. As pequenas ajudas que cada um de vós me ofereceu revelaram-se como grandes ajudas no desenvolvimento desta tese de dissertação.

A todos, um muito obrigada!

Uma luz...
Uma luz que habita no interior de cada uma de nós,
Uma pequena luz que se esconde dentro do nosso exíguo coração
E que percorre o nosso corpo de lés-a-lés.
Essa luz procura a oportunidade de poder desabrochar
Como uma linda flor.
Cada uma de nós procura reencontrar a sua própria luz,
Procura o seu “eu”
Procura a sua própria essência.
Gastamos grande parte do nosso tempo
Percorrendo esse caminho nessa busca constante.
Enquanto pessoas que somos, enquanto mulheres,
Crescemos, desenvolvemos, transformamo-nos,
Expressamos tudo aquilo que vai dentro de nós.
Porque cada uma de nós tem uma história a contar,
Algo para dizer ou transmitir,
Impreterivelmente, cada uma de nós tem algo a dar.
Por todas estas razões celebramos a vida,
Celebramos o privilégio que temos de ser mulher
E acima de tudo,
Celebramos a oportunidade de estarmos todas juntas aqui,
Como sendo apenas uma...Só.

Letícia Garcia

(Espectáculo de Dança Oriental no Centro Cultural de Campo Maior)

Índice

Introdução.....	1
1. Projecto “Sentindo e Dançando” – contextualização e metodologia.....	6
2. A falta de actividades organizadas e atractivas em contexto institucional	9
2.1. O reconhecimento da condição humana da pessoa com deficiência.....	9
2.2. A importância das actividades culturais e artísticas.....	13
3. O papel funcional da dança: a sensação de bem-estar.....	16
3.1. A importância do movimento na vida dos indivíduos.....	16
3.2. Movimento como sinónimo de bem-estar.....	17
4. O gosto pela dança e pela aprendizagem: uma mais valia.....	19
4.1. A valorização do conhecimento proporcionado pela dança.....	19
4.2. O fascínio pelos acessórios da dança.....	22
5. A Construção de uma auto-imagem positiva.....	23
5.1. O peso da herança histórica e o reconhecimento das dificuldades.....	23
5.2. A dança como forma de superação individual e de valorização pessoal.....	26
6. A Identidade grupal e inclusão social: a importância das Relações Sociais.....	30
6.1. A socialização/cooperação e a importância do convívio.....	30
6.2. A criação de uma identidade grupal.....	33
6.3. A importância das relações de amizade extra-institucionais.....	36
Conclusão.....	41
Bibliografia	45
ANEXOS.....	50
ANEXO 1. Grelha analítica	51
ANEXO 2. Guião de entrevista.....	54
ANEXO 3. Inquérito por questionário.....	57
ANEXO 4. Entrevistas.....	61
ANEXO 5. Sinopse dos Inquéritos por Questionários.....	92
ANEXO 6. Desenhos.....	105

Introdução

Desde sempre o Homem se distinguiu dos animais pela sua capacidade de raciocínio e de comunicação, sendo a linguagem verbal um dos principais instrumentos que se foi desenvolvendo com o tempo e que lhe permitiu atingir um elevado nível de consciência e de desenvolvimento. A fala, porém, apesar da sua grande importância, não foi o único instrumento a ser utilizado pelo homem para se exprimir ao mundo, ele desenvolveu e aprimorou também outras capacidades.

O Homem, enquanto massa corpórea, simplesmente, e apenas através do seu corpo, tem a capacidade de transmitir algo, de comunicar com o exterior, este é possuidor de uma capacidade inata – a linguagem. Segundo alguns autores (Argyle, 1988) a linguagem não verbal – expressão facial e postural, gestual, etc. – é mesmo responsável por uma percentagem muito significativa da comunicação humana.

A linguagem do movimento surge assim como uma das mais antigas da civilização, até mesmo mais antiga do que a linguagem verbal. Segundo Sparshott (1988) “*there is a long tradition of considering dance to be one of the oldest or indeed the oldest of arts. It was viewed as existing prior to language and the other arts and, as such, was situated on the cusp of prehistory and humanity [...] As ‘the art of gesture’, dance constituted the first symbolic activity from which language and music stemmed (...).*” (cit. in Thomas, 1995:8). Na verdade, a dança é um acontecimento visível, no tempo e no espaço, que se transmite por signos, procurando sempre pôr em movimento o invisível, ou seja, o âmago de cada um de nós.

A Dança como forma de expressão e de comunicação

Desde os tempos primitivos que a dança veio possibilitar que o corpo fale, se expresse livremente e transborde para o exterior a interioridade de cada indivíduo, “*Dance came to be associated with formal ritual and rites of passage [...] Dance was treated as an essential component of primitive culture, a world inspired by fear and dread, which the primitives attempted to explain and control by magic and ritual means.*” (Thomas, 1995:8). A dança é encarada como o primeiro testemunho de comunicação criativa e com o passar do tempo esta tem vindo a assumir diferentes significados para os diversos povos, porém, à medida que as culturas se foram desenvolvendo e tornando-se mais civilizadas e racionais a dança começou a desempenhar um papel menos preponderante.

Nos tempos que correm, ainda existem locais onde a dança assume um papel importante, dando ênfase ao invisível, ao divino, e/ou servindo como forma de pedido ou

oração. A dança permite extravasar o que vai na alma de cada um, os seus medos, anseios e os seus desejos, mas já vão sendo poucos os povos que conseguem alcançar esse estado de libertação. Especialmente nos povos das antigas culturas, a dança desempenhou um papel muito importante ao nível da existência dos indivíduos, contudo nos países europeus a dança começou a restringir-se apenas a divertimentos sociais e a apresentações na sua forma artisticamente mais elevada.

Deste modo, as diferentes culturas ou civilizações encaram a dança de determinada forma e, conseqüentemente, a apropriação que é efectuada da mesma depende dos valores e ideais de cada povo, desde danças de origem cùltica, a danças populares ou a danças de encenação/contemplação, todas elas são válidas e têm o seu valor consoante a sua localização.

A defesa de uma sociologia da dança

É neste sentido que Thomas (1995) traz um grande contributo para a forma como se encara a dança enquanto objecto de estudo. O seu trabalho evidencia que, a sociologia da dança elucida não só como a dança é compreensível, sendo um aspecto de um contexto sociocultural da sua mesma criação, mas também como a dança constitui um significativo recurso para a compreensão do contexto em si mesmo.

A característica de mutação e transitoriedade que é associada à arte da dança, diferente de outros tipos de arte, como a literatura ou a pintura, que revelam uma aparência fixa, contribuiu para que esta se colocasse um pouco à margem na área das investigações sociais. A arte do movimento caracterizada pela sua subjectividade, pela metamorfose que se apodera dos corpos, quer no tempo quer no espaço, coloca grandes questões a quem observa: Como analisar e o que analisar. Se as artes têm sido marginalizadas na área da sociologia, a dança ainda tem tido um papel muito mais ingrato no meio intelectual. Em primeiro lugar, esse despeito surge pelo facto de ser arte, em segundo lugar, por se designar como uma actividade que posiciona o corpo no centro do discurso, e por último, como uma actividade que é vista como um modo de expressão e de representação maioritariamente feminina.

Enquanto o acto de dançar é marginalizado na tradição cultural dominante, este surge com bastante interesse para os grupos que assumem uma posição marginal na sociedade. O estatuto da “dança de periferia” ao nível das reflexões sociológicas reflecte a sua posição institucional marginal incorporada na cultura contemporânea. Os interesses da sociologia (a nível exterior) focam-se no carácter problemático da sociedade moderna industrial e a dança não parecia encaixar nesse conceito. O pós-modernismo vai criar um espaço próprio para a dança, os corpos e as mulheres, parte do seu potencial permanece na ênfase e na celebração

das diferenças as quais abrem a possibilidade a outras vozes de serem ouvidas e aceites como sendo legítimas. Se outros aspectos da cultura entram na investigação da sociologia, a dança também pode, uma vez que se mantém na variedade de contextos socioculturais.

“The intent is to maintain the integrity of an interpretive sociology as a mode seeing and analysing the social world on the one hand and, on the other, the specificity and reflexive character of dance as an art form.” (Thomas, 1995:23). Segundo esta perspectiva, pode-se analisar a dança através de duas vertentes, por um lado a aproximação extrínseca que examina o contexto social do desenvolvimento da dança, a dança é encarada como um facto social, que se cria dentro de um meio social particular e de um número de níveis diferentes mas interligados. A dança é encarada enquanto relação social no lado mais amplo da formação cultural. A aproximação intrínseca tem em consideração as qualidades que são específicas para a forma de dança, isto é, os seus componentes estéticos.

A dança como construção individual e social

Se por um lado a dança assume um papel fundamental ao nível dos diferentes contextos sócio-culturais, que importa investigar a fundo, também é de referir a perspectiva de Wosien que refere a importância da dança na interioridade de cada indivíduo. Segundo o autor, *“O homem vivencia na dança a transfiguração de sua existência, uma metamorfose transcendente de seu interior, relativa ao ser e também à elevação ao seu eu divino. A dança, como na forma de uma imagem característica e móvel, é o próprio sagrado.”* (2000:27). Na verdade, independentemente do local onde se está, a dança desenvolve um forte trabalho ao nível do interior de cada indivíduo, esta passa a ser um meio de autoconhecimento, de descoberta e de libertação tanto para o corpo como para o espírito de cada um.

Durante milhares de anos que o Homem utilizou de forma inconsciente, ou conscientemente, o movimento – a arte de dançar. Independentemente do local, do contexto, dos valores ou ideais, o Homem expressou-se sempre através do seu corpo e do movimento, e utilizou a dança como uma forma de bem-estar e satisfação. A sociedade industrial e a sociedade do conhecimento tem vindo a exigir cada vez mais do homem, quer em termos do nível conhecimentos, quer em termos do nível de desempenho. Todas estas exigências ao nível do universo racional provocam um desequilíbrio interno no homem criando, conseqüentemente, um sentimento de mal-estar e insatisfação.

Como afirma Wosien, *“Onde as funções do movimento estão perturbadas, evidenciar-se-ão conseqüências nos comportamentos de vida e vice-versa. É um facto: em quase todos os casos clínico-psiquiátricos, quer se trate de perturbações de comportamento psicógenas, ou*

condicionadas pelo meio, ou sejam prejuízos somaticamente condicionados, podem-se comprovar perturbações mais ou menos fortes das funções do movimento e do transcurso do movimento.” (2000:64).

Neste sentido, o autor considera que dado a interdependência e a conexão entre as funções do movimento e as funções psicofísicas, a dança tem num nível muito elevado, um significado terapêutico e de pedagogia de cura. *“Na pedagogia de cura, conhecemos as perturbações que frequentemente surgem em crianças e adultos, que não puderam satisfazer as suas necessidades de movimento. São, frequentemente, graves perturbações no processo de desenvolvimento geral dos movimentos físicos e espirituais (dismelia ou má formação dos membros na fase embrionária, hospitalismo, inibições e medos, dificuldades de contacto, etc.).*” (Wosien, 2000:64).

Com efeito, para além da sua vertente terapêutica evidenciando os benefícios psicológicos e espirituais que a dança pode trazer ao indivíduo (Payne, 2006, Chaiklin, 2009), é fundamental reclamar a sua vertente pedagógica, como muitos autores têm vindo a defender (Renaud, 1976, Nichols, 1994, Cone et al, 2007). Note-se que, em muitos locais, a dança já se utiliza como um meio educacional e funcional, desenvolvendo diversos parâmetros no indivíduo, tais como: adaptação, integração, equilíbrio, libertação, criatividade, relaxamento, disciplina, conhecimento, comunicação, expressão, socialização, crescimento cognitivo e emocional, etc.

Certamente que, o seu papel na sociedade vai muito mais além do que propiciar o movimento, a sua reprodução, ou ainda o divertimento, Donagh refere *“Ils ne dansaient pas pour divertir, ils dansaient pour élever, instruire, ou troubler”* (cit in Renaud, 1976:19), pois, a dança surge ainda como um instrumento para desenvolver a formação humana.

Reis (2004), no seu trabalho, mostra claramente o contributo da dança popular/tradicional para o desenvolvimento global e integral dos indivíduos. A dança tradicional, enquanto actividade física e rítmica, contribui de forma positiva para diversos factores, nomeadamente, para a manutenção dos mecanismos vitais, prazer na realização da actividade, desenvolvimento das capacidades anátomo-fisiológicas e psicomotoras básicas, descoberta de algumas capacidades no indivíduo, como a imaginação e a criatividade e, por último, melhoria do desenvolvimento global do indivíduo (factores educáveis), particularmente, o conhecimento do seu eu corporal, a relação com o próprio corpo e com os outros, o espaço, o tempo e a energia empregue em cada movimento.

A dança, enquanto instrumento pedagógico, irá contribuir para a formação da personalidade de cada indivíduo, possibilitando a sua auto-descoberta e, conseqüentemente, a

descoberta da comunidade. Este desenvolvimento da personalidade irá contribuir para que o indivíduo se sinta em harmonia interiormente e se sinta mais pré-disposto e capacitado para viver e integrar-se na comunidade (Wosien, 2000, Reis, 2004).

A problemática da integração/inclusão na sociedade tem vindo a assumir um papel cada vez mais de destaque na sociedade contemporânea e, por consequência, a dança também tem vindo a assumir uma posição-chave neste panorama. É de referir alguma literatura que fala na importância da dança enquanto forma de inclusão, (Meyer, 2005, Santos et al, 2008,) e projectos que têm sido desenvolvidos com o intuito de integrar determinados grupos-alvo, designadamente, população multicultural, de contextos sociais problemáticos, pessoas obesas, pessoas com necessidades especiais, etc. (Raino, 1998, Ramirez, 1998, Barral et al, 1998, Matos, 1998, Amoedo, 2004, Sarto, 2007).

Após esta reflexão, não resta nenhuma dúvida quanto à crescente importância que a dança tem vindo a desempenhar na sociedade, olhando para a sua vertente cultural, funcional, terapêutica, educativa ou pedagógica, é essencial que se continue a perceber os efeitos desta forma de arte na vida dos indivíduos. A investigação que se segue teve por base o estudo da Dança Oriental, mais conhecida por Dança do Ventre nos países do Ocidente. Denominada no Egipto de “Raks Sharky”, que significa literalmente “Dança do Leste” ou “Dança Oriental”, esta dança desenvolveu-se praticamente em simultâneo nas regiões do Médio Oriente e norte de África, sendo no Egipto que se verificou o seu auge. (Castro, 2004, Xavier, 2006).

Na década de setenta, a dança oriental introduziu-se na Europa devido à emigração de bailarinos árabes, no final do século XX este tipo de dança começou a despertar o interesse do Ocidente verificando-se um grande “boom”, quer ao nível da adesão por parte das mulheres, como ao nível da sua visibilidade na televisão, revistas e internet. Esta arte tem tido um grande impacto e uma forte evolução em praticamente todos os países do mundo. (Castro, 2004, Pereira, 2004).

A Dança Oriental ainda é uma modalidade de dança pouco estudada no mundo académico e, de facto, em Portugal existe muito pouco estudo acerca desta forma de arte. A bibliografia existente também é muito pouca, tanto a nível nacional, como a nível internacional. Neste sentido, ainda existe pouca documentação acerca desta temática que, sem dúvida, tem cada vez mais um papel importante na nossa sociedade. Para além deste crescimento, é notório que a prática deste tipo de dança traz benefícios a diferentes níveis para quem dança. Desde benefícios ao nível físico, como a coordenação motora e respiração, domínio e consciência do corpo, trabalho cardiovascular, tonificação muscular, correcção da postura (etc.), como benefícios a nível mental ou emocional, nomeadamente, aumento da

auto-estima, autoconfiança, feminilidade, capacidade de expressão, serenidade, melhor percepção do seu corpo, sensibilidade etc. (Castro, 2004, Pereira, 2004).

Com efeito, o desconhecimento desta arte, ou a pouca divulgação de trabalhos sérios sobre o assunto podem contribuir, muitas vezes, para a criação de ideias erradas. No entanto, tem-se verificado um pequeno esforço por parte dos profissionais da área, em informar a sociedade acerca das suas origens e dos seus benefícios, e lutar contra preconceitos, tabus, ideias malformadas, desconhecimento ou ignorância.

Utilizando o termo de Kaeppler (1998), a dança oriental será olhada enquanto “dança nómada”, isto é, uma tradição específica de uma determinada cultura ou região, que é transferida para outra região completamente diferente. Boas (cit. in Kaeppler, 1998) considera que a dança pode ser partilhada por grupos pertencentes a diferentes contextos culturais, não alterando o padrão cultural do local no qual se insere, tendo em conta que, apesar das diferenças óbvias, o corpo humano possui limitações inultrapassáveis no que diz respeito às suas capacidades de movimento.

O autor defende que esta deslocação implica que as criações de outras culturas são encaradas como “arte primitiva” na tradição ocidental, e sujeitas à influência dos conceitos ocidentais, tais como a categorização, estrutura, função ou estética. Efectivamente, a Dança Oriental, enquanto dança popular e folclórica nos países árabes, não desenvolve as mesmas funções, ou estas poderão variar, comparativamente às danças dos países do Ocidente. Deste modo, utilizando a perspectiva de Boas para o presente estudo, torna-se imprescindível analisar a dança, enquanto veículo cultural, e não como linguagem universal, procurando analisar os seus efeitos em cada cultura ou em cada grupo social determinado.

1. Projecto “Sentindo e Dançando” – Contextualização e Metodologia

Objecto estudo: dança e inclusão social

Esta investigação tem como objecto de estudo, explorar o impacto da dança na inclusão social de pessoas com deficiência. A dança é olhada segundo uma perspectiva instrumentalista (Rocha, 2004:134), onde o que se pretende averiguar não são os conhecimentos de cariz artístico e a sua vertente pedagógica, mas sim o papel da dança enquanto instrumento, que pode trazer determinados benefícios e desenvolver determinados aspectos consoante os problemas e as necessidades de determinado grupo. O presente estudo pretende ser mais um contributo, dos poucos que ainda existem, para o conhecimento aprofundado da realidade da Dança Oriental. O que está em causa não são as origens desta

dança, as alterações ou influências que tem vindo a sofrer, mas sim a influência desta modalidade num determinado grupo social.

Alguns estudos (Castro, 2004, Moro, 2004, Marques, 2004, Abrão et al, 2005) sobre a Dança Oriental têm vindo a marcar presença no mundo académico e evidenciam a importância que esta forma de arte assume para as mulheres que não pertencem ao mundo árabe. Alguns desses trabalhos mostram como este tipo de dança trouxe bastantes benefícios para as mulheres que praticam a modalidade, em termos da sua educação integral, levando a uma valorização da vida, melhorando a saúde e a qualidade de vida. Outros estudos vão ainda mais longe e encaram esta dança, como um instrumento de psicoterapia corporal, ou ainda como um instrumento de reconstrução da imagem corporal em mulheres obesas. (Moro, 2004, Marques, 2004, Abrão et al, 2005).

Por tudo isto, apesar de já se reconhecerem alguns efeitos e benefícios da dança oriental nas mulheres em geral, e tendo em conta as características e as particularidades desta dança, torna-se necessário investigar que tipo de influência produz em mulheres com necessidades especiais, dado que é uma área ainda pouco ou nada desenvolvida.

Reconhecendo que a Dança Oriental é uma produção cultural de cariz artístico, e tendo presente a crescente importância da dança na vida dos indivíduos, irá esta contribuir para o desenvolvimento de mulheres com necessidades especiais? Que tipo de desenvolvimento se verificará? Será que a sua prática terá alguma influência ao nível da construção identitária? Poderá esta forma de arte assumir-se como um instrumento de inserção social e lutar contra o preconceito e estigmatização a que este grupo social está sujeito?

Perante esta problemática, procura-se averiguar de que forma a prática de Dança Oriental, enquanto produção cultural de cariz artístico, promove o desenvolvimento individual e social de mulheres com necessidades especiais, contribuindo para uma melhor construção identitária e para a sua inserção na comunidade urbana. Procurando desenvolver e compreender melhor, o que se entende por desenvolvimento e inclusão na sociedade, dado o seu carácter abrangente, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses para orientar a pesquisa:

- 1.** A Dança Oriental é uma produção cultural que, permite às mulheres com necessidades especiais o desenvolvimento da auto-estima e autoconfiança e a construção de uma auto-imagem positiva.
- 2.** A Dança Oriental é uma produção cultural que, emerge como um processo de socialização e de relações interpessoais, quer dentro do universo da deficiência, como no contexto urbano que circunda esse mesmo universo.
- 3.** A Dança Oriental é uma produção cultural que, contribui para a construção de uma identidade grupal.
- 4.** A Dança Oriental é uma produção cultural que, promove nas mulheres com necessidades especiais o

exercício da cidadania, promovendo a igualdade de oportunidades e contribuindo para uma comunidade urbana mais inclusiva.

Metodologia utilizada

A escolha desta temática está relacionada com a grande proximidade que a pesquisadora tem com o tema, como aluna, praticante, bailarina e professora da modalidade em questão. Esta investigação desenvolveu-se graças ao projecto social “Sentindo e Dançando”, que foi proposto à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Elvas, tendo sido todo o projecto organizado e orientado pela pesquisadora, inclusive, a administração das aulas.

Quer isto dizer que, o projecto se definiu como o objecto de estudo desta investigação, tendo como público-alvo, mulheres com necessidades especiais, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos. A execução do projecto teve a duração de 10 meses e contou-se com participação de 16 utentes. Esta amostra foi constituída por três utentes com paralisia cerebral, uma utente com trissomia 21, uma utente com deficiência na comunicação (autista), uma utente com deficiência mental ligeira, oito utentes com deficiência mental moderada e duas utentes com dificuldades de aprendizagem/risco social.

A concretização da pesquisa assentou numa metodologia qualitativa ou compreensiva de cariz exploratório (Marconi, 1999, Guerra, 2006) e optou-se por uma amostragem por caso único, isto é, está-se perante uma amostragem de uma actividade (Guerra, 2006).

As metodologias compreensivas focam a sua atenção nos sentidos da acção social. Estas têm uma especial preocupação com o indivíduo e a sua acção: porque é que ele age, qual o significado que está por detrás da acção, como se reflecte essa acção no indivíduo e na sociedade, são várias as interrogações que se tornam pertinentes neste tipo de análise. Este trabalho de investigação procura conhecer e compreender as diferentes relações entre o comportamento e o seu significado.

As técnicas utilizadas na recolha dos dados foram técnicas qualitativas como a observação directa, a entrevista, o inquérito, por questionário, com perguntas abertas e o desenho.

Nesta investigação, a observação definiu-se como sendo uma observação estruturada – sistemática – com recurso ao diário e, ainda, participante. O facto de o investigador ser o investigado, poderia levantar-se como uma limitação, contudo, foi encarado como uma forma de melhor compreender o problema, dado o tipo de população a ser investigada. Houve uma relação de confiança estabelecida, o que contribuiu para uma boa relação com este tipo de

população especial, e permitiu que os participantes estivessem mais à vontade para se exprimirem, verbal e não-verbalmente. Apesar de ser uma população com dificuldades de expressão, também se trata de pessoas que têm menos inibições em relação ao que dizem. As entrevistas aplicadas às utentes que participaram no projecto, caracterizam-se por algum grau de profundidade e foram aplicadas individualmente.

Os inquéritos por questionários caracterizam-se pelas suas questões abertas, procurando averiguar as opiniões dos indivíduos de alguma forma ligados aos participantes, e foram aplicados a determinados actores-chave, considerados relevantes no acompanhamento do projecto e das utentes, nomeadamente, um técnico, um monitor e dois familiares por cada utente. O desenho surge como um instrumento complementar às entrevistas, e pretendeu-se não realizar uma análise psicológica, mas analisar o que as utentes representam no desenho, como projecção de aspectos importantes da sua vivência (Macara, 1999, Macara et al, 2003). O principal objectivo deste instrumento foi perceber de que forma elas representam a dança oriental e foi aplicado 2 vezes durante o projecto, a primeira vez realizou-se a meio do projecto e a segunda vez no fim do projecto.

Todos estes instrumentos permitiram recolher informações acerca da influência do projecto “Sentindo e Dançando” na vida das utentes, possibilitando verificar como estas encaram a dança, como foi para elas viver esta experiência, que implicações práticas se verificaram no seu comportamento, na forma como se vêem e como são vistas pelos outros, e que benefícios lhes trouxe o projecto, quanto à sua inserção na sociedade.

1. A Falta de Actividades Organizadas e Atractivas em Contexto Institucional

O reconhecimento da condição humana da pessoa com deficiência

Quando se olha para trás, na história da humanidade, verifica-se que as pessoas portadoras de necessidades especiais, nunca tiveram um papel fácil na nossa sociedade, pois, estiveram sempre ligados a sentimentos de rejeição, medo e vergonha. Estes foram sempre estigmatizados devido à ignorância, preconceitos e tabus que prevalecem no nosso quotidiano. Colocados à margem, porque não conseguem servir a sociedade, não conseguem realizar os papéis impostos por esta e, por essa razão, denominados de improdutivos. As pessoas com deficiência, definem-se como um grupo que tem vindo a crescer significativamente, encaixa-se na categoria da “nova pobreza”, a qual é caracterizada por Capucha (1998) como sendo um grupo alvo de pobreza e exclusão social que vive numa situação de marginalidade na sociedade.

A exclusão social assenta as suas ideias no Estado de Direito, onde todos os indivíduos têm a obrigação de cumprir os seus deveres e de reivindicar os seus direitos, “[...] inscritos nas estruturas sociais [...] expressam os grandes consensos que fundam os compromissos entre os membros de uma sociedade.” (Capucha, 1998: 210). Muitos documentos têm contribuído para um avanço civilizacional, no que diz respeito ao reconhecimento da condição humana da pessoa com deficiência, levado a cabo por várias entidades como é o caso da UNESCO (1977), ONU (1980/81) e a Constituição da República Portuguesa (1976/89) (cit. in Vieira et al, 1996:16).

Sasaki (2008) descreve a evolução histórica das pessoas com necessidades especiais, mostrando o conjunto de fases que caracterizam a sua existência, particularmente, a exclusão, a segregação, a integração e, posteriormente, a inclusão. Estas fases mostram o menor ou maior reconhecimento que se tem vindo a atribuir a este grupo, tendo como referência os seus direitos fundamentais e os direitos de igualdade de oportunidades. A pessoa com necessidades especiais, como todas as outras, tem direito à vida, ao trabalho, à educação, à recreação, às actividades culturais, à participação e transformação social, à integração na comunidade, etc.

Mas será que neste momento, se pode considerar que se vive numa sociedade que procura garantir todos os direitos fundamentais às pessoas com necessidades especiais e integra-las gradualmente na sociedade? Será que gozam da igualdade de oportunidades? Neste sentido, na óptica de Santos é necessário apostar numa recuperação digna que procure “*restituir à criatura as condições humanas a que tem direito.*” (cit. in Vieira et al, 1996:167).

Naturalmente que a instituição social desenvolve um papel importantíssimo, garantido que este tipo de população usufrua de uma vida digna e com qualidade, oferecendo-lhe alguns meios e contribuindo para o seu bem-estar. No entanto, o presente estudo constatou que a área cultural, ou artística, é menosprezada ou considerada menos importante em comparação com outro tipo de actividades realizadas na própria instituição.

No que diz respeito às actividades existentes no Centro de Actividades Ocupacionais da instituição em questão, verifica-se uma focalização nas actividades manuais, nas actividades da vida diária e nas actividades terapêuticas (equitação, natação, actividade motora adaptada). Note-se que, relativamente às actividades culturais, estas não assumem grande relevância na instituição, o rancho é a única actividade cultural que se desenvolve de forma mais estruturada e com algumas pequenas apresentações no exterior.

Quanto à expressão dramática e corporal, surgiu recentemente, não é realizada de forma sistemática e organizada, e a sua prática apenas prevê a sua execução dentro da instituição, sem ter grandes ambições ao nível do contacto com o exterior e da divulgação do

trabalho realizado pelos utentes. Está-se perante actividades pouco estruturadas, com pouco alcance ao nível dos objectivos pretendidos e das ambições do projecto, definindo-se apenas dentro do quadro limitado da própria instituição ou no universo da deficiência.

É notório, no discurso das utentes, a satisfação em relação ao projecto de dança oriental e o reconhecimento de que na instituição existe pouca oferta ao nível de actividades culturais, ou artísticas, queixando-se de alguma monotonia no seu quotidiano. Referem que se verifica uma tendência para o fim de actividades que são interessantes e pouco investimento por parte da instituição nesse âmbito. No seu discurso é visível o descontentamento e aborrecimento, com o tipo de actividades que fazem, e a vontade de fazerem actividades diferentes, mais dinâmicas, onde possam aprender coisas novas, diferentes, movimentadas e animadas.

*“Não... nunca fiz (dança) ...só fisioterapia. **Mas gostavas?** Sim... gostava... era outra actividade. Aqui as actividades são muito poucas... Tiraram os computadores... e pronto foram tirando tudo.”*“Gostei muito... porque era uma coisa nova e diferente que nós não estávamos habituadas (...) Por acaso, Adorei (dançar dança oriental). Faz muito bem mexer o corpo... nós aqui estamos sempre sentados.”“ Porque era uma actividade nova e nós gostamos de fazer coisas novas. Não é sempre a fazer o mesmo.”“Foi muito bom... e era para haver mais (dança oriental). Com aquele ginásio grande que está mal empregado. Era bom haver para não ser sempre a mesma rotina.” (E1)

“A APP quase nunca tem nada, assim dançaram, assim foi bom você apareceu para animar o pessoal todo.” (E2)

“Porque não havia nada para dançar e a gente não fazia nada, então só íamos para o rancho.” (E3)

*“E depois juntava-me com elas (na dança) e saía da escolarização, porque estava cansada de estar lá a fazer fichas. **E preferias ir dançar?** Para aprender coisas novas e no fundo aprendi.”* (E4)

“Foi uma óptima ideia que a professora teve. Porque antes só existia o rancho, e depois veio a professora dar dança oriental e para mim foi um sonho. Eu nunca tinha dançado danças orientais e gostei de experimentar.” (E5)

“Não gosto muito daquela sala dos trabalhos manuais, não gosto de estar ali é aborrecido. Já gostei mais... agora já não é tanto.” (E6)

“...até sonhei com a dança. Sonhei que havia de haver mais dança”“Porque gostei da dança. Havia de haver mais dança aqui na APP. Temos que nos mexer mais.” (E8)

“Porque foi uma coisa que nunca se fez lá...havia os computadores e o rancho mas dança oriental nunca houve. Foi uma coisa diferente.” (E16)

É explícito no discurso de todas as utentes, o interesse pela nova actividade e a satisfação que obtiveram ao realizá-la. Apenas 9 utentes das 16 pertencem ao grupo do rancho ou têm aulas de expressão corporal. Este projecto surge como uma “lufada de ar fresco” para estas mulheres, onde elas tiveram a oportunidade de fazer algo único, diferente, de se divertirem e, acima de tudo, terem a possibilidade de aprender algo. Todas elas demonstraram

vontade de o projecto continuar a existir na instituição, dado que é encarado como uma mais-valia para elas, quer em termos de conhecimento como de novas experiências.

*“Adorava (...)! **Porquê?** Porque gostava de fazer movimentos ao corpo... mexer as pernas, os braços, dobrar-me...” (E1)*

“Sim...até era fixe dançar. Cada vez que dançavam não andavam à chapada. Quando não havia dança andavam à chapada. Era bom assim eu também podia dançar aqui dentro (...).” (E2)

“Foi uma ótima ideia que a professora teve.” “Sim, gostei porque dancei na dança oriental, aprendi muitas coisas.” “Gostava que continuasse a dança porque era uma alegria para mim.” (E5)

“Porque você teve a ideia de pôr a gente a dançar e aprender muita coisa.” “Sim (queria que continuasse) ...porque gostava muito da dança.” (E7)

“Sim...porque o [...] deu-me os parabéns...disse muitos parabéns gaiatas...continuem a fazer mais. E eu fiquei toda contente. Porque todas...até a [...] começou a rir...toda a gente diz...façam mais...até o meu namorado me deu os parabéns e me deu um beijo.” “Sim (queria que continuasse) porque gostei, gostava que houvesse mais dança.” (E8)

“Gostei (das aulas) ... porque fazia muita coisa e porque conheci muito sobre a dança do ventre.” “Querida que continuassem... porque tu nos podias ensinar muito na dança.” (E9)

“Sim...porque fico contente, alegre.” “Sim...era bom...porque gostava de ir dançar a outros sítios.” (E11)

“Foi boa ideia (haver aulas), porque a gente gostou muito e divertimo-nos muito.” “Gostava que continuassem para nós dançarmos mais.” (E12)

“Foi boa ideia (haver aulas) ...porque ensinaram a gente a ensaiar.” “Sim, eu gostava que continuassem... porque eu gosto de dançar e aprender.” (E15)

“Sim (queria que continuasse), porque era uma coisa que nós estávamos a aprender nova.” (E16)

É de realçar o facto de, estas utentes não se deslocarem para escolas de dança, academias ou outro tipo de entidades recreativas ou culturais, a sua vida passa-se dentro daquela instituição, e não se proporciona, ou surge a oportunidade, de frequentar outro tipo de espaços públicos. Das 16 utentes que participaram no projecto, nenhuma tinha antes praticado Dança Oriental, nem sequer tinham praticado dança noutros locais para além da instituição, talvez devido às ideias pré-concebidas que existem na nossa mente, preconceitos e tabus que levam os indivíduos a pensar e a agir de determinada maneira. Uma utente chega a expor a sua dificuldade, e falta de oportunidade, de poder frequentar outro tipo de espaços, devido à sua deficiência *“sempre foi o meu sonho dançar, porque nunca tive oportunidade de dançar em mais lado nenhum, em nenhum clube, e só tive oportunidade da dança aqui na APP.” (E5)*

A exclusão social surge no seio da sociedade, porque esta não está capacitada para oferecer a todos os indivíduos as mesmas condições de vida, isto é, a possibilidade de estes beneficiarem dos seus direitos e de exercerem os seus deveres. A exclusão social pode estar

inscrita tanto nas instituições sociais, políticas e económicas como na própria mente das pessoas. Este tipo de população apresenta algumas dificuldades de acesso às actividades de cariz cultural, tanto ao nível da comunidade, que se mostra completamente inacessível, como dentro da instituição que frequenta, dado a sua reduzida oferta e a falta de aposta em actividades culturais e artísticas. Desta forma, verifica-se que estas pessoas vêem o seu estatuto de cidadão reduzido ou limitado, isto é, são impedidos de participar nos padrões de vida tidos como aceitáveis na sociedade em que vivem.

A importância das actividades culturais e artísticas

“Os Países-Membros devem garantir que as pessoas com deficiência sejam incluídas em actividades culturais e possam participar nelas numa base igualitária. (...) Os Estados membros deveriam garantir que as pessoas deficientes utilizassem totalmente o seu potencial criativo, artístico e intelectual, não só para benefício próprio mas também para enriquecimento da comunidade, situada em zonas urbanas e rurais. Exemplos de tais actividades são a dança, a música, a literatura, o teatro, as artes plásticas, a pintura e a escultura. (...)” (Art. 135º do Programa Mundial de Acção Relativo às Pessoas Deficientes)

O direito à cultura e à recreação têm sido dos direitos menos referidos no quotidiano das pessoas com deficiência, o seu reconhecimento foi tardio, contudo, não deixam de ter um papel relevante na vida destas pessoas. Sasaki (1999) refere que só a partir da década de 80, começou a haver uma maior mobilização das actividades desportivas, turísticas, recreativas e de lazer, destinadas para este tipo de população, verificando-se uma melhoria significativa do seu acesso a este tipo de actividades e uma maior visibilidade e contacto social.

Na instituição em questão verifica-se ainda uma lacuna, no que diz respeito às actividades culturais e artísticas; neste sentido, o projecto de dança oriental permitiu dar acesso a este tipo de população de uma actividade que, eventualmente, no seu quotidiano, nunca teria oportunidade de realizar. As respostas de alguns pais, técnicos e monitores mostram como o projecto foi positivo para as utentes, no sentido de abrir caminho numa área invulgar e inovadora e mostrar como esta população também consegue e interessa-se por este tipo de actividades.

“Este projecto permite mostrar à população em geral que as jovens com deficiência gostam das mesmas actividades e têm apetência para elas. Deveria ser mais divulgado (...).” (I5-Técnico)

“Maior disponibilidade para aceitar novos desafios e a sociedade ter conhecimento deste tipo de actividades em indivíduos com necessidades especiais.” (I12-Técnico)

“Possibilitou-lhe ter experiência na área da dança e estar com outras pessoas.” (I29-Monitor)

“Porque lhe foi dada a facilidade de elas fazerem coisas que pensavam que nunca podiam fazer.” (I30/I31-Monitor)

“Devia haver mais pessoas a dar aulas a estas pessoas porque para eles é muito importante aprenderem coisas novas. As outras pessoas gostam muito de ver os espectáculos de dança” (I40-Familiar)

“Foi um espectáculo bonito e que devia haver mais, tanto as aulas como o espectáculo.” (I45-Familiar)

“A [...] realizou um sonho: o de subir a um palco perante um público. Isso fez com que a [...] não se sentisse diferente, mas sim igual a qualquer ser humano.” (I49-Familiar)

Sasaki refere ainda que, durante muito tempo não se reconheceu que as actividades de lazer e recreação tivessem a mesma importância que a fisioterapia ou outro tipo de actividades e, de facto, ainda continua a persistir esse tipo de perspectiva, apesar de já existirem alguns estudos que vão contra essa ideia. *“Estudos realizados nos anos 80s (...) indicam que o lazer e a recreação são factores importantes no processo de reabilitação (...) a prática do lazer de variados tipos podem melhorar o desempenho numa ampla gama de áreas, tais como a saúde, a resistência física, a motivação e a auto-imagem.” (1999:87).* Neste sentido, os vários actores que rodeiam os utentes, mencionaram o papel fundamental da dança no seu desenvolvimento individual, na criação de bem-estar e na criação de uma auto-imagem positiva na comunidade, enaltecendo as suas capacidades.

“ (...) apesar da sua deficiência e limitações motoras têm dificuldade em se mostrar e as actuações foi uma forma de mostrar que as utentes mal ou bem também conseguem fazer, mostrando à comunidade o seu trabalho.” (I3-Técnico)

“Eu considero importante para o desenvolvimento corporal e psicológico.” (I8- Técnico)

“Contribui para uma maior e melhor inclusão na comunidade/sociedade visto que as utentes sentem que têm um papel activo e participativo nos eventos proporcionados.(...) Penso que esta dança promove e trabalha a auto-estima e auto-confiança de cada uma das participantes e conseqüentemente as relações intra e inter-pessoal.” (I13)

“A dança oriental foi um bom projecto para este tipo de pessoas, porque com este projecto sentiram-se úteis para alguma coisa e perante as outras pessoas.” (I22-Monitor)

“Penso que o projecto deveria continuar e quantos mais, melhor para o desenvolvimento deles.” “O projecto contribuiu para a igualdade porque permitiu mostrar o trabalho delas e mostrar que não são só as pessoas sãs que conseguem e que as pessoas com deficiência também conseguem fazer. Contribuiu ainda para uma maior abertura no exterior relativamente a esta população, mostrando que o diferente não é tão diferente.” (I27-Monitor)

“Ajudou bastante, porque nestes dias que praticavam sempre se sentiam mais ocupados e a professora fazia-os sentir mais seguros de si.” (I39-Familiar)

“Assim as outras pessoas puderam ver que “estas pessoas” também fazem coisas bonitas. Que apesar de terem muitos problemas também conseguem fazer coisas bonitas.” (I41-Familiar)

“O projecto foi importante, uma vez que deu a ver à comunidade o trabalho desenvolvido. Da parte das utentes, penso que a exposição pública (acrescida do facto de terem recebido aplausos) fez-lhes sentir que o seu trabalho foi reconhecido. Da parte da comunidade foi um passo para a aceitação da diferença.” (I50-Familiar)

Denota-se uma pequena evolução ao nível do desenvolvimento de actividades culturais e recreativas, nos dias que correm, todavia, estas são desenvolvidas especialmente para a população com necessidades especiais. Estas actividades ainda se desenrolam de forma bastante restrita, remetendo para a *“institucionalização de soluções segregadas”*, pois, são actividades exclusivas para este tipo de população e não prevêm a interacção com o exterior, ou com os diversos actores da comunidade/sociedade. O projecto de dança oriental surge neste contexto, como uma forma de providenciar a este tipo de população a participação social e a integração na comunidade, promovendo a interacção com o exterior, isto é, com outras pessoas que não dizem respeito ao universo da deficiência.

“Ao desempenhar esta actividade com outro tipo de comunidade foi bom para o seu comportamento e sentiu uma igualdade de oportunidade. (...) Foi positivo. Sentiu-se integrada na sociedade pois teve oportunidade de fazer algo comum e que conseguia e lhe deu algo positivo.” (I2-Técnico)

“Permitiu o contacto com outras pessoas e novas experiências.” (I9/I8/I7- Técnico)

“Se o projecto tivesse uma maior duração talvez fosse possível melhorar a sua inserção social e até profissional.” (I11-Técnico)

“O projecto é bom porque vai permitir que as utentes frequentemente outros espaços que não estejam limitados à instituição, porque elas gostam muito de participar e conhecer outras realidades. Ajuda-os a saber estar diante de outras pessoas e ajuda as pessoas do exterior a conhecerem a realidade da deficiência uma vez que existe muito desconhecimento em relação a este universo, a quebrar os preconceitos e a quebrar o medo e receio que as pessoas têm da deficiência.” (I26-Monitor)

“Uma vez que tive a oportunidade de assistir ao culminar do projecto, posso afirmar que as utentes que participaram sentiram-se iguais. (...) a dança oriental é uma dança linda que se deve promover e ajuda imenso os participantes a sentirem-se bem consigo mesmos, sentem que fazem parte de um todo.” (I32-Monitor)

“Achei que esta dança trouxe à [...] uma grande alegria, nesse dia se calhar sentiram-se iguais a outras pessoas. O espectáculo foi uma autêntica maravilha para a [...] foi uma realização pessoal muito boa.” (I38-Familiar)

“Notei que ela se achava inserida no espectáculo e também notei que se preocupava se as pessoas tinham gostado quando de lá saiu foi a pergunta que me fez. (...) O público que estava presente manifestou muito gosto no espectáculo pois esteve lindo.” (I37-Familiar)

“Ela sentiu-se bem, tiveram a oportunidade de fazer algo bonito. Devia-se fazer mais para elas se sentirem bem com elas e porem-nos no meio das outras pessoas para combater os preconceitos.” (I46-Familiar)

“Foi um projecto em que todos os participantes mostraram o que tinham aprendido e se sentiram inseridos” (I49-Familiar)

O projecto de dança surge como um processo que oferece uma igualdade de oportunidades a este tipo de população, de certa forma afastado do mundo social e do mundo cultural e artístico. Deste modo, o projecto proporcionou a participação numa actividade de cariz cultural e artístico e, conseqüentemente, o desenvolvimento do seu potencial criativo,

artístico e intelectual, possibilitando ainda, uma convivência geral com a comunidade, onde foi possível abater preconceitos relativamente à questão da deficiência mental. Esta actividade contribuiu assim, para uma verdadeira inserção social deste grupo, em situação de exclusão social, permitindo (...) *o acesso aos direitos de cidadania e à participação social e, por outro lado, (...), disponibilizando-lhes os meios, dando-lhes apoio e criando os lugares sociais onde se possam colocar.* (Capucha, 1998: 214).

2. O Papel Funcional da Dança: A Sensação de Bem-Estar

A importância do movimento na vida dos indivíduos

Como afirma Wosien (2000) “*Vida é movimento*” e por isso mesmo, o Homem não pode estar sem se movimentar, é indispensável, que dedique algumas horas da sua vida ao exercício físico. A sociedade contemporânea peca por ser muito sedentária, por relegar para segundo plano o corpo e o seu bem-estar físico. Segundo o autor a actividade física assume um papel fundamental no bem-estar dos indivíduos, sendo-lhe atribuído o papel terapêutico e de pedagogia de cura.

Voltando ao estudo de caso em análise, é interessante verificar que, de facto, o movimento ocupa algum destaque na vida das utentes. Por um lado é notório em alguns discursos, como foi referido anteriormente, o desagrado pelo seu quotidiano na instituição, ser bastante monótono, com pouco dinamismo e diversidade de actividades. Por outro lado, note-se que, seis utentes evidenciaram no seu discurso que, a dança é algo que está presente na sua vida desde a infância, surge como algo associado ao sonho, à fantasia, ou então que faz parte do seu quotidiano familiar, dançam em casa com os pais ou irmãs, nas festas, nos bailes ou ainda contemplam a dança nas novelas que passam na televisão.

Porém, a dança surge nas suas vidas como algo informal, que fazem principalmente em casa ou num contexto familiar. Como refere Pereira “*A família desenvolve uma função importante enquanto espaço onde os seus membros podem descontrair e ser eles próprios.*” (1998:38). De facto, a família pode surgir como o único espaço recreativo, onde este tipo de população faz aquilo de que gosta, neste caso dançar, dado que se encontra impossibilitada de dançar noutros sítios. Não obstante, nem sempre a família proporciona esse tipo de espaço recreativo. A televisão surge ainda como um meio de abertura destas utentes ao exterior, de conhecerem realidades que são desconhecidas e que muito dificilmente poderão vir a fazer parte das suas vidas, pois, é difícil este tipo de população frequentar uma academia ou escola de dança para aprender Dança Oriental.

“Nós vemos TV. Tanta gente a dançar... elas dançam de qualquer maneira...uma perna para aqui, um braço para o outro lado...e aqueles vestidos...aquelas festas. Eu gosto muito da dança da novela da SIC... Caminho das Índias... Eu gosto muito dessa dança de ver as meninas a dançar...” “A minha mãe dança muito bem... e ela costuma meter a música e dança comigo... e gosto muito... e divirto-me.” (E1)

“(...) sempre gostei de dançar desde pequenina e de ouvir música.” (E2)

“(...) Queria aprender a dançar com a espada... porque acho lindo. Vi numa novela... O Clone. E gostei muito de ver.” “(Quando dança pensa) Nas novelas do Clone e do Caminho das Índias... pensava nas meninas a dançar.” (E4)

“(...) gosto de fazer bailes, gosto de ir às festas...e dançar lá nas festas.” (E7)

“(...) me habituei a dançar e já não passo sem dançar...habituei-me desde pequenina...via as raparigas na TV a dançar e olha...já não parei.” (E8)

“Eu quando vejo a novela das Índias eu vou logo dançar.” “ (...) eu tenho cds e então danço e às vezes canto. Eu punha-me a dançar a dança do ventre e a minha irmã também dançava igual a mim.” “Quando vou para a minha casa vou logo a dançar.” (E14)

“Eu fui à praia e dancei muito lá, está gravado na cassete.” (E15)

“Via na Tv. e gostava de as ver dançar” (E16)

Movimento como sinónimo de bem-estar

Pegando na definição de dança, esta é designada como “ (...) *uma sequência de gestos, passos e movimentos corporais dentro dum ritmo musical, constituindo uma coordenação estética de movimentos corporais, implicando forçosamente uma linguagem gestual, de movimento.*” (Reis, 2004:180). Segundo Reis a dança é uma actividade expressivo-motora que funciona em articulação com a música, os gestos e a emotividade. Para que o movimento aconteça é necessário que exista um conjunto de estímulos externos e internos, que provoquem uma reacção, ou resposta, por parte do indivíduo, alterando o seu estado energético. Esses estímulos são de natureza física ou psíquica, e fazem apelo às diferentes capacidades do indivíduo, trazendo consigo momentos de prazer, satisfação e bem-estar. Na verdade, os vários actores-chave verificaram um forte estímulo, que se reflectiu no interesse e entusiasmo demonstrado pela actividade; efectivamente, este superou as limitações físicas e mentais existentes nas utentes, e a falta de assiduidade e a falta de participação/interesse nas actividades em geral de algumas utentes específicas.

“A [...] mostrou muito interesse nas aulas e esforçou-se bastante.” (I7-Técnico)

“A aluna tem expressado a sua vontade de assistir às aulas apesar das suas limitações e sempre com grande interesse.” (I4-Técnico)

“Interesse por uma actividade original pois a utente tem pouca iniciativa para novas actividades.” (I3-Técnico)

“A [...] é uma utente que tem uma assiduidade muito baixa às actividades (...) no entanto a dança foi desenvolvida com interesse por esta utente.” (I10-Técnico)

“(...) a utente adorou a dança oriental da qual sempre demonstrou muito entusiasmo e era uma aluna assídua.” (I22-Monitor)

“A utente mostrou bastante entusiasmo na actividade, trazendo as suas próprias coisas. Ela participa muito pouco nas actividades em geral e a dança foi das actividades que mais a cativou.” (I28-Monitor)

“Revelou também um grande entusiasmo pelo projecto, sentindo-se parte activa do mesmo. Isto foi importante, na medida e que a [...] costuma demonstrar uma certa apatia e indiferença perante outras actividades.” (I50-Familiar)

“O que eu sinto em relação às minhas alunas é que elas não se preocupam se fazem bem ou se o movimento é perfeito. Acima de tudo elas divertem-se a dançar e a aprender. Põem de lado as suas limitações e não deixam de fazer as coisas, ou não estão sempre a dizer que é difícil ou que não conseguem fazer, como acontece muitas vezes com as mulheres que não têm necessidades especiais.” (cit. in diário de observações)

Efectivamente, quando se pergunta se gostam de dançar, todas elas respondem que gostam e referem-se à dança como algo muito positivo e bom nas suas vidas, algo que lhe traz uma enorme satisfação e bem-estar. As expressões enunciadas pelas utentes relatam benefícios no campo emocional associados ao acto de dançar: *“Fico contente, estou feliz, é bom, é divertido, fez-me bem...deixava-me feliz e fico alegre, sentia-me bem na dança...contente e feliz, sentia-me contente, divirto-me e estou contente, gosto de ouvir música e fico contente, estou feliz quando danço, divirto-me, sentia-me bem...alegre, sinto-me bem”*. A dança é encarada como algo que faz bem ao corpo e ao espírito, proporcionando momentos de alegria, diversão e felicidade. Também os monitores e os familiares, talvez devido à sua maior proximidade, perceberam o quanto essa actividade influenciou as utentes: *“quando saía dos ensaios vinha contente e dizia”, “muita alegria por ir praticar a dança”, “andava entusiasmada e envolvida na dança. Antes dos ensaios andava eufórica, ia contente e vinha contente das aulas.”, “depois da aula vinha mais alegre e desinibida.”, “A utente gostava muito de ir aos ensaios”, “andava eufórica e contente e falava muito comigo sobre os ensaios.”, “Andava mais feliz porque gostava das aulas de dança”, “No dia que tinha aula vinha mais contente.”, “Andava mais contente e gostava muito de dançar”, “Andava entusiasmada, não se calava com a dança do ventre.”, “no dia do espectáculo estava contente. (...) ela adorou participar e realizou-se a fazer estas coisas, ficou satisfeita”, “encontra-se mais contente e feliz em realizar algo que nunca tinha feito.”*

Através destes excertos é evidente que a sensação de bem-estar proporcionada pela dança é sentida e expressada tanto pelas utentes, como também é percebida quer na sua sala de aula pelo monitor, como no seu meio familiar. É ainda de referir que, analisando os desenhos realizados pelas utentes é bastante visível, na expressão facial da figura humana, os sorrisos desenhados mostrando a alegria e satisfação que têm quando dançam.

Para além de as utentes afirmarem que a dança permite que todas elas se sintam bem, relatando que a sua prática contribuiu para elevar o seu estado anímico, de facto, algumas utentes chegam mesmo a ter consciência de como a dança teve um papel fundamental no seu comportamento e na sua vida. Todas elas referem que a dança “lhes fez bem”, notando

alguma melhoria em determinado aspecto da sua vida. Como afirma Pereira “Estas actividades [recreativas] vão de encontro às necessidades psicossociais da criança e do jovem com deficiência, e favorecem o vivenciar de experiências com os seus pares.” (1998:38).

“Sentia-me liberta... porque também sou tímida e fez-me bem.” (E1)

“Acho que sim... ficava mais calma... parecia que tinha tirado um peso de cima.” (E4)

“E porque me fez bem aos meus nervos.”“(...) e faz-nos bem à saúde.” (E5)

“(O que trouxe de bom?) Fiquei mais leve...alegria.”“**E quando saías da dança apetecia-te fazer os trabalhos? Não...estava com vontade de dançar mais...saía das aulas mais leve.**” (E6)

“Tirou um peso de cima de mim... sinto-me bem a dançar, faz-me bem, sempre a rir.”“Sinto-me feliz e contente...a dança fez-me bem, sinto-me bem.” (E8)

“Sentia-me mais calma (...) Vinha leve e calma e ficava a descansar na sala e lá em casa também.” (E12)

Na verdade, no discurso dos pais, técnicos e monitores, também é possível apurar os efeitos da dança nas utentes e o seu papel funcional e benéfico. Deste modo, constata-se que existem determinados benefícios, quer ao nível emocional “*Mais motivação*”, “*Entusiasmo*” “*elevado nível de satisfação*”, “*entusiasmada nas actividades*”, “*mais auto-estima*”, quer ao nível comportamental, “*está menos tímida, mais aberta, mais leve na dança.*”, “*alguma segurança com ela própria, uma desinibição perante os outros*”, “*pode ter melhorado alguns comportamentos diminuindo a impulsividade*”, “*Mais desinibida na presença de desconhecidos*”, “*Mais confiança.*”, “*Mais calma*”, “*mais independência*”, “*houve uma mudança notável de humor*”, “*mais desinibida e adquiriu mais conhecimentos*”, “*mais extrovertida e aberta com os colegas*”, “*mais activa, participativa*”, “*mais participativa e dinâmica*”, “*está mais calma, mais dócil e meiga*” e, por último, ao nível da linguagem corporal e verbal, “*passou a movimentar-se mais e a interagir*”, “*(Influenciou) ao nível de movimentos corporais e mais à vontade*”, “*foi bom para o desenvolvimento do seu discurso*”. (vide in anexos)

3. O Gosto pela Dança e pela Aprendizagem: Uma Mais-Valia

A valorização do conhecimento proporcionado pela dança

Para a autora Reis “*As actividades expressivo-motoras, desde sempre, foram consideradas entre as mais educativas, tornando-se num instrumento didáctico na escola e na vida social*” (2004:180). Na verdade, na sua perspectiva, as danças tradicionais contribuem para o desenvolvimento global do indivíduo e, ainda, para o desenvolvimento da educação rítmica levando o indivíduo a reconhecer a beleza do movimento humano, a reconhecer a melhoria da sua educação estética e atingir uma gratificação, quer individual, quer colectiva, que se associa a um êxito alcançado.

Como já foi referido anteriormente, as utentes encaram as aulas como uma mais-valia em termos de conhecimento. Todas elas reconhecem que aprenderam a dançar, e essa utilidade das aulas é bastante visível nos seus discursos. É de realçar a capacidade de, pelo menos metade delas, identificarem que aprenderam a “dança do ventre” e não outro tipo de dança qualquer. Mostram a sua capacidade de associação e de identificação da dança ao nome, à roupa e à cultura.

“Aprendi muita coisa nova...bué coisas. Eu gostei muito de tudo. Aprendi movimentos da novela da Jade. Foi bué fixe!” (E6)

“Aprendi a dançar...a dança do ventre...com o cinto, aquele...e a saia.” (E10)

“Gestos...da dança do ventre”. (E11)

“Aprendi a dançar... a ensaiar a música do ventre, as nossas músicas.” (E15)

“Aprendi a dançar, mesmo que não fosse muito...aprendi a dançar algumas coisas sobre isso (dança do ventre).” (E16)

Todavia, o seu conhecimento não fica apenas por esta simples identificação, pois, muitas delas conseguiram especificar as diferentes partes do corpo que são movimentadas na Dança Oriental. A maior parte delas vai ao pormenor dos movimentos que foram efectuados nas aulas, especificando concretamente as partes do corpo utilizadas em cada movimento característico da dança.

“Aprendi a dançar... umas vezes fazia bem outras vezes fazia mal (...) e de mexer os maxilares e o resto do corpo.” “Mexer... mexer as pernas, os braços, as mãos porque faz falta.” (E1)

“A dançar com as mãos na cintura...aprendi muita coisa linda.” (E4)

“Aprendi muita coisa...aprendi a mexer a cintura, a pôr a mão na cabeça, a dançar de lá para cá... Fizemos a dança das velas e a outra...foi muito bonita!” (E5)

“Aprendi a mexer a anca, a cabeça e a tremer as pernas...foi muito fixe.” (E7)

“Aprendi a dançar...a fazer os movimentos, com as pernas, os braços, a anca.” (E8)

“Aprendi a dançar com as minhas colegas a dança do ventre e a mexer o corpo.” (E9)

“Aprendi a dançar a dança do ventre.” “(...) porque estava a aprender coisas novas...a roda, pôr as mãos na cabeça, na cintura e outras coisas...mais coisas.” (E12)

*“(O que mais gostou foi) A dança do ventre...para aprender.” “(Aprendeu a) Dançar... **O que?** (A utente fez os movimentos com os braços, as mãos, a cabeça.)” (E13)*

“Aprendi a dançar, a mexer o corpo...a mexer o corpo todo e as mãos.” (E14)

Efectivamente, está-se perante uma população que apresenta determinadas dificuldades a vários níveis, no entanto, a dança surge como uma forma de aprendizagem, algo que proporciona conhecimento e que permite superar esses mesmos obstáculos ou

limitações. “Apesar deste tipo de população ter limitações físicas e mentais, dificuldades de coordenação motora, dificuldades de concentração, dificuldades de disposição no espaço e movimentação, com o tempo começam a ver-se os resultados. (...) O que é certo é que, estas alunas tendo em conta todas as suas limitações, com o tempo vão aprendendo os movimentos, aperfeiçoando, fixando e também conseguem acompanhar o ritmo de um espectáculo. Todas elas conhecem os passos, conseguem efectuar os movimentos (umas melhor que outras).” (cit. in diário de observações).

Quanto à perspectiva dos técnicos, estes também reconhecem a importância que a dança teve para o desenvolvimento das utentes. Para além de, esta ser encarada como uma nova experiência e uma nova aprendizagem alargando os seus horizontes, ainda contribuiu para uma melhor noção do esquema corporal e conhecimento do seu corpo (vide in anexos I1, I2, I5, I6, I10, I12, I15). Como refere Reis, a dança permite um maior conhecimento do corpo, cuja capacidade de distinção entre o seu “eu” e os outros contribui, claramente, para que o indivíduo desenvolva a noção de esquema corporal, o conhecimento do corpo em estado estático ou dinâmico, a relação entre as diferentes partes do corpo entre si, a disponibilidade corporal, a lateralidade e a tomada de conhecimento da globalidade das atitudes associadas aos deslocamentos segmentares.

A dança, assim sendo, por um lado, define-se como um conhecimento adquirido, por outro lado, como instrumento de aprendizagem/desenvolvimento, que permite ultrapassar as suas limitações, e ainda surge como meio transmissor de conhecimentos, isto quer dizer que é através da dança que as utentes vão ter a oportunidade de ensinar algo aos outros. Uma vez que as utentes aprenderam algo, mais tarde têm a possibilidade de ensinar às outras pessoas o que elas sabem e o que as outras pessoas ainda não sabem, melhorando também a sua interação/comunicação com os outros (familiares, colegas, monitores). A sua formação possibilita o convívio com os outros e cria nesta população uma atitude mais activa.

“ Em dizer a outras pessoas que andava a aprender e já sabia alguns passos de dança oriental e ensinar-nos a nós funcionárias.” (I18)

“Notou-se que a utente aprendia coisas e que as realizava na sala de aula, punha em prática na sala com a monitora e as colegas.” (I27)

“Derivado às aulas a utente ficou com capacidades para opinar quando se fala de música e dança.” (I30)

“Notava-se um grande entusiasmo pela dança, gostava de mostrar o que aprendia.” (I31)

“Foi importante porque estava a fazer uma coisa que podia mostrar às outras pessoas. Sentia-se entusiasmada com as aulas e com a professora.” (I41)

“Aqui em casa, às vezes ensinava à minha filha o que aprendia nas aulas de dança. (...) Passavam muito tempo as duas a dançar.” (I43)

“Com a dança oriental aprendeu novos movimentos corporais, novas formas de se expressar, o que contribuiu para aumentar a sua confiança ao nível do “saber fazer”. (...) revelou interesse em ensinar o que aprendeu ou ia aprendendo nas aulas de dança oriental, desta forma sentiu que tinha algo para dar aos outros (à família), mostrando vontade de partilhar as suas experiências.” (I50)

“(...) Onde pessoas dançam umas com as outras, elas se educam e se formam a si mesmas.)” (Wosien, 2000:66). Sem dúvida que a dança traz muitas mais-valias para os indivíduos e para a sociedade, contribui para o desenvolvimento do movimento, do ritmo, da ordem, da expressão da música e do movimento, da referência espacial, da referência do eu e do parceiro, da referência da comunidade, possibilita a convivência, o desenvolvimento da personalidade e cria pessoas mais participativas e activas.

O fascínio pelos acessórios da dança

O gosto que as utentes têm pela dança não passa só pelo prazer de dançar e de aprender. Os acessórios que dizem respeito à Dança Oriental também assumiram um papel fundamental para captar a atenção destas utentes, nomeadamente, as velas, as asas e os cintos de medalhas, estes foram os únicos acessórios utilizados nas aulas. Os acessórios pertencem ao mundo da fantasia, do espectáculo, deste modo, as cores, os brilhos, o barulho dos cintos, são factores que captam a sua atenção e que as satisfazem porque são coisas diferentes do dia-a-dia.

“Gostava muito quando a Letícia me punha aquela capa... e quando todas púnhamos os lencinhos das medalhas... gostava muito... para mim tinha um significado esplêndido. Gostava muito daquelas coisinhas.”“(...) e aqui também gostei por causa dos lenços... eu adorava!” (E1)

“Gostava por causa dos fatos (...)” (E4)

“Gostei de dançar a dança das velinhas porque é um símbolo da paz.”“Gostei mais da dança das velinhas porque nos acendemos as velas e fomos a dançar.” (E5)

“Gostei mais das velas.” (E6)

“Foi das velas...e quando fechávamos os olhos...”“Sim (gostava que as aulas continuassem) ... para vestir as saias, com os cintos e as blusas.” (E10)

“Velinhas quando soprava...gostava de dançar com as velinhas.” (E13)

“Gostei das músicas das velas, porque é calmo.”“(...) punha as roupas aquelas cor de rosa e o lenço e era mais bonita.” (E15)

“Também gostei dos cintos, aquilo fazia um barulho...toda a gente delirava com aquilo” (E16)

“(...) quando não tinham os cintos, elas não queriam dançar, ficavam amuadas. Eu dava-lhe o meu cinto.” (E2). O excerto desta utente mostra bem o fascínio e o gosto que as utentes tinham em utilizar os cintos nas aulas. Existia um grande apego em relação a este acessório,

pois, este fazia parte do ritual da aula. Nos desenhos das utentes também é possível verificar a importância que é dada aos acessórios, algumas delas desenharam os cintos de medalhas, as velas, as roupas e a respectiva cor dos fatos que usaram no espectáculo.

4. A Construção de uma Auto-imagem Positiva

O peso da herança histórica e o reconhecimento das dificuldades

Desde os tempos primitivos que o homem luta pela sua sobrevivência, procurando sempre satisfazer as suas necessidades básicas. Nesta época, o homem dependia do que a natureza lhe tinha para oferecer, e os únicos recursos que estes utilizavam eram as suas capacidades físicas e as suas habilidades. Deste modo, desde sempre o corpo é visto como algo essencial à sobrevivência, é desejável ter um corpo funcional e habilidoso que possa contribuir para o bem-estar do indivíduo e do grupo. “Quem não tem competência não se estabelece” (Bianchetti, 1995: 9) e segundo esta óptica os portadores de deficiência passaram a ser colocados à margem do grupo/comunidade.

Bianchetti (1995) mostra claramente os aspectos históricos que acompanham as representações sobre o conceito de deficiência mental. Com efeito, desde os tempos primitivos à sociedade moderna a deficiência teve sempre uma conotação negativa, sinónimo de pecado, doença, disfuncionalidade ou incapacidade.

De acordo com a evolução histórica, a pessoa com necessidades especiais carrega consigo uma herança bastante pesada, que remete claramente para a estigmatização e segregação a que sempre estiveram sujeitos. O seu corpo marcado pela diferença caminhou durante a história da humanidade sempre à margem desta, alvo de exclusão por se afastar dos padrões ditos normais. Como é óbvio, toda esta desvalorização interfere ao nível da autoconfiança e auto-estima destas pessoas que, involuntariamente, possuem uma deficiência. Quer a forma como são vistos pelos outros, como a forma como se vêm a si próprios, isto é, a sua auto-imagem, depende da forma como encaramos o conceito de deficiência.

Através desta investigação verificou-se que as utentes que têm problemas motores são aquelas que de facto sentem mais as suas dificuldades, as incapacidades, que pensam que não conseguem chegar onde os outros chegam. Existe aqui uma automática consciencialização das suas limitações e de como essas limitações as impedem de atingir os objectivos pretendidos, neste caso concreto, a perfeição na dança.

“(...) está bem que eu tenho dificuldades como a Letícia sabe... Toda gente tem as suas dificuldades... eu tenho as minhas (...).” (E1)

“Sentia-me bem... às vezes andava mais triste... no início... lembra-se que você tinha que parar a dança...nessa altura não me sentia bem... pensava que não ia conseguir fazer bem as coisas e depois lutei.” (E4)

“Porque eu só tenho problema da vista, os movimentos estão quase bons. Se não fosse da vista os movimentos estavam belíssimos.” (E5)

No que diz respeito às utentes em que a sua deficiência não implica limitações motoras, estas não se sentiram incapazes ou inseguras. A perfeição do movimento pouco as preocupava, pois, segundo a sua perspectiva, o movimento era concretizado de forma correcta, raramente tinham dúvidas quanto à sua execução. No entanto, nas aulas, procurou-se sempre integrar todas as utentes, independentemente das suas limitações, *“As alunas que têm mais limitações conseguiram acompanhar a aula e as suas colegas. Uma vez que se verificou que estas alunas conseguiam equilibrar-se e acompanhar minimamente a aula, procurei sempre utilizar um ritmo que fosse fácil de acompanhar por todas e utilizar técnicas de forma a não excluir ninguém, possibilitando a todas a sua participação.”* (cit. in diário de observações).

É interessante observar-se a evolução que o corpo tem tido ao longo dos diferentes momentos históricos. Independentemente do tempo, ou do espaço, verifica-se uma tendência para a padronização, por vezes, praticada quase de forma irracional. O corpo, enquanto algo que faz parte da natureza, genuíno por si só, passa a ser objecto de dominação, ou manipulação por determinadas classes dominantes da época. Assim sendo, segundo o grupo, o local, o tempo, o corpo acaba por ser subjugado segundo determinados valores e padrões impostos.

Dependendo do momento histórico, as artes também assumiram um papel fundamental, no que diz respeito à definição de um corpo deficiente ou capacitado. Para além de se pôr em causa as capacidades do corpo, enquanto um corpo capaz ou incapaz, habilidoso ou pouco habilidoso, também é julgado segundo a sua beleza, corpo belo ou feio, perfeito ou imperfeito.

“Excluídos até então do ideário da dança-arte, restava aos corpos diferentes (os com necessidades especiais) o espaço da dança-terapia” e da educação pelo movimento.” (Nunes, 2005:48). As pessoas com necessidades especiais nunca tiveram a possibilidade de poder usufruir da dança, na sua vertente mais artística, o seu campo de actuação foi sempre relegado para o plano terapêutico ou educativo. Sem dúvida que é importante o trabalho que se tem vindo a fazer com este tipo de população através da dança, no entanto, houve sempre a barreira entre a dança-arte e a imperfeição do corpo deficiente. Este tipo de valores e modelos criados exercem uma selecção criteriosa dos indivíduos que podem pertencer, ou não, ao mundo artístico, porém, essa tendência tem vindo a inverter-se.

Este projecto de dança oriental possibilitou a estas mulheres tomarem conhecimento das suas limitações, aceitarem o seu corpo tal como é, permitindo o surgimento de uma estratégia individual, em que as próprias utentes começaram a valorizar as suas capacidades e potencialidades. Já Santos et all. (2003) afirma que a expressão artística é designada como uma forma de alcançar a liberdade, a autonomia e o conhecimento. A dança pode ser encarada como um meio de propiciar a inclusão, para que todos aprendam e reaprendam e que haja um acto de mudança. O objectivo é desenvolver determinadas capacidades como verbalizar, expressar, actuar de forma crítica e criativa, nunca negligenciando nenhuma das potencialidades humanas.

É possível verificar no discurso de alguns inquiridos o contributo da dança para o processo de auto-aceitação perante si, e perante os outros, e a promoção do sentimento de igualdade de oportunidades.

“A utente mostrou-se bem disposta na hora de realizar uma actividade corporal apesar das limitações inerentes. Aceitação do seu corpo e da sua imagem face ao público.” (I3-Técnico)

“Dado que a utente tem uma vida monótona o projecto foi uma oportunidade para ela se sentir igual às outras pessoas e saber que pode fazer uma actividade como outra qualquer aceitando as suas limitações.” “Ela conseguiu descobrir as suas potencialidades, arranjar estratégias e experimentar com o seu corpo ” (I4-Técnico)

“A utente gostou da dança, inicialmente dizia que não era capaz, mas continuou até ao fim. E viu que dentro das limitações dela conseguiu fazer.” (I25-Monitor)

“A utente é muito negativa e desvaloriza-se dizendo que não consegue fazer. A dança permitiu que ela se tornasse mais activa e acreditasse nas suas capacidades.” (I26-Monitor)

É neste sentido que Nunes (2005) refere que, lutando contra o ideal de “corpo perfeito”, as artes, designadamente, a literatura, o teatro e a dança, têm vindo a desempenhar um papel fundamental na assunção de que existem corpos diferentes. “*O sistema de alteridade a que somos expostos pelos corpos vivos e virtuais que transitam na arte nos devolve, de certa forma, a humanidade. Porque a dança permite visibilidade extrema ao corpo em seus modos de representação, ela se apresenta como lugar privilegiado para reflexões em torno das identidades possíveis a um corpo estético e, no caso mais específico exposto neste texto, o de portadores de necessidades especiais.*” (Nunes, 2005:46).

A partir do século XX, verificou-se uma mudança de paradigma no modo de pensar o corpo e nas suas formas de representação na dança. Os ideais que até então eram defendidos como o corpo clássico, atlético, com as suas medidas rigorosas, deixam de fazer sentido, isto é, verifica-se um distanciamento cada vez maior relativo à ideia do corpo perfeito e, conseqüentemente, uma maior humanização desta questão. Amoedo (2001) confirma que “O

questionamento dos padrões estéticos vigentes no início do século XX e os princípios deflagrados pela dança moderna somada às mudanças dos modelos de inserção na sociedade das pessoas portadoras de deficiência possibilitaram a sua gradual inclusão também no meio da dança ” (cit. in Nunes, 2005:47).

Constata-se uma evolução na forma como se olha para o corpo, a dança tem vindo a permitir a convivência de corpos diferentes desvalorizando determinadas imposições culturais relativas ao corpo e valorizando o corpo “per si”. A singularidade de cada corpo ganha espaço, cada corpo é único, e a sua forma de expressão também passa a ser única, constatando-se uma valorização da expressão pessoal e da diversidade que acarreta.

O projecto em questão, também rompeu com determinadas ideias generalizadas e associadas à Dança Oriental, onde prevalece no imaginário a existência de mulheres magras, bonitas, esbeltas e sensuais. Efectivamente, é o que se passa no mundo da dança, independentemente do tipo de modalidade em questão, como refere Nunes “*O corpo, em especial o da mulher com necessidades especiais, rompe com o voyeurismo reservado ao corpo feminino clássico, que sempre incitou o imaginário do universo da dança.*” (Nunes, 2005:48). “Naturalmente foi uma surpresa para a maior parte das pessoas, pois, estas não esperavam ver mulheres com deficiência dançar Dança Oriental, nomeadamente, técnicos, monitores, auxiliares da instituição, mais ainda, os espectadores que assistiram ao espectáculo, todos ficaram surpreendidos porque ninguém esperava ver ali aquele tipo de população no palco do Centro Cultural.” (cit. in diário de observações).

A dança como forma de superação individual e de valorização pessoal

O corpo da pessoa portadora de deficiência opõe-se e desafia a imagem ideal do físico do bailarino/a. Para além de mostrar até onde vão os seus limites corporais, mostra os parâmetros que definem a sua normalidade e humanidade. Neste sentido, a dança surge como um meio de escape para estes corpos marcados pela deficiência, que por um lado mostram as suas limitações, mas também mostram as suas capacidades, potencialidades, mostram que estes corpos também são capazes de fazer.

“(...)umas vezes fazia bem outras vezes fazia mal... umas vezes caía depois levantava-me...mas graças a Deus nunca me magoei.” “Não... fiquei a pensar “ah... eu vou para ali não sei o que fazer” mas também queria experimentar e não queria ficar atrás das minhas colegas. Se elas vão eu também vou.” (E1)

“Sim...estou mais segura, sem receios. Fiquei a saber que eu posso entrar em todas as danças, porque eu para além de ver mal sei dançar.”, “Conseguia fazer tudo, sentia-me bem comigo.”, “Fiquei a sentir-me muito bem com o meu corpo, porque o meu corpo está capaz de fazer outras danças.” (E5)

É bem visível no discurso delas, a força de vontade de aprender, de fazer, de não ficar para trás, comparativamente aos outros. Todo este processo constituiu para as utentes, principalmente, para as que possuem limitações físicas, um acto de confirmação das suas

capacidades, das suas forças, das suas potencialidades contribuindo para um aumento da sua autoconfiança e auto-estima. *“As utentes que tinham, principalmente, limitações físicas nunca realizaram na sala de aula qualquer comentário relativamente às suas limitações. Nunca ouvi da boca delas dizerem que não são capazes de realizar o movimento. Sempre vi nelas muita vontade e disposição para trabalharem na aula, esforçaram-se sempre para fazer as coisas. Mesmo que elas não consigam tão bem como as outras colegas que não têm limitações físicas, elas vão fazendo à maneira delas e com o seu ritmo.(...)”* (cit. in diário de observações).

Para além do esforço constante destas alunas nas aulas, as que têm as suas dificuldades motoras adoptam estratégias para superar as suas dificuldades, *“Encontram formas de contornar as suas limitações. A [...] sugeriu ficar na coreografia com as asas, parada no centro, dado a sua dificuldade em se movimentar.”* (cit. in diário de observações). A dança permite que estas utentes reflectam sobre si, sobre o seu corpo e a sua condição, procurando sempre superar as suas limitações e acarretando uma sensação de bem-estar, *“E no momento que as pessoas se deparam com a dificuldade de qualquer tipo de movimento, se propõem a buscar a perfeição, onde reflectidamente eleva sua auto-estima, pela busca, pelo reconhecer-se. A dança é um voltar-se para si, um pensar sobre si, pois estar movimentando cada parte do corpo, associado a respiração, equilíbrio e emoção traz uma grande satisfação para quem o faz.”* (Moro, 2004:4).

Sem dúvida que este processo de aprendizagem foi um grande passo para tornar a sua imagem mais positiva, para elas gostarem mais de si próprias e se sentirem capazes. Um grande exemplo da sua realização pessoal foi a grande satisfação com que elas participaram no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior, que colaborou exponencialmente para a construção de uma auto-imagem positiva.

De um modo geral, realizando uma comparação do actual estudo com o estudo realizado com mulheres obesas, e o estudo feito com mulheres que frequentam uma academia, constata-se que se podem delinear as mesmas linhas de influência da dança mas com alguns desvios. O estudo realizado a mulheres que frequentam uma academia onde praticam dança oriental (Abrão et al, 2005), concluiu que a dança contribuiu para *“melhorar a comunicação, a descoberta do corpo, o bem-estar, a confiança, a segurança, a feminilidade, a beleza, a suavidade, a leveza,”* etc. Esse conjunto de características contribui para o aumento da auto-estima das mulheres e, conseqüentemente, para um melhor relacionamento com os outros e com o seu parceiro, isto é, existe uma auto-aceitação do seu corpo que lhes proporciona um maior à vontade para se mostrar e para conviver.

No presente estudo, sem dúvida que a dança também contribuiu para os mesmos factores que foram enunciados atrás, até como já se teve oportunidade de ver num dos pontos

anteriores onde foram enunciados os benefícios da dança. O que realmente importa enfatizar neste momento, é a importância que a dança assume enquanto forma de valorização pessoal. Foram vários os actores-chave que referiram a utilidade que a dança teve enquanto forma de valorização do “eu” destas mulheres, com necessidades especiais, promovendo um processo de auto-aceitação e consciencialização do seu corpo e das suas capacidades, reforçando a sua imagem corporal e o seu ego. Com efeito, a prática de uma modalidade de dança que elas nunca tinham executado, e as características da própria dança oriental, permitiram que estas mulheres gostassem mais de si próprias e se sentissem mais bonitas e vaidosas com a sua imagem. (vide in anexos I2, I3, I4, I7, I25, I27, I29, I36, I41, I45). Como defende Moro, referindo-se aos benefícios atribuídos à dança oriental “(...) a associação da dança poderá enriquecer de uma forma prazerosa ao paciente pela busca de seu desenvolvimento, e o contacto com as diferentes dificuldades de cada um. Isso porque envolve e desenvolve a beleza, a sensualidade, a vaidade e a feminilidade.” (Moro, 2005:4)

Atente-se que este sentir-se bem consigo mesma, com o seu corpo, não está relacionado com a interacção com os outros, mas sim apenas com o seu próprio “eu”. Em nenhuma situação houve qualquer tipo de comentário acerca de a dança melhorar o relacionamento com outras pessoas, isto é, no sentido de agradar a alguém ou de se sentir confortável com o seu corpo perante os outros. Claro que essa situação pode verificar-se, mas não assume um papel fundamental neste contexto. O que já não se regista em mulheres sem deficiência, dado que estas, muitas vezes, utilizam a dança como uma mais valia individual e feminina, que podem utiliza-la em contexto exterior à dança, designadamente, na sua interacção com os amigos, o namorado, em ambientes como festas, bares, discotecas, etc.

Relativamente ao estudo com mulheres obesas (Marques, 2004), este concluiu que a dança possibilitou “a construção de uma auto-imagem corporal mais estruturada e positiva, fazendo emergir uma identidade feminina”. As mulheres obesas passaram a interessar-se mais pelos acessórios femininos, a ter mais cuidado com a imagem, o que lhes proporcionou mais abertura para contactarem com outras pessoas.

Também é certo que estas mulheres, com necessidades especiais, construíram uma imagem mais positiva e feminina de si mesmas, que está bastante associada à dança oriental. Vários inquiridos referem, como algumas utentes valorizavam bastante os acessórios e as roupas da dança oriental, falando com os seus pais, ou mostrando nas salas de aula os acessórios, pois, estas sentiam-se muito mais vaidosas e preocupadas com o seu corpo e a sua imagem (vide in anexos I5, I6, I28, I37, I40).

O interesse das utentes pelos cintos de medalhas, pela roupa de espectáculo, pela maquilhagem, fazia com que elas se sentissem mais bonitas, mais vaidosas e mais mulheres. Porém, mais uma vez essa sensação de bem-estar não se reflecte ao nível do relacionamento com as outras pessoas, isto porque, na sua maioria, estas utentes não têm complexos com o seu corpo, elas lidam bem com o que são, e isso não as intimida de se relacionarem com outras pessoas. “*Senti que estas mulheres receberam muito bem a dança, sem qualquer tipo de complexos ou preconceitos, as suas mentes estavam completamente abertas e protegidas contra qualquer tipo de preconceitos ou ideias pré-concebidas acerca da dança. Nunca houve qualquer tipo de comentário em relação à altura, ao peso, à beleza, à flexibilidade. Todas elas com as suas limitações estavam prontas para começar as aulas de dança e se divertirem.*” (cit. in diário de observações). Deste modo, apesar de elas terem aparentemente uma boa relação com o seu corpo, que não interfere ao nível do seu relacionamento social, a dança contribuiu para a sua autoconfiança e para a sua auto-estima, desenvolvendo um sentimento narcisista nestas mulheres. “*Elas estão mais soltas, não têm qualquer tipo de problema em dançar no centro da roda e não se sentem envergonhadas, dançam descontraidamente. De uma forma geral, estas mulheres lidam bem com o facto de serem observadas pelos outros, não sentem complexos com o corpo nem vergonha ou medo de fazer mal.*” (cit. in diário de observações).

Nos seguintes excertos, é bem visível a relação de bem-estar que se criou com o seu corpo, a feminilidade que está associada à dança, e ainda o contributo da dança para a sua boa forma física, mostrando a forte associação da dança ao bem-estar físico e à beleza da silhueta proporcionada pela dança.

“*Eu sou muito vaidosa... gosto muito de cremes, roupa...sombras...mas gosta mais de si? Sim...eu depois punha-me a mostrar os movimentos lá em casa à minha mãe.*”“(...) gostei que me pintassem.(...) (O que mais gostei) Foi das pinturas, dos camarins (...)” (E1)

“*Foi bom...é mais bonito e mais magrinha.*” (E2)

“*Bem... sentia-me mais elegante... Como dizem nas novelas, sentia-me mais importante... sentia-me com se fosse uma actriz.*”“*Sim...notei que cresci mais um bocadinho assim de altura e de mentalidade... sentia-me mais mulher.*” (E4)

“*Sim...agora depois de ter passado pela dança...sinto-me mais mulher, mais leve, radiante...mas não sou atiradiça. Mulheres...somos todas mulheres!*”“*Sim... agora mais bonita. Estou mais magra, muito mais elegante. Sinto-me muito melhor agora com o meu corpo do que antes.*” (E6)

“*Gostei muito da maquilhagem...pintaram-me lá...puseram-me brilhantes...pintaram-me os lábios, os olhos.*”(E7)

“*Sentia-me bem...Antes estava gorda e agora já não tenho barriga...estou a fazer dieta. A dança fez com que estivesse mais magra.*” (E14)

“*Sim... punha as roupas aquelas cor-de-rosa e o lenço e era mais bonita.*” (E15)

Estas mulheres sentiram-se mais confiantes, mais seguras das suas capacidades, mais bonitas com as suas roupas, cintos e maquilhagem, mais vaidosas; foram benefícios que se

incorporaram no seu “eu”, e que contribuíram para a construção de uma auto-imagem mais positiva de si mesmas.

5. A Identidade Grupal e a Inclusão Social: A Importância das Relações Sociais

A socialização/ cooperação e a importância do convívio

As danças tradicionais surgem como uma forma de expressão e de comunicação, permitindo a descoberta do nosso corpo, saber utiliza-lo e manipula-lo, controlar os movimentos a partir de estruturas estabelecidas, sentir a música e o ritmo, contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, quer seja em termos físicos ou psicológicos (Reis, 2004). Enquanto danças harmoniosas, alegres, bem ritmadas, comunicativas, expressivas, contribuem para uma coordenação estética de movimentos corporais, implicando também o desenvolvimento de uma linguagem gestual em conjugação com a música e a emotividade. Este tipo de dança permite que se desenvolvam as capacidades de reflexão e de execução das acções, e melhora a capacidade de interagir com os outros.

“Algo que é habitual nas minhas aulas é o contacto com as colegas do lado, trabalhamos muito em círculo e por isso temos sempre presente, todas as nossas colegas. Normalmente as alunas interagem muito umas com as outras mesmo quando a aula está a decorrer. Elas falam umas com as outras sobre assuntos exteriores, outras vezes sobre a própria dança, ou fazem comentários sobre qualquer coisa. De facto, as aulas do dia-a-dia também são um espaço de comunicação, onde elas se exprimem, falam umas com as outras, falam comigo, falam do que sentem ou que as preocupa. As aulas são um espaço de interação e comunicação e ainda um espaço de partilha e de diversão.” (cit. in diário de observações). O desenvolvimento deste tipo de ambiente, em sala de aula, e a pré-disposição que se verifica nas utentes para conhecerem o seu próprio corpo e tudo o que as rodeia, permite que haja uma facilidade de relacionamento e comunicação do indivíduo com o próprio corpo e, ainda, com o outro(s), melhorando visivelmente a cooperação e a socialização, pois, como se verificou, *“Elas ajudam-se mutuamente e às vezes até são elas a sugerir algo que lhes facilite a vida. (...) As dificuldades da [...] são tantas que até as próprias colegas reparam que ela não consegue fazer. Houve uma tentativa por parte das colegas de a ajudarem a realizar bem o movimento. A [...] pegou na mão dela e mostro-lhe como deveria fazer. A outra colega do lado também tentou mostrar-lhe como deveria ser o movimento. Verificou-se uma atitude muito positiva por parte das colegas procurando ajudar a colega.”* (cit. in diário de observações).

Deste modo, é importante referir como, nesta investigação, se evidencia o papel da dança enquanto meio de socialização. A dança surge como um instrumento que permite, a algumas utentes, aprender a estar em grupo, lidar com os outros, definir os limites das relações, conviver, comunicar e estabelecer relações de amizade, como se pode ver nos seguintes excertos: *“Aprendi a conviver com elas... a estar em grupo que é muito importante... a falar com*

elas porque eu preciso muito de comunicar (...) (E1), *“Aprendi a dançar, a conviver mais...foi bué fixe!”* (E6), *“Aprendi que não se deve desperdiçar os amigos.”* (E4), *“Porque eu não gosto de estar sozinha em casa, assim posso mexer-me e estar distraída”* (E14). Alguns inquiridos referem que, a dança permitiu desenvolver determinadas atitudes em algumas utentes como *“tolerância em relação aos outros”, “uma forma mais assertiva de se relacionar com os outros, com menos agressividade”, “uma maior desinibição e adaptação em relação às outras pessoas”, “ maior aceitação em contactar com outras pessoas”, “melhoria na comunicação”,* isto é, a dança surge como um meio de contornar algumas dificuldades de relacionamento que surgem em algumas utentes.

Wosien (2000) também defende a ideia de que, as danças de roda, ou as danças tradicionais, permitem dar o passo do individual para o grupo, permitindo a cada um descobrir-se a si próprio, e descobrir o valor do seu grupo/ comunidade. A dança para além de desenvolver um papel importantíssimo ao nível da descoberta interior de cada um, permite ainda que esse reencontro com o seu “eu”, possibilite o reencontro com o tu, com o grupo e com todas as diferenças que separam o “eu” de todos os outros que o rodeiam.

A dança proporcionou a estas utentes o reencontro com os outros/grupo, ou seja, permitiu-lhes estarem com as suas colegas e passarem bons momentos, esta é encarada como uma regalia na sua vida social. É visível nos seus discursos que, naturalmente, sem qualquer tipo de pergunta forçada, elas fazem referência à importância das relações sociais, como se pode ver em alguns excertos onde é evidente o surgimento de amizades e novos relacionamentos:

“Completamente diferente...nós íamos chamar as nossas colegas para a dança (...). Por acaso, Adorei.” (E1)

“Fez com que estivesse mais contente...conheci uma nova professora, conheci colegas que não conhecia.” (E2)

“(Trouxe de bom) Estar com as minhas amigas...porque nós estávamos na sala separadas e só nos víamos no almoço e no lanche”. (E4)

“(Estava) feliz e contente, porque estava com elas e com você.” (E10)

“Trouxe alegria e amigas.” (E11)

“Pensava que era bom estarmos todas juntas” (E12)

Algumas referem que o que mais gostaram das aulas, foi o facto de estarem com as suas colegas a dançar e a conviver:

“Gostava de as ver todas porque estávamos todas juntas ali... a conviver.” (E1)

“Gostei (das aulas) ...porque estávamos todas juntas.” (E3)

“(...) gostava de estar com as minhas amigas...no fundo gostava de todas mas gostava mais da [...], porque ela estava sempre muito entusiasmada. Eu queria desistir e a [...] disse para não desistir.”“(Gostou mais) Nas aulas... porque era mais bonito, porque estávamos com as amigas que nós mais gostávamos e podíamos estar juntas e conviver.” (E4)

“(...) e do convívio com a gente todas.” (E 6),

“O que gostei mais foi da roda quando dançávamos todas juntas.” “Gostei (das aulas) ... porque éramos um grupo de amigos e dançamos muito bem e gostamos todos das aulas” (E7)

“(...) porque eu gostava de dançar e estar com as minhas amigas.” (E 9)

“Gostei das aulas...Por causa das minhas amigas... [...], [...] e [...]” (E13)

“(...) Dançar e estar com as minhas colegas.” (E14)

“Sim, porque a música era calma, ensaiávamos, dançávamos e falávamos.” (E15)

É de referenciar que este tipo de população apresenta uma grande falha ao nível das actividades de socialização, basicamente a sua vida decorre entre o meio familiar e o meio institucional. No entanto, estas assumem um papel fundamental ao nível da qualidade de vida dos indivíduos com deficiência, como refere Pereira (1998), mas o que se constata é que este tipo de actividades não tem vindo a ter o nível de importância necessário e desejável. Já o autor Strain (1982) considera que, “*quase todas as crianças com deficiência, independentemente da sua incapacidade, têm significativos handicaps sociais.*” (cit. in Pereira, 1998:39).

Na perspectiva dos técnicos e monitores que acompanharam as utentes do projecto, eles consideram que este foi um grande contributo para a melhoria das relações interpessoais, nomeadamente, melhorando a relação destas com a professora e com as suas colegas. O facto de ser uma actividade de grupo permitiu que todas elas estabelecessem elos de ligação entre umas e outras, favorecendo também o convívio com outras colegas com quem conviviam pouco, ou nada, (vide in anexos I1, I5, I6, I9, I20, I30, I32). Importa destacar que, aos utentes que apresentavam um comportamento mais fechado e isolado do grupo, a dança auxiliou a desinibirem-se perante o grupo e a combaterem a sua timidez, permitindo uma maior abertura para o contacto com os outros e com as actividades de grupo (vide in anexos I3, I20, I25, I26, I31, I50).

Tendo presente a perspectiva de Pereira, estes indivíduos “(...) *precisam de oportunidades para desenvolver as suas competências interactivas, comunicativas e sociais, exactamente da mesma forma que qualquer outro indivíduo. As competências sociais bem desenvolvidas, a sua utilização sistemática e as relações de amizade que forem sendo construídas farão, por certo, da pessoa com deficiência, uma pessoa sócio-emocionalmente mais integrada*” (1998:39). Pode-se constatar que este projecto de Dança Oriental se definiu como um espaço de socialização, comunicação e interacção. As aulas constituíram-se como

um local de convívio, onde elas se podiam relacionar, e estabelecer relações de amizade, está-se perante um campo privilegiado de relações afectivas.

Esta situação é notória nos desenhos efectuados pelas utentes, onde a maior parte delas se desenhavam a si mesmas, com as melhores amigas e professora, ou a elas com o grupo. Este projecto desenvolveu o seu lado mais social nas utentes, através do qual estas olham para a Dança Oriental como sendo uma actividade de grupo; de facto, presenciou-se a construção de uma identidade grupal. Esta situação vai contra o que normalmente se passa nas aulas de Dança Oriental, para pessoas que não apresentam deficiências, onde a aula é vista como algo mais individual para benefício pessoal, descuidando na maior parte das vezes o seu lado social e relacional da dança.

A criação de uma identidade grupal

Aliado a este desenvolvimento sócio-emocional nas utentes, proporcionado pela dança, é de realçar a importância que o grupo assumiu para estas mulheres. A definição do termo “grupo” (Tajfel, 1982) surge como uma entidade cognitiva com grande significado para o indivíduo, num determinado momento. É através da categorização social, que se reúnem os objectos e acontecimentos sociais em grupo, e que vão traduzir as acções, intenções e sistemas de crenças do indivíduo. Quando as utentes foram questionadas sobre a sua pertença no grupo de Dança Oriental, todas elas responderam que pertenciam ao grupo. Algumas ainda conseguiram explicar que, elas eram um grupo porque “estavam todas juntas”, “passavam mais tempo juntas”, “pertenciam à mesma actividade” e “dançam juntas”, sem dúvida que a união que sentem é um factor determinante para a sua consciência de grupo.

Estes factores contribuíram para reforçar o seu sentimento de pertença ao grupo de Dança Oriental. Em algumas entrevistas, também se verifica a preocupação com determinados membros que não participaram nos espectáculos, verificando-se alguma desilusão por não estarem todas juntas, “A [...] também tem os seus quês, umas vezes queria ir outras vezes não. A [...] também não quis ir ao espectáculo, Mas pronto não era por mal... tinha a ver com a doença delas. Mas correu tudo bem... foi fascinante... foi um espectáculo espectacular.” (E1) “A [...] não quis ir ao espectáculo perdeu o melhor...” (E8)

Um outro factor que não aparece nas entrevistas, mas que foi captado através da observação, e que regularmente era comentado nas aulas, era o facto de serem apenas mulheres a pertencer ao grupo. Para além da existência de uma identidade de grupo, emergia uma identidade feminina, dado apenas as raparigas irem para as aulas de Dança Oriental. As aulas eram encaradas como momentos únicos e exclusivos para as raparigas, onde os homens

estavam proibidos de entrar, *“Realçaram o facto de sermos só raparigas. Acharam que iria ser divertido termos um grupo de dança onde só houvesse raparigas e onde os rapazes não pudessem participar. Será um momento só delas, onde elas podem divertir-se, dançar e estar à vontade. Um momento de partilha e único, onde o sexo masculino está proibido de entrar. Mas, claro, nas exposições os rapazes podem estar presentes, nas aulas é que não, porque aquele momento é só delas.”* (cit. in diário de observações).

Estas situações vão de encontro ao que Tajfel (1982) defendia, baseando-se na teoria da comparação e da categorização de Festinger (1954), em que um grupo se torna grupo, quando os seus indivíduos têm consciência de que têm características comuns ou um destino comum para o próprio grupo. As características do grupo tornam-se “reais”, ou perceptíveis em comparação com os outros grupos, a partir do momento que estes reconhecem as diferenças e a conotação do valor destas diferenças.

Durante este processo geral de socialização, os indivíduos fazem as distinções entre o seu próprio grupo e os outros grupos, comparando ou contrastando; estes vão elaborando uma divisão social entre o “nós” e “eles”. Está-se perante uma tomada de consciência das diferenças de valor existentes entre os vários grupos presentes e, ainda, a consciência de que se pertence a um determinado grupo, o qual possui uma determinada identidade social. Segundo Tajfel *“A identidade social será entendida, para os fins desta discussão, como aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença”* (Tajfel, 1982:290).

Baseando a análise no conceito de identidade social de Tajfel, é possível verificar-se que todas as entrevistadas assumem o seu sentimento de pertença ao grupo. Essa pertença é acompanhada de um significado emocional positivo, pois, todas elas afirmam que é “bom” pertencer ao grupo de dança. Esta ligação positiva está relacionada com o facto de, elas gostarem das suas colegas, porque estas são “amigas”, “divertidas”, “boas raparigas”, “alegres”. Relativamente ao componente avaliativo, onde o indivíduo define se existe uma conotação positiva, ou negativa, no que diz respeito à sua pertença, elas avaliam a sua pertença de forma bastante positiva, dado que o grupo lhes proporciona momentos de bem-estar, nomeadamente, “diversão”, “alegria”, “felicidade”, “convívio”, “união”.

Na verdade, qualquer indivíduo só mantém a sua ligação ao grupo, se este lhe proporcionar satisfação, e se contribuir de forma positiva para a sua identidade. Caso isso aconteça, os membros do grupo começam a produzir comportamentos intergrupais, onde se favorecem os membros do ingroup sobre os membros do outgroup. É de destacar a expressão de uma utente que evidencia essa diferenciação entre o “nós” e os “outros”, e a satisfação de

pertencer àquele grupo devido ao cuidado e à atenção que lhe era dada, “Sentia-me bem... cada uma dizia a sua coisa. A [...], a [...]. Elas diziam “Ah cuidado [...] não caias!”... Achava muito bonito o cuidado que elas tinham comigo. Até dizia aos meus pais o cuidado que elas tinham comigo... sempre a auxiliar-me... achava isso muito carinhoso e amoroso. A [...] também muito cuidadosa comigo! Acho isso muito amoroso, são amáveis para as pessoas, muito terno. Porque há outras pessoas que não querem saber de nós, se nós cámos as pessoas não são capazes de auxiliar... e elas eram muito carinhosas, muito simpáticas e gostam muito umas das outras. Eram todas assim... e ajudávamo-nos muito umas às outras.” “Ao nós sermos deficientes, elas têm muito cuidado. As pessoas de fora não se importam comigo e elas têm mais cuidado comigo e são mais queridas.” (E1).

Efectivamente, existe uma consciencialização por parte das utentes de que, elas formam um grupo coeso, que proporciona momentos de satisfação na dança, onde existem laços fortes de amizade e cumplicidade, onde lutam e se esforçam por uma identidade mais positiva. Porém, essa consciencialização também chega ao nível das suas limitações e incapacidades normalmente denunciadas e estigmatizadas pela sociedade em geral. Assim sendo, verificam-se duas forças que lutam uma contra a outra, por um lado, a sua identidade de grupo, com uma conotação positiva, por outro lado, a imagem estigmatizada que vem de fora mas que elas tentam ultrapassar.

“(...) eu já vejo deficientes a dançar na televisão até em cadeiras de rodas... Porque não! Nós somos como os outros, diferentes mas todos iguais, ninguém tem culpa de ser como é!” (E1)

“(...) porque eu vou conseguir muita coisa, vou conseguir óptimas coisas. Porque eu só tenho problema da vista, os movimentos estão quase bons. Se não fosse da vista os movimentos estavam belíssimos.” (E5)

“(...) Apesar dos problemas que elas tinham ainda estavam lá a esforçar-se e a dançar como nós. ”, “Acho que apesar de terem o problema que têm elas também merecem ter aulas, são pessoas como nós, a deficiência não as impede de dançar, nem de correr.” (E16)

Nestes excertos é perceptível a consciência de que elas têm problemas, a deficiência marca a sua identidade. A sociedade olha para elas como sendo desiguais, e elas têm noção desse facto e sentem a desigualdade nas suas próprias vidas. Neste sentido Touraine (1982:158) considera que “A identidade é imposta de fora. Não me diz quem sou, nem o sentido do que faço, mas quem devo ser e as condutas que espera de mim, sob pena de sanções [...]”. Enquanto pessoas portadoras de deficiência, a sociedade coloca-as a um canto porque são diferentes e por isso mesmo o mundo cultural/artístico não tem qualquer tipo de expectativa em relação a estas pessoas, menosprezando as suas capacidades.

O actor define-se pelas suas oportunidades de progresso, pelo melhoramento das suas vantagens e pela diversificação das suas escolhas. Os que não detém o poder, procuram defender o seu ser social, cultural, individual e colectivo procurando reivindicar o controlo do processo de mudança pela colectividade no seu todo, ao mesmo tempo que os que detém o

poder defendem o adquirido através do passado. “A *identidade não nasce apenas da consciência das contradições, mas também da procura do controlo da mudança social (...).*” (Touraine, 1982:162). Deste modo, a procura da identidade social passa pela luta social, pela reivindicação, por um movimento social.

Nos excertos das entrevistadas é possível ver a força e a esperança destas mulheres, em lutarem pelos seus direitos, em mostrarem as suas capacidades e não renunciarem àquilo a que todas têm direito. As suas limitações não são um factor determinante para as impedir de usufruir daquilo que o mundo artístico/cultural lhes tem para dar. Esta tomada de consciência e, conseqüentemente, o movimento em si, é expressão de conflitos e de uma revolta contra as experiências de dominação, “*O actor já não se define pelo seu lugar e pelas suas funções numa comunidade, mas pelas tensões, conflitos, transformações culturais e relações sociais que gera e, também, pela sua revolta contra uma dominação que se alarga cada vez mais e se esconde, sob a aparência de racionalidade e de «naturalidade»*” (Touraine, 1982:182).

A importância das relações de amizade extra-institucionais

É importante alertar para a necessidade de definir muito bem os limites que garantam a igualdade de oportunidades, e a inclusão de pessoas com necessidades especiais, ambicionando a sua participação na comunidade, e o usufruto dos mesmos direitos que os outros indivíduos. Mas até que ponto será que se está perante uma verdadeira inclusão das pessoas com deficiência na comunidade/sociedade? “*Historicamente, as pessoas portadoras de deficiências, ou problemas de desenvolvimento, têm sido consideradas pela sociedade como pessoas “de fora” e são separadas das demais por diferentes razões, que não nos cabe analisar neste momento. Sua pertença ao grupo social não acontece de forma automática como seria desejado – é fruto de um processo que requer esforço e planeamento, envolvendo cada pessoa em questão, suas famílias, a escola de modo especial e a sociedade em geral com todas as suas instituições.*” (Cardoso, 1992: 90).

Quando se fala em inclusão, parte-se do princípio que este público-alvo deve viver e conviver com as outras pessoas da comunidade. A inclusão na sociedade exige que o indivíduo tenha um sentimento de pertença ao grupo e uma identificação positiva com os membros da comunidade, como afirma Cardoso “*A aceitação e o pertencer a um grupo revela à pessoa o que esta tem de belo, pois ela é prestigiada, valorizada, acolhida, chamada a contribuir, recebendo o apoio e ajuda necessários ao seu desenvolvimento e participação na própria comunidade. Ao mesmo tempo, havendo identificação, cada um se sente semelhante ao seu próximo, com características comuns, em pé de igualdade. Assim, é*

possível haver troca, partilha, dar e receber, bem como a aceitação dos indivíduos como membros integrantes e plenamente participativos da comunidade.” (1992:89).

É sem dúvida importantíssimo o trabalho que se tem feito acerca do reconhecimento da condição humana da pessoa com deficiência, todavia, ainda existe muito a fazer por essa luta, como alerta Vieira et al (1996) é necessário “mudar mentalidades, integrar a diferença e criar mais justiça social”. Por outras palavras, é fundamental criar espaço para todos, pois, a verdadeira inclusão social só se verifica quando existem sentimentos e atitudes de respeito, relativamente ao outro como cidadão. É necessário haver mudança nas atitudes e nos sentimentos, nas famílias, nas escolas, nos governos, nas instituições, na sociedade em geral. Essa mudança de atitudes passa por deixar de lado atitudes negativas relativas às pessoas com necessidades especiais e por uma valorização das suas diferenças, dado que ser diferente e único é uma característica de todo o ser humano.

Segundo Maria Cardoso (1992), um dos factores que poderá favorecer a integração do tipo de população em questão, é a utilização dos recursos da comunidade, procurando fomentar a participação social dos indivíduos nesta. É possível reconhecer esse desejo nos discursos destas mulheres, *“As primeiras perguntas que me fizeram foi se iríamos realizar espectáculos. Desde o início mostraram sempre muito interesse em fazer demonstrações tanto no interior da própria instituição, como no exterior. Revelam muito interesse em fazer espectáculos e ficam muito entusiasmadas, é quase como a realização de um desejo, é “algo espectacular”. Lidam muito bem com a ideia do espectáculo e não têm problemas quanto ao público. Havia uma utente que dizia “Eu não tenho problema nenhum de estar à frente de tanta gente”. Notei que, de facto, elas têm muita vontade de realizar espectáculos no exterior, de passear e ver outras pessoas.” (cit. in diário de observações)*

O projecto em estudo contou com a realização de um espectáculo final no Centro Cultural de Campo Maior, onde se previa a participação de várias bailarinas de Dança Oriental, inclusive, as “bailarinas da APPACDM de Elvas”. Segundo o discurso das utentes este espectáculo proporcionou novas situações e experiências, permitindo que estas conhecessem espaços diferentes daqueles a que estão habituadas. O contacto proporcionado com o Centro Cultural, com o palco, com os camarins, surgiu como uma nova experiência que encantou as entrevistadas e que ao mesmo tempo passou a fazer parte do seu imaginário.

“(…) Adorei nunca tinha entrado num camarim... Adorei vestir e despir... foi uma coisa diferente, E elas todas a pintarem-se, todas giras... aquilo foi um espectáculo!” (E1)

“gostei do palco estava composto e havia lá muitas cadeiras. Estava cheio de gente e a baterem palmas.” (E3)

“Gostei de todas...porque conheci sítios novos e diferentes.” “O Centro Cultural é muito bonito e gostei de ver as nossas fotografias.” (E5)

“(…) eu nunca tinha ido àquele cineteatro. Aquilo é espectacular e as pessoas também!”(E6)

*“Sonhei...sonhava que estava a dançar em Campo Maior a dança do ventre.”“Pensava que estava a dançar em Portalegre, porque lá é mais bonito. **Gostavas de ir lá dançar?** Sim, gostava...para as pessoas verem.”“Gostei muito (do espectáculo de Campo Maior) porque fui a dançar e gostava de ir dançar para outros lados.” (E12)*

*“Eu estava a dormir e sonhei que estava em cima do palco a dançar a dança do ventre...**E onde? Estavas a dançar?** Um dia sonhei que dançava em Campo Maior e no outro dia sonhei em Lisboa.”“ (Gostei mais de participar) Em Campo Maior, porque fui passear.” (E14)*

Verificou-se sem dúvida que, o projecto contribuiu para uma “integração física” e “funcional” (Cardoso, 1992:92), porque estas frequentaram o Centro Cultural tanto como espectadoras como bailarinas, entraram em contacto com outro tipo de pessoas que não fazem parte do universo da deficiência, e participaram de forma igual no mundo cultural e artístico. Mas, ainda mais importante que a própria frequência dos espaços ou a integração física do indivíduo, é o tipo de interacção que se estabelece com os outros, isto é, as relações de amizade que se podem criar. O autor Perske ilustra como *“a amizade pode mudar a vida de uma pessoa com deficiências e de seus amigos considerados não deficientes”* (cit. in Cardoso, 1992:97) e Cardoso mostra *“que embora não seja muito comum, este tipo de relacionamento é possível e desejável, e tudo indica que pode ser mais frequente se as condições forem favoráveis* (Cardoso, 1992: 97).

As relações de amizade implicam uma relação gratuita, voluntária, onde existe respeito em relação à pessoa, existe um laço afectivo que se cria, um conhecimento que se gera, uma troca e partilha de informações, emoções, sentimentos, risos, brincadeiras, etc. Para que este tipo de relações aconteça, é necessário que as pessoas se encontrem, se conheçam, passem tempo juntas, façam algo juntas, em situação de igualdade. É esta a condição necessária para que através da convivência com outras pessoas, se possa explorar outro tipo de ambientes, grupos, actividades e ideias.

No que diz respeito à criação de relações de amizade, é manifesto claramente que, o culminar do projecto contribui para que as utentes estabelecessem um vasto leque de novas relações, com todas as pessoas com quem se cruzaram na noite do espectáculo no Centro Cultural. A maior parte delas considerou que a dança permitiu que elas tivessem mais amigas, porque para além das novas amizades que fizeram na instituição, também fizessem novas amizades fora da mesma. Todas elas gostaram de conhecer pessoas novas, ficaram fascinadas com a dança, as roupas e ficaram muito gratas pela simpatia que receberam nesse dia. Apenas num único dia as utentes estabeleceram um vínculo único com outras mulheres que estavam no mesmo pé de igualdade, para dançar e para se divertirem, foi sem dúvida um momento de integração social. Os relatos das entrevistadas mostram claramente a sua satisfação, o fascínio, a felicidade do momento que viveram.

“(...)E elas também eram muito simpáticas e adoráveis para a gente apesar de não nos conhecerem... eram fantásticas. Apesar de não conhecerem a gente...mas, elas faziam tudo para a gente estar feliz!”“Adorei conhecer pessoas novas... é bom para nós. Porque vamos sempre conversando outras coisas, nós distraímos-nos. As meninas foram todas simpáticas para gente...mesmo as pequeninas...foram adoráveis.” (E1)

“Acho (que merecia ter aulas) ...era da maneira que fazia mais amigas. Gostava que viesse mais gente de fora para aqui dançar.” (E2)

“Gostei das suas colegas e gostei da dança delas. Gostei porque elas dançavam bem e eram bonitas, e tinham roupas bonitas.” (E3)

“Agora tenho mais (amigas) ...porque eu conheci lá umas miúdas em Campo Maior e tenho saudades delas.”“Gostei (de ir a Campo Maior)... porque tive oportunidade de conhecer outras raparigas, ouve lá uma rapariga que nos ajudou muito.”“Sim, gostei (de conhecer pessoas novas). Porque as pessoas são muito simpáticas.” (E5)

“Bué bom! Porque conhecemos pessoas na dança...ai adorei bué...conhecemos pessoas lá fora. É divertido e divirto-me com elas todas da app (APPACDM).”“Agora tenho mais amigas...em Campo Maior e tudo! Mas em Campo Maior foi um espectáculo, gostei bué!”“Gostei muito das suas meninas. Adorei conhece-las. Foi um convívio espectacular...gostei muito! (...) Gostei de conhecer todas...são todas divertidas (...) conheci pessoas encantadoras.” (E6)

“Gostei (do espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior) ...porque conheci umas amigas lá e gostei muito de dançar com elas, ensinaram-me a dançar a dança.”“ (Gostei mais de participar) Em Campo Maior...porque conheci muita gente...muitos amigos, ensinaram-me a dançar...elas e você dançavam muito bem.”“Gostei (de conhecer pessoas novas), porque nos dissemos os nossos nomes e elas disseram os delas. Elas eram boas raparigas.” (E7)

“ (O que mais gostei foi) Estar com as outras meninas...”“Sim, conheci muitas pessoas novas...as jovens, as suas alunas. Porque elas ficaram contentes de nos conhecer. Até havia lá uma pequenina, eu nem queria acreditar.” (E8)

“Gostei de conhecer pessoas novas.”“(Onde gostei mais de participar foi) Em Campo Maior... porque estive com outras pessoas e gostei de ver dançar as outras meninas.”“Sim... gostei de conhecer as meninas e a pequenina que estava lá que já dançava muito bem. Elas eram boas raparigas.” (E9)

“Gostei(de conhecer pessoas novas) ...as meninas dançaram bem.” (E10)

“Gostei (de conhecer pessoas novas) ...porque elas tinham saias e eram bonitas.” (E11)

“Fiquei com mais amigas cá na escola e em Campo Maior.”“Gostei das tuas alunas...são boas raparigas e simpáticas.” (E12)

“Sim (de conhecer pessoas novas) ...eram simpáticas.” (E14)

“Sim (de conhecer pessoas novas) ...Todas, porque elas são bonitas.” (E15)

A importância que este momento teve para as utentes é bastante evidente nos segundos desenhos que elas fizeram, realizados no culminar do projecto, onde se verifica uma diferença significativa em relação aos primeiros. Essa diferença significativa verificou-se ao nível da ênfase dada pelas utentes ao espectáculo de Campo Maior. Nos primeiros desenhos as utentes representaram-se, maioritariamente, nas aulas dando pouca importância ao espectáculo dos 20 anos da APPACDM, que foi realizado dentro da própria instituição. Os segundos desenhos

representam, para a maior parte das utentes, o espectáculo no Centro Cultural de Campo Maior dado o seu grande interesse e realização ao participarem num evento deste género.

O que se verifica ainda nos dias que correm é que, a maioria das pessoas com deficiência continua fechada no seu círculo restrito, relacionando-se apenas com pessoas com os mesmos problemas, profissionais ou familiares. As suas redes de relacionamento não se estendem para fora, também porque muitas vezes não são criadas as condições suficientes para que tal aconteça. As suas oportunidades de relacionamento com o exterior são poucas ou nenhuma, e se existem são marcadas pelo universo da deficiência. Segundo a perspectiva de alguns pais e monitores, a dança possibilitou o contacto das utentes com outras pessoas exteriores ao meio institucional e familiar, possibilitando uma abertura à comunidade, dado que a maior parte delas interage pouco ou nada com o exterior (vide in I17, I25, I26, I27, I28, I37, I39, I43, I45, I46, I50)

A dança surgiu como uma forma de alargamento das redes de relacionamento destas mulheres. Houve uma abertura destas à comunidade, procurando integra-las em meios ditos “normais”, isto é, que não sejam marcados pela deficiência. As relações de amizade que se criaram entre as utentes e as outras bailarinas foi de parte a parte, as outras bailarinas interagiram naturalmente com as utentes, respeitando-as como pessoas que são e dando-lhe todo o apoio necessário. Após a conclusão do projecto, houve sempre desejo de ambas as partes se voltarem a encontrar e de manterem o contacto; tanto as utentes da APPACDM como as outras bailarinas continuam a perguntar pelas suas companheiras de dança. Verificou-se uma relação positiva entre estas mulheres, que poderia ser explorada e trazer bastantes benefícios para ambas as partes, como evidencia Cardoso *“Junto a amigos da comunidade, o educando que recebe educação especial terá maiores oportunidades não só de explorar e conhecer melhor a comunidade onde vive e sentir-se afirmado e valorizado como pessoa, como todos se beneficiarão do relacionamento único a ser estabelecido, aprendendo uns com os outros.”* (1992:98).

Este projecto trouxe bastantes benefícios, tanto ao nível das mulheres com deficiência, como das mulheres sem deficiência, pelo relacionamento saudável que se criou, pelo respeito e igualdade que se verificou, pela aprendizagem que se incorporou. Termina este ponto com a expressão de uma utente, que mostra bem o elevado nível de satisfação que se sentiu, pois, enquanto nos preparávamos para o espectáculo nos camarins, onde estávamos todas juntas, ela referiu “Isto é um sonho...professora!”.

Conclusão

“Hoje a Dança Oriental apresenta-se como um caminho para despertar o corpo, a mente e a alma, numa expressão pessoal de sensibilidade, beleza e harmonia que se reflecte em cada corpo que dança.” Maria João Castro

É bastante interessante, como se tem vindo a dissertar nesta investigação sobre dois assuntos que assumem um papel bastante polémico e controverso nos dias de hoje, fala-se da dança oriental e da deficiência mental.

A dança oriental ainda é abafada por um etnocentrismo ocidental que, infelizmente, rotula esta forma de arte como algo menos digno, associando-lhe medos, tabus e preconceitos. Apesar de ser considerada a dança mais antiga que existe, nascendo em rituais religiosos primitivos, assume um papel cada vez mais relevante em várias partes do mundo; todavia, esta ainda luta contra uma mudança de mentalidades. Este tipo de dança não existe apenas para “corpos perfeitos”, e não se baseia em nenhum paradigma que exija um determinado perfil para praticar dança oriental. Na verdade, qualquer um de nós pode estar apto para aprender e praticar a dança, desde que haja disponibilidade e abertura para experienciar e beneficiar desta grandiosa forma de expressão corporal.

A deficiência mental também surge como um tema disputável, o que é considerado deficiência hoje pode já não o ser amanhã, devido à evolução tecnológica e à invenção de determinados instrumentos que capacitam os deficientes. O que é considerado como deficiência aqui pode não o ser ali, tudo depende do contexto económico, cultural, social no qual se está inserido. O que num determinado período se considera um corpo deficiente e que é alvo de estigmatização, pode passar a ter um tipo de conotação mais positiva devido a uma reavaliação dos padrões estéticos impostos.

Uma problemática inconstante na sua definição, sujeita a transformações e a reformulações, no entanto, importa enfatizar que independentemente do local onde se está este tipo de pessoas com necessidades especiais, são pessoas iguais às outras que têm sentimentos, emoções, aspirações e desejos.

O projecto “Sentindo e Dançando”, enquanto produção cultural de cariz artístico, vai de encontro às necessidades deste tipo de população muito peculiar, contribuindo claramente para o desenvolvimento individual e social de mulheres com necessidades especiais, possibilitando uma melhor construção identitária e a sua inserção na comunidade urbana.

A dança oriental permitiu que estas mulheres tivessem acesso ao conhecimento, mais do que conhecimento sobre o movimento, a dança, a música, a cultura árabe; esta actividade constitui-se como uma forma de conhecimento do seu próprio “eu”. A dança surge como uma forma de aceder ao conhecimento, permitindo conhecer a realidade através do movimento e da experiência do sensível. É importante que a dança permita desenvolver a criatividade de cada um, destacando-se como um meio de comunicação, de transformação e acção social.

Verificou-se o desencadear de um processo de auto-descoberta, onde este tipo de população, com características muito específicas, passou a ter um contacto muito próximo com o seu corpo, com as suas dificuldades, limitações e, sem dúvida, também com as suas capacidades. Este acto de virar-se para si própria e a própria valorização do “saber fazer” contribuiu para que estas mulheres se valorizem, aumentando a sua auto-estima e lutando contra os preconceitos associados à deficiência.

Muitas vezes estas mulheres, conscientes de que são diferentes das outras pessoas, encontram na dança uma forma de se valorizarem e de gostarem mais de si próprias. Aliado ao facto de a dança oriental ser uma dança alegre, cheia de cor e brilho, com um vasto leque de acessórios que podem ser utilizados por qualquer um, e adicionando o fascínio que emerge pelo mundo artístico – o palco, as luzes, os camarins, a maquilhagem, o público, etc. – este tipo de população especial reencontra na dança o narcisismo, a vaidade, o sonho, o glamour.

Todos estes factores assumem um papel importantíssimo, dado que muitas destas utentes revelam pouca auto-estima, baixa autoconfiança e, de certa forma, algum défice de reconhecimento das suas capacidades pelos outros. A dança surge assim como uma possibilidade de integrar a diversidade, contribuindo para a aceitação, a valorização e a experiência de que diferentes corpos criam diferentes danças. Está-se perante a quebra do dogma do “corpo perfeito”, imposta pelos padrões sociais, enaltecendo as capacidades que todos os indivíduos têm para comunicar e se expressar através do seu corpo, independentemente deste ser perfeito ou não. Neste sentido, a dança oriental é uma produção cultural que influenciou a construção identitária das mulheres com necessidades especiais, desenvolvendo a sua auto-estima e autoconfiança, e construindo uma auto-imagem mais positiva.

Quanto ao desenvolvimento social do grupo estudado, verifica-se que a dança permitiu a criação de verdadeiros espaços de socialização e cooperação, onde estas mulheres convivem e estabelecem relações sociais com os outros. Este tipo de laços criados neste contexto, assume um papel bastante importante ao nível emocional, pois, este tipo de relações são sinónimo de relações afectivas onde impera o sentimento de amizade. É através da

consciência de pertença ao grupo, e o valor associado a esse facto, acompanhado de emoções positivas como se pode verificar, que estas mulheres assumem a importância do grupo e tomam consciência do seu posicionamento quer dentro do grupo, quer do grupo na comunidade.

É ainda através da dança que este tipo de população consegue alargar a sua rede social, conhecendo e convivendo com outras pessoas que não possuem deficiência. O surgimento de novos relacionamentos atinge uma extrema importância para esta população, dado o seu isolamento no meio familiar e institucional e a sua privação de interacção com o meio exterior. Este tipo de contacto com outras pessoas também está repleto de grande afectividade, evidenciando a grande carência que existe ao nível neste tipo de população ao nível de contacto social.

Desta forma, a dança permite o desenvolvimento social de indivíduos com necessidades especiais, contribuindo para um alargamento da sua rede de relacionamentos, quer a nível institucional, familiar e comunitário, possibilitando que estas se sintam emocionalmente mais integradas. Efectivamente, a dança oriental é uma produção cultural que emerge como um processo de socialização e de relações interpessoais, tanto dentro do universo da deficiência, como no contexto urbano que circunda esse mesmo universo, contribuindo ainda para a construção de uma identidade grupal.

Por último, interessa referir que todo este projecto concorreu para a promoção da igualdade de oportunidades das pessoas com deficiência, possibilitando-lhe praticar uma actividade inovadora, desenvolver a sua criatividade e as suas capacidades artísticas, conviver com a comunidade, participar na comunidade através do mundo cultural e artístico e combater preconceitos. Assiste-se, assim, a uma orientação para o futuro, à procura de uma libertação das condições passadas e à possibilidade de decidir sobre um maior leque de escolhas. É o combate aos determinismos e à necessidade de pôr em pé de igualdade os indivíduos, por muito diferentes que estes sejam, procurando atenuar o peso do passado de forma a tornar menos desiguais as condições do futuro.

Importa reter que a heterogeneidade faz parte da sociedade em que se vive e, por essa mesma razão, é importante aprender a aceitar a diferença e abrir um espaço na sociedade para a integração de quem é diferente. Apesar do reconhecimento da diferença, não se pode esquecer que deficientes e não deficientes são iguais, são indivíduos que vivem na mesma comunidade e, por esse facto, é importante realçar as capacidades e potencialidades de cada um em detrimento das suas incapacidades e limitações. Por tudo isto, a dança oriental é uma produção cultural que promove nas mulheres com necessidades especiais o exercício da

cidadania, promovendo a igualdade de oportunidades e contribuindo para uma comunidade urbana mais inclusiva.

É fundamental que a sociedade reveja os seus modelos sociais e os seus padrões de valores, procurando ir de encontro a uma sociedade igualitária e justa que aceite a diferença no seu seio. Antes de mais, torna-se imprescindível que a sociedade olhe para a pessoa com deficiência, segundo as suas capacidades e potencialidades, como sendo um membro activo e participativo, podendo vir a ser etiquetada como uma sociedade empobrecida.

Alguma evolução se tem registado ao nível da inclusão desta população no meio artístico, contudo, é de referir que, apesar das barreiras arquitectónicas e das suas próprias restrições psicofísicas, as maiores dificuldades que se levantam são o difícil acesso à educação e à informação cultural e artística. Para que este tipo de população se possa inserir melhor dentro do mercado artístico, é necessário permitir o acesso à informação, possibilitar a formação cultural e artística, é fundamental que existam recursos de apoio que vão de encontro às suas limitações, que existam políticas públicas de apoio e investimentos na área e aposta nas novas tecnologias. Todos estes factores vão permitir que as pessoas com necessidades especiais tenham maior facilidade de se movimentar no campo da dança, podendo optar, para além da vertente terapêutica ou educacional, também pela vertente artística.

Em conclusão, a diversidade humana surge como algo essencial à sociedade, como o motor que proporciona o arranque do seu desenvolvimento. A deficiência deve ser encarada como uma potencialidade a ser desenvolvida, procurando valorizar a diversidade de cada indivíduo e as suas respectivas diferenças. Este facto não deve constituir-se como um obstáculo, mas sim como um factor de enriquecimento e formação da sociedade. Isto quer dizer que a dança oriental assumiu um papel fundamental no desenvolvimento individual e social da pessoa com deficiência, como já foi visto, contribui também para o desenvolvimento individual e social de todos os outros membros, porque estes passaram a conhecer e a saber lidar com a deficiência mental, e por último, contribui para atingir uma sociedade mais equilibrada, justa e humana.

Bibliografia

- Abrão, Ana Carla Peto, Luiz Jorge Pedrão (2005), “A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança”, [versão electrónica], *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.13, nº2, Abril, acedido em 01 de Abril de 2009 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104
- Albuquerque, Maria Cristina (2000), “A Criança com Deficiência Mental Ligeira”, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, Livros SNR Nº17, Lisboa.
- Almeida, João ferreira, Luís Capucha , António Firmino da Costa, Fernando Machado, Isabel Nicolau, Elizabeth Reis (1992), *Exclusão social: Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Amoedo, Henrique (2004), “Dança inclusiva em contexto artístico: análise de duas companhias”, *Estudos de Dança*, Lisboa, nº7/8, pp. 203-218.
- Argyle, Michael (1988), *Bodily Communication*, London, Routledge.
- Barral, José et al. (1998), “Roda Viva Cia. De Dança: Da reabilitação à profissionalização/ Deficientes e bailarinos”, *Continentes em Movimento – Novas Tendências no Ensino da Dança*, Lisboa, FMH, 67-69.
- Batalha, Ana Paula (2004), *Metodologia do Ensino da Dança*, Cruz quebrada, FMH Edições.
- Bianchetti, Lucílio (1995), “Aspectos Históricos da Educação Especial”, [versão electrónica], Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Educação Especial*, acedido em 25 de Agosto de 2009 em http://www.marilia.unesp.br/abpee/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista3numero1pdf/r3_art01.pdf
- Capucha, Luís (1998), “Pobreza, Exclusão Social e Marginalidades ”, *Portugal que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, 209-239.
- Castro, Maria João (2004), *Dança Oriental*, S.I., Portugal, Autor.

- Cardoso, Maria Cecília de Freitas (1992), “Integração Educacional e Comunitária”, [versão electrónica], Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Educação Especial*, acessado em 25 de Agosto de 2009 em http://www.marilia.unesp.br/abpee/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista1numero1pdf/r1_art08.pdf
- Chaiklin, Sharon et al. Eds. (2009), *The Art and Science of Dance/Movement Therapy: Life is Dance*, Londres: Routledge,
- Cone, Theresa Purcell (2007), “In the moment: Honoring the teaching and learning lived experience”, *NDA Scholar/ Artist Lecture*, volume 78, nº4
- Cone, Theresa Purcell et al. (2007), “Dance Education: Dual or Dueling Identities”, *Viewpoint*, volume 78, nº1.
- Faruk, Luciaurea (2007), *História da Dança do Ventre: O Ventre e o Corpo no Tempo*, [versão electrónica], I Compêndio Correlacionista para a Dança do Ventre, volume I, acessado em 15 de Maio de 2009 em <http://www.dancealmha.com/Metaforma.Vol.I.doc>
- Fitoussi, Jean-Paul, Pierre Rosanvallon (1997), *A Nova Era das Desigualdades*, Oeiras, Celta Editora.
- Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Estoril, Principia.
- Guerra, Isabel (2002), *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*, Cascais, Principia.
- Kaeppler, Adrienne (1998), “La danse selon une perspective anthropologique”, *Danse Nomade*, *Nouvelles de Danse* 34/35, 47-67.
- Keali’nohomoku, Joann (2004), *Studying dance cultures around the world*, Pegge Vissicaro, Ph. D Arizona State University.
- Loupe, Laurence (1998), “Quelques repères pour perdre les autres. Une histoire de l’anthropologie de la danse”, *Danse Nomade*, *Nouvelles de Danse* 34/35, 9-17.

- Macara, Ana et al. (2003), “Childrens representations of dancers and Dancing: Children in Portugal and in Finland express themselves about dance”, *Diálogos Possíveis, Revista da Faculdade Social da Bahia*, 2, 97-101.
- Macara, Ana (1999), “Drawing about dance: A look at children watching dance performance.” In A. Berry, (Ed.) *Proceedings, Confluences 2: Articulating the Unspoken*. Cidade do Cabo: The University of Cape Town School of Dance, 117-126.
- Marconi, Marina de Andrade (1999), *Técnicas de pesquisa : Planejamento e execução de pesquisas: Amostragens e técnicas de pesquisa : Elaboração, análise e interpretação de dados*, São Paulo, Editora Atlas.
- Marques, Sandra (2004), *A Dança do Ventre como instrumento de reconstrução da imagem corporal em mulheres obesas*, [versão electrónica], acedido em 01 de Abril de 2009 em http://www.nutrociencia.com.br/upload_files/artigos_download/Artigo%20-%20Dan%C3%A7a%20do%20ventre%20em%20mulheres%20obesas.pdf
- Matos, Lúcia (1998), “Múltiplos Olhares sobre o Corpo Surdo: A Desconstrução da Corporiedade do Adolescente surdo na Dança”, *Continents em Movimento – Novas Tendências no Ensino da Dança*, Lisboa, FMH, 76-81.
- Mayer, Alice (1998), “Dança para todos: Expressão e desenvolvimento da criatividade”, *Continents em Movimento – Novas Tendências no Ensino da Dança*, Lisboa, FMH, 82-84.
- Moro, Elizabeth (2004) *A Dança do Ventre como Instrumento na psicoterapia Corporal para Mulheres*, in *Convenção Brasil Latino América*, [versão electrónica], Foz do Iguaçu, ANAIS, acedido em 22 de Janeiro de 2009 em <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/anais/Elizabeth%20Moro.pdf>
- Nichols, Susan et al. (1994), “Perspective on Quality Dance Programs in the Middle Schools: A Case Study”, *Spotlight on Dance*, volume 20, nº3.
- Nunes, Sandra Meyer (2005), “Fazer dança e fazer com dança: perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam”, [versão electrónica], Florianópolis, *Ponto de Vista*, n.6/7, 43-56, acedido em 20 de Agosto de 2009 em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1149/1466>
- Pereira, Filomena (1998), “*As Representações dos Professores de Educação Especial e as Necessidades das Famílias*”, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com deficiência, Livros SNR Nº8, Lisboa, 2ª Edição.

- Pereira, Mariana (2004), *Dança do Ventre: Uma Revisão Bibliográfica*, [versão electrónica], São Paulo, Trabalho de monografia, Pós-graduação em dança e consciência corporal, Faculdade de Educação Física da UniFMU, acessado em 01 de Abril de 2009 em http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/49/TDE-2006-11-14T171825Z-436/Publico/cinthianepomuceno.pdf
- Pereira, Mário do Carmo e Fernando David Vieira (1996), “*Uma Perspectiva de Organização Curricular para a Deficiência Mental*”, Textos de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, Lisboa, 2ª Edição.
- Payne, Helen Ed (2006) *Dance Movement Therapy: Theory, Research and Practice*, Londres, Routledge.
- Quivy, Raymond (1992), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Raino, Lynda (1998), “Big dance: Modern Dance Classes and Performing Group for Large People”, *Continentes em Movimento – Novas Tendências no Ensino da Dança*, Lisboa, FMH, 76-81.
- Ramirez, Adriana (1998), “Integration of Mental-Retarded People to Dance”, *Continentes em Movimento – Novas Tendências no Ensino da Dança*, Lisboa, FMH, 76-81.
- Reis, Luíza (Outubro 2006), “O Desenvolvimento Lúdico da Criança através do Folclore”, *Educare – O Lúdico e a Criatividade*, Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Ano XI, 101-125.
- Reis, Luísa Santos (Julho 2004), “A Dança e o Seu Valor na Educação Rítmica e Social da Criança/Jovem”, *Educare – Aprendizagens e avaliação nas Áreas artísticas*, Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Ano X, 179-188.
- Renaud, Claude Pujade (1976), *Danse et Narcissisme en Éducation*, France, Éditions ESF.
- Rocha, Margarida (Julho 2004), “Porquê a arte na Escola? – Notas sobre Educação em Arte”, *Educare – Aprendizagens e avaliação nas Áreas artísticas*, Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Ano X, nº especial, 127-136.
- Santos, Rosirene Campelo dos e Valéria Maria Figueiredo (2003), “Dança e Inclusão no Contexto Escolar, um Diálogo Possível”, [versão electrónica], *Revista Pensar a Prática*

vol6, 107-116, acedido em 20 de Agosto de 2008 em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/58/57>.

Sarto, Karina (2007), *Retratos da Vida: Dança e Lazer como Instrumentos de Inserção Social*, [versão electrónica], Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências e Saúde, Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Dissertação de Mestrado, acedido em 15 de Maio de 2009 em <http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/DCAAPIQSRHSE.pdf>

Sasaki, Romeu Kasumi (1999), “Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos”, [versão electrónica], Rio de Janeiro, WVA, acedido em 25 de Agosto de 2009 em <http://www.teleduc.cefetmt.br/teleduc/arquivos/4/correio/107/construindo%20uma%20sociedade%20para%20todos.doc>.

Tajfel, Henri (1982), *Grupos Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia social*, Lisboa, Livros Horizonte.

Thomas, Helen (1995), “Formulating a Sociology of Dance”, *Dance, Modernity and Culture*, London and New York, Routledge, 1-30.

Touraine, Alain (1982), *Pela Sociologia*, Lisboa, Universidade Moderna 73 – ciências sociais, Publicações Dom Quixote.

Vieira, Fernando e Mário Pereira (coords.) (1996), “*Se Houvera Quem Me Ensinara...*” – *A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*, Textos de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, Lisboa.

Wosien, Bernhard (2000), *Dança – Um caminho para a totalidade*, São Paulo, TRIOM, Centro de Estudos Marina e Martin Harvey.

Xavier, Cíntia (2006), ...5, 6, 7, ∞ ... *Do oito ao infinito: por uma dança sem ventre, performática, híbrida, impertinente*, [versão electrónica], Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Arte, dissertação de mestrado, acedido em 01 de Abril de 2009 em http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/49/TDE-2006-11-14T171825Z-436/Publico/cinthianepomuceno.pdf

ANEXOS

ANEXO 1. Grelha analítica

Dimensões de Análise

Uma vez definido o objecto de estudo e tendo como base o enquadramento teórico serão definidas várias dimensões de análise a fim de aprofunda-las nas entrevistas que serão aplicadas durante o processo de investigação.

Grelha analítica		
Problemáticas	Dimensões	Perguntas
Trajectória Ocupacional	- Experiência em dança - Apreciação sobre a prática de dança / Diferença entre a outra dança e a dança oriental - Gosto pela dança	Nº1 Nº2 Nº3
Apreciação das aulas de Dança Oriental	- Avaliação das aulas de Dança Oriental - Sentimentos relativos à prática da dança oriental - Aspirações pessoais quanto à dança	Nº4 Nº5 Nº6
Identidade Social		
a) Componente Cognitiva	- Consciência de que pertence a um grupo	Nº7
b) Componente Avaliativa	- Conotação positiva ou negativa relativamente à sua pertença	Nº7
c) Componente Emocional	- Emoções dirigidas ao próprio grupo ou a outros grupos (gostar muito, não gostar, amar, odiar, etc)	Nº7
d) Auto-imagem positiva	- Avaliação relativamente a sentimentos de auto-estima e auto-confiança - Imagem associada a ela própria e ao grupo	Nº8 Nº9
e) Grupos de pertença	- Família – Percepção do significado da dança para a família, expectativas familiares	Nº 10

	<ul style="list-style-type: none"> - o que esperam dele). - Pares – relações de sociabilidade e relações de amizade que se estabeleceram, significado atribuído aos pares/ relações de amizade, percepção do significado que tem para os pares, expectativas dos pares (o que esperam dele), funcionamento do grupo. 	Nº 11
Inserção/ Exclusão Social	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadania (percepção de si enquanto cidadão, direitos identificados, valor atribuído) - Participação nas aulas, participação no espectáculo da APPACDM (interior da instituição) e participação no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior (exterior da instituição). - Avaliação relativamente à sua inserção noutros meios e relacionamento com outros indivíduos fora do universo da deficiência. 	<p>Nº12</p> <p>Nº 13</p> <p>Nº14</p>

ANEXO 2. Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?
2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?
3. Gostas de dançar? Porquê?
4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?
 - O que gostaste mais?
 - O que aprendeste?
 - O que trouxe de bom para ti?
5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)
6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança? Esse sonho realizou-se?
7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?
 - É bom ou é mau? Porquê?
 - O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?
8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?
 - Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?
 - Como te sentes com o teu corpo?
 - Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?
9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)? E quando vês o grupo todo a dançar?
10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?
 - Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?
 - Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?
11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?
 - Tens mais amigas agora ou antes da dança?
 - Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança? E tu?
12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?
 - Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?
 - Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina?
13. Gostaste de participar nas aulas? E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?

- Se não participaste, qual foi o motivo?
- Onde gostaste mais de participar? Porquê?

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

- O que gostaste mais desse dia? Porquê?
- Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?

ANEXO 3. Inquérito por Questionário

Apresentação e objectivo do inquérito por questionário

O meu nome é Letícia Garcia (Socióloga e professora de Dança Oriental) e estou a contactá-lo no sentido de colaborar na minha investigação, respondendo às perguntas deste pequeno questionário, que será utilizado para a minha tese de mestrado. Nesta tese procuro averiguar a influência da Dança Oriental ao nível do desenvolvimento individual e social de indivíduos com necessidades especiais, assim sendo, agradeça que me pudesse facultar a sua opinião relativamente a esta questão sabendo que não existem respostas certas nem erradas.

Identificação

Nome do entrevistado: _____

Nome da utente: _____

Tipo de vínculo à utente: _____

Inquérito por questionário

1. Considera que o projecto da Dança Oriental teve alguma influência no comportamento da utente?

Nenhuma Pouca Alguma Muita

Explique em que sentido?

2. Pensa que a imagem que a utente tem de si própria é hoje mais positiva que antes deste projecto?

Nada Pouco Algo Muito

Explique em que sentido?

3. Acha que a Dança Oriental interferiu ao nível do relacionamento da utente com outras pessoas?

- Nada Pouco Algo Muito

Explique em que sentido?

4. Considera que este projecto contribuiu para a promoção da igualdade de oportunidades e para a inserção de utente na sociedade/comunidade?

- Nada Pouco Algo Muito

Explique em que sentido?

5. De uma forma geral como avalia a influência do projecto de Dança Oriental ao nível do desenvolvimento individual e social da utente?

- Nenhuma Pouca Alguma Muita

Explique em que sentido?

6. Caso queira fazer algum comentário relativamente ao projecto de Dança Oriental ou pretenda referir alguma situação específica que não se enquadre nas perguntas anteriores utilize o espaço seguinte.

ANEXO 4. Entrevistas

Entrevistada 1

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Não... nunca fiz... só fisioterapia. **Mas gostavas?** Sim... gostava... era outra actividade. Aqui as actividades são muito poucas... Tiraram os computadores... e pronto foram tirando tudo.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Que tipo? Nós vemos TV. Tanta gente a dançar... elas dançam de qualquer maneira... uma perna para aqui, um braço para o outro lado... e aqueles vestidos... aquelas festas. Eu gosto muito da dança da novela da SIC... Caminho das Índias... Eu gosto muito dessa dança de ver as meninas a dançar...
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto... está bem que eu tenho dificuldades como a Letícia sabe... Toda gente tem as suas dificuldades... eu tenho as minhas... mas gostei muito de ir a Campo Maior. **Porque gostas?** A minha mãe dança muito bem... e ela costuma meter a música e dança comigo... e gosto muito... e divirto-me.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gostei muito... porque era uma coisa nova e diferente que nós não estávamos habituadas. Completamente diferente... nós íamos chamar as nossas colegas para a dança e a Letícia tinha muita paciência connosco. Por acaso, Adorei. Faz muito bem mexer o corpo... nós aqui estamos sempre sentados.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostava muito quando a Letícia me punha aquela capa... e quando todas púnhamos os lencinhos das medalhas... gostava muito... para mim tinha um significado esplêndido. Gostava muito daquelas coisinhas.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a dançar... umas vezes fazia bem outras vezes fazia mal... umas vezes caia depois levantava-me... mas graças a Deus nunca me magoei. Aprendi a conviver com elas... a estar em grupo que é muito importante... a falar com elas porque eu preciso muito de comunicar... e de mexer os maxilares e o resto do corpo.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Mexer... mexer as pernas, os braços, as mãos porque faz falta. Mexer o corpo, faz falta para desenvolver mais, as pernas e os braços. E também para comunicar mais com o público, para não sermos tão tímidas e não termos vergonha.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
A 1ª vez senti-me um pouco nervosa... porque eu sou muito nervosa... mas depois lá foi passando. **E porque ficavas nervosa?** Porque eu agora meteu-se me na cabeça que tenho medo de andar e depois caio. **E foi sempre assim?** Não, depois aquilo começava a passar e já me sentia mais à vontade. Sentia-me liberta... porque também sou tímida e fez-me bem. **E sentia-se contente?** Sim... porque também estava com as minhas colegas e cada uma dizia uma coisa.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não... fiquei a pensar “ah... eu vou para ali não sei o que fazer” mas também queria experimentar e não queria ficar atrás das minhas colegas. Se elas vão eu também vou. E a Letícia ajudava-nos muito. Toda a gente faz bem e mal. Eu o que preciso é de ser puxada, senão fico dentro da casca do ovo fechada e sem fazer nada. E para ocupar a cabeça... quando temos a cabeça ocupada não pensamos no mal e em coisas más.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sinto... lá ia fazendo como a Letícia mais o menos dizia.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom, eu gostei. Porque era uma actividade nova e nós gostamos de fazer coisas novas. Não é sempre a fazer o mesmo.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me bem... cada uma dizia a sua coisa. A [...], a [...] ..., elas diziam “Ah cuidado [...] não caias!”... Achava muito bonito o cuidado que elas tinham comigo. Até dizia aos meus pais o cuidado que elas tinham

comigo... sempre a auxiliar-me... achava isso muito carinhoso e amoroso. A [...] também muito cuidadosa comigo! Acho isso muito amoroso, são amáveis para as pessoas, muito terno. Porque há outras pessoas que não querem saber de nós, se nós caímos as pessoas não são capazes de auxiliar... e elas eram muito carinhosas, muito simpáticas e gostam muito umas das outras. Eram todas assim... e ajudávamo-nos muito umas às outras.

8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?

A dança era andar para trás e para a frente... nunca estávamos paradas. Quanto mais eu andar, melhor para mim. **Deixou de ter medo das coisas?** Deu uma ajudinha... pelo menos estava distraída e não pensava que iria cair. Assim pensava menos no meu medo de cair. Pensava menos em que iria cair... porque andava sempre para a frente e para trás.

8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?

Sim... ajudou-me a ficar mais calma e descontraída. Quando ia para a sala ia bem.

8.2. Como te sentes com o teu corpo?

O meu pai no outro dia disse-me que eu conseguia andar um pouco melhor na rua. **E sente-se melhor com o seu corpo?** Sinto... sinto que me mexo melhor. Há um ano atrás eu não conseguia andar sozinha, só andava agarrada às pessoas e depois ficava triste e com depressão. Mas agora já estou muito melhor. **E sente-se mais bonita?** Eu sou muito vaidosa... gosto muito de cremes, roupa...sombras...**mas gosta mais de si?** Sim...eu depois punha-me a mostrar os movimentos lá em casa à minha mãe.

8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?

Ajudou-me um bocadinho... porque tinha mais actividade e energia... e fazia aqueles movimentos todos com o corpo.

9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?

Eu estava sempre com cuidado em não cair... não era só por cair... era porque depois ficava envergonhada. Mas então as outras têm mais firmeza nas pernas. **E o grupo?** Achava giro, bonita... eu gosto muito de dançar, de música, CDS, se eu tivesse outro corpo só o que fazia era dançar. Gostava de as ver todas porque estávamos todas juntas ali... a conviver.

10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?

Diziam que era uma boa ideia, era uma actividade nova, para mexer o corpo e os membros...que fazia falta para nós esticarmos os braços as pernas. E também porque era importante ir apresentar ao público o nosso trabalho... O meu pai disse-me se tu te sentes capaz, vai!

10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?

Não se importam... apesar de estarem sempre com medo que eu caia e possa ficar mal.

10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?

Sim gostam... para conviver e falar mais com outras pessoas.

11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?

Gosto muito... gosto delas todas! Da [...] é que tinha mais receio, por causa de cair. Mas a [...] não fazia por mal, é por causa dos comprimidos. E por isso eu desculpava-a. **Porquê?** Ao nós sermos deficientes, elas têm muito cuidado. As pessoas de fora não se importam comigo e elas têm mais cuidado comigo e são mais queridas.

11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?

As amigas foram sempre as mesmas... porque elas todas andam por aqui no intervalo, no refeitório e falo com todas.

11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?

Sim... A [...] tem aquela maneira de ser. A [...] também tem os seus quês, umas vezes queria ir outras vezes não. A [...] também não quis ir ao espectáculo, Mas pronto não era por mal... tinha a ver com a doença delas. Mas correu tudo bem... foi fascinante... foi um espectáculo espectacular. **E tu?** Eu achei que me portei bem... acho que fiz o que pude... também não sou nenhuma dançarina e gostei muito de ver a Letícia a dançar.

12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?

Foi muito bom... e era para haver mais. Com aquele ginásio grande que está mal empregado. Era bom haver para não ser sempre a mesma rotina.

12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?

Adorava... com a Letícia então! **Porquê?** Porque gostava de fazer movimentos ao corpo... mexer as pernas, os braços, dobrar-me...

12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?

Acho... eu já vejo deficientes a dançar na televisão até em cadeiras de rodas... Porque não! Nós somos como os outros, diferentes mas todos iguais, ninguém tem culpa de ser como é!

13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?

Gostei... porque convivia com vocês e porque tínhamos uma professora muito gira, com muita paciência e muito carinho por nós que nos ensinava muito bem.

E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Não participou porque estava doente.

E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Gostei muito... gostei que me pintassem. E elas também eram muito simpáticas e adoráveis para a gente apesar de não nos conhecerem... eram fantásticas. Apesar de não conhecerem a gente...mas, elas faziam tudo para a gente estar feliz!

13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?

Gostei de participar em tudo. Em Campo Maior porque nunca caí e aqui também gostei por causa dos lenços... eu adorava!

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

No 1º momento um pouco nervosa...mas depois foi passando e lá fui... fui contra os nervos e contra tudo. E o que tem que ser, tem que ser! E tem muita força. E também dizia, se cair levanto-me. Estava contente...enquanto me despia e vestia. E depois estava lá a ver aquelas pinturas que eu adoro. E chegamos a casa muito tarde! Até a minha mãe ficou admirada.

14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?

Foi das pinturas, do camarins... Adorei nunca tinha entrado num camarim... Adorei vestir e despir... foi uma coisa diferente, E elas todas a pintarem-se, todas giras... aquilo foi um espectáculo!

14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?

Adorei conhecer pessoas novas... é bom para nós. Porque vamos sempre conversando outras coisas, nós distraímos-nos. As meninas foram todas simpáticas para gente...mesmo as pequeninas...foram adoráveis.

Entrevistada 2

1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?

Já tinha dançado na quinta dos cucos, hip pop. Gostei, eu gosto de dançar bué.

2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?

Gostei das duas...para mim foram as duas fáceis. Eu só vi uma vez, aprendo logo a seguir.

3. Gostas de dançar? Porquê?

Gosto...sempre gostei de dançar desde pequenina e de ouvir música.

4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?

Sim...porque é fixe fazer macacadas. A professora mandava-as para um lado e elas iam para o outro, eu fartava-me de rir com elas.

4.1. O que gostaste mais?

Eu gostei de tudo...menos da dança das velas. É uma grande seca, andar a passear com as velas nas mãos. E gostei da coreografia que fizemos a seguir.

4.2. O que aprendeste?

Aprendi a dançar.

4.3. O que trouxe de bom para ti?

Não...estava tudo normal.

5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me contente...às vezes estava cansada.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não sonhei em nada...fui porque gosto de dançar.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...era para estar mais algumas horas com as minhas amigas. Eram quase todas.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom...porque era fixe, divertir-me. A única coisa que não gostava era dos cintos parecem umas pandeiretas.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me bem, era fixe estar com elas. Elas não me fazem mal e eu gosto de estar com elas. Só não conhecia duas ou três, o resto conhecia tudo.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim...porque eu gostava de dançar e para estar com as minhas amigas. Eu nunca tive medo de nada.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim...era fixe! Depois de almoço vinha sempre aos encontrões aos outros, depois da dança já não dava encontrões.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Normal...está normal como estava antes.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Fez com que estivesse mais contente...conheci uma nova professora, conheci colegas que não conhecia.
9. **Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Não pensava em nada. **E o grupo?** Pensava que iam todas enganar-se na coreografia.
10. **O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Ele gosta que eu dance.
- 10.1. **Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gosta...se eu gosto de dançar ele não diz nada.
- 10.2. **Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Não...não gosta que vá para fora sem ele. Tem medo que aconteça qualquer coisa.
11. **Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosto...porque são fixes, não me fazem mal e eu também não lhe faço mal a elas.
- 11.1. **Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Eu já tinha muitas amigas...são as mesmas.
- 11.2. **Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Portamos quase todas bem...quando não tinham os cintos elas não queriam dançar, ficavam amuadas. Eu dava-lhe o meu cinto. **E tu?** Portei...eu nunca me porto mal. Ninguém me fazia mal e eu não fazia a ninguém.
12. **Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Acho...a APP quase nunca tem nada, assim dançaram, assim foi bom você apareceu para animar o pessoal todo.
- 12.1. **Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...até era fixe dançar. Cada vez que dançavam não andavam à chapada. Quando não havia dança andavam à chapada. Era bom assim eu também podia dançar aqui dentro, mas só aqui dentro, eu não ia lá para fora, não gosto de sair daqui sem ser com os meus pais.

- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Acho...era da maneira que fazia mais amigas. Gostava que viesse mais gente de fora para aqui dançar.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Porque o meu pai não me deixou. Eu também não tinha muita vontade de ir. Não me apetecia ir dançar com tanta gente, preferia ir sozinha.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Só ia ao espectáculo se o meu pai fosse ver.

Entrevistada 3

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
No rancho...e na dança da Ermelinda. **Gostas?** Gosto.
- 2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gosto de todas. Porque estou mais entretida.
- 3. Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque gosto de ouvir música e fico contente.
- 4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gostei...porque estávamos todas juntas.
- 4.1. O que gostaste mais?**
Gostei de aprender a sua dança.
- 4.2. O que aprendeste?**
A dança do ventre.
- 4.3. O que trouxe de bom para ti?**
Música...e ficava contente.
- 5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me contente e com força para dançar.
- 6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não.
- 7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...porque elas são minhas colegas.
- 7.1. É bom ou é mau? Porquê?**
É bom...porque estou com elas e estou contente.
- 7.2. O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sinto-me bem porque são minhas colegas e amigas.
- 8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sinto...não tenho medo de nada.
- 8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Saía mais calma...e contente, descansada.
- 8.2. Como te sentes com o teu corpo?**
Sentia-me melhor...Sentia o corpo descansado.
- 8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**

Saía contente e feliz...porque já tinha acabado a dança.

- 9. Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Nada... **E todas?** Na dança...pensava que dançavam bem.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Não nunca falei. Gostam porque estou mais entretida.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gostam que esteja com as minhas colegas da APP.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gostam...ficaram contentes de eu ir a Campo Maior. Não foram ver o espectáculo. Perguntaram-me onde é que punha o lenço...e mostrei-lhe e dancei para eles.
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosto...porque elas são boas para mim, brincam comigo.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Não...são as mesmas.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim...porque dançaram bem e ficaram contentes, em Campo Maior e na APP. **E tu?** Portei...porque dançava bem.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Foi...porque não havia nada para dançar e a gente não fazia nada, então só íamos para o rancho.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Querida...porque gostava da sua dança e agora já não há.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Sim...porque gosto da dança.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Gostei...porque gosto de ouvir música.
- E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?** Gostei...porque foi bonito!
Gostei da dança. **E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?** Também gostei...porque havia muita gente a ver e porque gostaram da nossa dança.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Gostei de tudo...gostei da dança toda!
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Senti-me bem, gostei! Estava contente...**Estavas nervosa?** Não.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei da nossa dança...gostei do palco estava composto e havia lá muitas cadeiras. Estava cheio de gente e a baterem palmas.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Gostei das suas colegas e gostei da dança delas. Gostei porque elas dançavam bem e eram bonitas, e tinham roupas bonitas.

Entrevistada 4

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Não sabe... faço com a Ermelinda. **E gostas?** Mais ou menos...

2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
O que mais gosto é o hip pop...kizomba porque gosto de ver os gestos e as roupas largas.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto... porque é lindo. Eu gosto muito de dançar mas não é a dança do ventre. Eu gostava muito de a ver a dançar a você, e não a mim. Eu ia para não estar só na sala da escolarização. Eu só o fiz para estar entretida, mas andava contra vontade. **Mas porquê?** Porque me fez bem... deixa-me feliz... fico alegre.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Algumas gostava... outras não. **Quais gostavas?** Só gostava daquelas que a professora dançava. **E das outras não gostavas?** Porque era eu a dançar e dançava mal...porque quando me via ao espelho não gostava. Não me gosto de ver a dançar a dança do ventre...porque me sinto envergonhada à frente das pessoas.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
De a ver dançar a si... também gostava da música... aquela que dançamos nos 20 anos... gostava de estar com as minhas amigas...no fundo gostava de todas mas gostava mais da [...], porque ela estava sempre muito entusiasmada. Eu queria desistir e a [...] disse para não desistir. **E quando tu dançavas?** (não...só gostei um bocadinho).
- 4.2. **O que aprendeste?**
A dançar com as mãos na cintura...aprendi muita coisa linda. Aprendi que não se deve desperdiçar os amigos. E quando andava aborrecida com a [...], apetecia-me desistir e depois não quis ir ao espectáculo em Campo Maior. Mas depois já não tinha vontade.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Estar com as minhas amigas... porque nós estávamos na sala separadas e só víamos no almoço e no lanche. E depois juntava-me com elas e saía da escolarização, porque estava cansada de estar lá a fazer fichas. **E preferias ir dançar?** Para aprender coisas novas e no fundo aprendi.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me bem... às vezes andava mais triste... no início... lembra-se que você tinha que parar a dança...nessa altura não me sentia bem... pensava que não ia conseguir fazer bem as coisas e depois lutei. **E nos outros dias estava contente?** Sim.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Quería aprender a dançar com a espada... porque acho lindo. Vi numa novela... O Clone. E gostei muito de ver. Não se realizou...a professora foi-se embora.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sentia que pertencia porque estava lá com as minhas amigas.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
Era bom porque estava distraída e porque saía da sala.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me mais ou menos... havia dias que não me sentia à vontade... com certas miúdas. Eu só queria a [...] e a [...] e a [...]. As outras não gostava muito delas.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sinto... não tenho nada a esconder.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Acho que sim... ficava mais calma... parecia que tinha tirado um peso de cima.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Bem... sentia-me mais elegante... Como dizem nas novelas sentia-me mais importante... sentia-me com se fosse uma actriz.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**

Sim...notei que cresci mais um bocadinho assim de altura e de mentalidade... sentia-me mais mulher. **Estava mais feliz?** Mais ou menos uns dias estava bem outros dias estava mal.

9. **Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Nas novelas do Clone e do Caminho das Índias... pensava nas meninas a dançar. **E todas?** Sim...gostava de dançar e de ver todas juntas.
10. **O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Eles entusiasmavam-me para ir à dança e para não desistir.
- 10.1. **Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gostam...porque eles gostam que eu ocupe o meu tempo e para movimentar o braço porque me fazia bem ao braço.
- 10.2. **Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Não sei...não falei com eles sobre isso...Mas se tivesse falado...eles gostavam que fosse.
11. **Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Da [...], da [...] e da [...] e da [...]. **E das outras?** Não gosto delas...eu nunca gostei delas não é por ir para uma actividade que vou passar a gostar.
- 11.1. **Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Não...ficou tudo na mesma.
- 11.2. **Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Acho que sim...porque dançavam bem. **E tu?** Outros dias sim, outros dias não. **Quais os que te portavas bem?** Aqueles que me sentia feliz. **E os outros?** Quando estava com raiva de outras pessoas.
12. **Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Mais ou menos...porque às vezes sentia-me bem e outras vezes mal... não sei se foi boa ideia.
- 12.1. **Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...infelizmente não vai haver aulas. Gostava por causa dos fatos e de dançar com a [...], a [...] e a [...].
- 12.2. **Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Acho que sim...porque assim estávamos mais distraídas. Eu gosto muito de dançar... podia passar 24 horas por dia durante a semana, aos fins de semana a dançar que não me cansava. É lindo!
13. **Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Algumas sim, outras não! Outras não porque não me sentia à vontade... até nos balneários.
E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Gostei...porque já estava mais liberta, estava feliz, era os 20 anos da escola e sentia-me bem.
E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Porque não tinha vontade, porque estava aborrecida. **Porquê?** Estava revoltada porque você se foi embora e porque a Sónia não quis ir ao espectáculo, o pai dela não deixou e eu também não quis ir.
- 13.1. **Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Nas aulas... porque era mais bonito, porque estávamos com as amigas que nós mais gostávamos e podíamos estar juntas e conviver.
14. **Gostavas de conhecer outras pessoas?**
Sim...se calhar não... Eu não gosto de conhecer pessoas novas... faz-me confusão, faz-me mal. Todos se afastam de mim, então adeus. Não gosto de fazer conhecimentos, eu não gosto de misturas. O meu feitio não é fazer amigos. **Gostas de ir a outros sítios?** Sim, mas que não fosse muito longe, porque eu queria-me vir embora. Não sou muito de lidar com outras pessoas.

Entrevistada 5

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Ando no rancho...e a dança com a Ermelinda! Gosto, sim! Gosto porque ando distraída, ando mais calma e faz-me bem.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
A dança oriental...porque faz-me pensar que estou a voar no mundo.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque sempre foi o meu sonho dançar, porque nunca tive oportunidade de dançar em mais lado nenhum, em nenhum clube, e só tive oportunidade da dança aqui na APP. E porque me fez bem aos meus nervos.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim, gosto muito. Porque a professora é boa e ensinava bem. E eu gostava de aprender mais coisas se continuasse.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei de dançar a dança das velinhas porque é um símbolo da paz.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi muita coisa...aprendi a mexer a cintura, a pôr a mão na cabeça, a dançar de lá para cá... Fizemos a dança das velas e a outra...foi muito bonita!
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Trouxe-me alegria, pensar positivo, andar mais calma...foi uma dança educativa porque aprendi muita coisa e faz-nos bem à saúde.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Bem-disposta, muito feliz...e estava sempre deserta que a professora viesse.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Fiquei muito contente e satisfeita...nunca tinha experimentado na vida e gostei. Sonhei em aprender coisas novas. **E realizou-se?** Sim...eu aprendi coisas novas.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...porque eu gosto muito de pertencer a essas actividades das danças.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom...porque estou numa dança que eu gosto e porque é bom estar com elas e são boas amigas.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sinto-me bem de estar com elas...é uma alegria! Gosto de estar com elas em todas as actividades.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim...estou mais segura, sem receios. Fiquei a saber que eu posso entrar em todas as danças, porque eu para além de ver mal sei dançar.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim...mais calma. Conseguia fazer tudo, sentia-me bem comigo.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Fiquei a sentir-me muito bem com o meu corpo, porque o meu corpo está capaz de fazer outras danças.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim estou mais feliz e contente porque tive oportunidade de participar na dança oriental.

- 9. Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Penso em coisas boas que eu sou capaz de fazer tudo melhor! **É o grupo?** Ficava muito feliz...pensava que elas tinham as mesmas capacidades que eu.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
A minha mãe diz que eu andei mais calma, mais organizada. **Gosta que dance?** Sim gosta muito...porque quando me vai a ver fica muito feliz com a minha dança.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gosta...Ela diz que quando aprendo outras coisas e estou com outras meninas que estou mais feliz e mais calma, até em casa se nota.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gosta...quando fui dançar ao Centro Cultural ela adorou, gostou muito de ver o espectáculo.
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosto muito...elas são muito agradáveis para mim, são boas amigas, falam bastante comigo!
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Agora tenho mais...porque eu conheci lá umas miúdas em Campo Maior e tenho saudades delas.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim, portaram bem. Porque a dança acalmou-as também. Muito bem! Por exemplo a [...] antes da dança era muito resmungona e agora já está melhor! **E tu?** Sim, portei-me muito bem. Porque a dança faz portar as pessoas bem e eu portei-me muito bem, fiz tudo o que a professora mandava, estive com atenção.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Foi uma ótima ideia que a professora teve. Porque antes só existia o rancho, e depois veio a professora dar dança oriental e para mim foi sonho. Eu nunca tinha dançado danças orientais e gostei de experimentar.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Gostava que continuasse a dança porque era uma alegria para mim.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Sim acho...porque eu vou conseguir muita coisa, vou conseguir ótimas coisas. Porque eu só tenho problema da vista, os movimentos estão quase bons. Se não fosse da vista os movimentos estavam belíssimos.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Sim, gostei porque dancei na dança oriental, aprendi muitas coisas.
- E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?** Gostei de participar, porque é uma festa muito bonita que eu gostei de participar. E a coreografia foi bonita, gostei de fazer.
- E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?** Gostei... porque tive oportunidade de conhecer outras raparigas, ouve lá uma rapariga que nos ajudou muito.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Gostei de todas...porque conheci sítios novos e diferentes.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Um pouco nervosa...porque pensei que não ia a fazer bem. Tinha o corpo a tremer, estava ansiosa que começasse a dança... Estava felicíssima de ir a dançar.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei mais da dança das velinhas porque nos acendemos as velas e fomos a dançar. O Centro Cultural é muito bonito e gostei de ver as nossas fotografias.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?** Sim, gostei. Porque as pessoas são muito simpáticas.

Entrevistada 6

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Nunca pratiquei. Foi a primeira vez cá e adorei. Mas gostava de ter praticado mais cedo.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gostava de ter dançado a do ventre e outro tipo.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Adoro dançar...porque é divertido...bué divertido...é de tudo um pouco, gostei muito!
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Bué...gostei imenso! Se eu não gostasse não participava nem ia lá...eu sou assim.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei mais das velas (coreografia das velas) ...e do convívio com a gente todas.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi muita coisa nova...bué coisas. Eu gostei muito de tudo. Aprendi a dançar, a conviver mais...foi bué fixe! Aprendi movimentos da novela da Jade. Foi bué fixe!
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Fiquei mais leve...alegria. Fiquei com mais amigos em Campo Maior. Conheci pessoas muito fixes...foi muito fixe!
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me óptima, bué fixe...adorei... estava mais leve, mais contente.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança? Esse sonho realizou-se?**
Não tinha, apanharam-me de surpresa. Fiquei muito surpreendida. Nunca pensei em nada.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
Bué bom! Porque conhecemos pessoas na dança...ai adorei bué...conhecemos pessoas lá fora. É divertido e divirto-me com elas todas da app (APPACDM).
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Não sei...sentia-me bem. Estava mais aberta...estava melhor, porque estava com elas todas!
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim...agora depois de ter passado pela dança...sinto-me mais mulher, mais leve, radiante...mas não sou atiradiça. Mulheres...somos todas mulheres!
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Agora estou mais concentrada e mais calma. Não gosto muito daquela sala dos trabalhos manuais, não gosto de estar ali é aborrecido. Já gostei mais... agora já não é tanto. **E quando saías da dança apetecia-te fazer os trabalhos?** Não...estava com vontade de dançar mais...saía das aulas mais leve.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Óptima...sinto-me a viver. **Sentes-te mais bonita?** Sim... agora mais bonita. Estou mais magra, muito mais elegante. Sinto-me muito melhor agora com o meu corpo do que antes.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sinto-me agora...bué feliz!

- 9. Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Nada...esqueço tudo! **É como se estivesses onde?** Nas nuvens **E quando vêes o grupo todo a dançar?** Não penso em nada. **Pensavas em como se sentiam?** Sim, que estamos todas divertidas.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Nada! **Nunca falaram contigo sobre a dança?** Não...sobre a dança não...mas gostei imenso. **E a tua mãe também nunca disse nada sobre a dança?** A minha mãe adorou naquele dia que me foi ver a Campo Maior. **E disse-te alguma coisa?** Não...vi na cara dela. E o espectáculo foi lindíssimo!
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gostam que aprenda coisas bonitas...a minha mãe disse que era bonito! **E gostam que estejas com outras pessoas?** Sim...a minha mãe não antiga, é uma modernaça. Gosta que esteja com muito pessoal.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gostou bastante...eu nunca tinha ido àquele cineteatro. Aquilo é espectacular e as pessoas também!
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Bué...bastante! Porque são divertidas todas, alegres...divirto-me e converso com elas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Agora tenho mais amigas...em Campo Maior e tudo! Mas em Campo Maior foi um espectáculo, gostei bué! Eu sempre tive muitas amigas, nunca me esqueço das pessoas. Mas é quando gosto, quando não gosto não ligo ponha-as de parte...eu sou assim, gosto muito delas, de brincar e de me divertir...e gosto que me respeitem.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Bastante bem! Estiveram ótimas, espectaculares **E tu?** Eu estive ótima...correu bem. Foi fixe! Diverti-me imenso!
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Ótima ideia! Porque é divertido
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Ai...para mim era uma alegria, era um espectáculo! Não se sabe...sabe-se lá se isso não continua mas com outra pessoa...mas eu gostava que fosse a mesma!
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Sim...e bem! Porque é divertido e gosto. Se não gostasse não punha lá os pés. E quando gosto de uma coisa gosto!
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Bastante, porque foi divertido! Foi o must!
- E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?**
Adorei...foi muito bonito e em Campo Maior ainda foi mais bonito!
- E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?**
Gostei muito...conheci pessoas encantadoras.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Em Campo Maior! Porque foi mais divertido lá do que aqui...gostei mais.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Espectacular...estava muito leve e confiante. Quando estou com pessoas divertidas e espectaculares estou confiante...todas as pessoas que estavam no camarim.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei muito das suas meninas. Adorei conhece-las. Foi um convívio espectacular...gostei muito! E aquelas pinturas...a maquilhagem era daqui...e as luzes do palco.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**

Gostei de conhecer todas...são todas divertidas. É como a professora...é muito divertida!

Entrevistada 7

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Sim...andei no rancho...já desisti. Gostava mas tinha que desistir...por causa de umas pessoas enervei-me e tive que sair.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Dança do ventre...porque você ensinou a gente a dançar...nós dançamos muito bem...e fomos a Campo Maior e até as pessoas gostaram de ver.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque gosto de fazer bailes, gosto de ir às festas...e dançar lá nas festas. E estou feliz quando danço.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim, gosto. Porque era bonita...porque ensinava-nos a dançar e as nossas colegas. E a professora mexia a anca e dançava muito bem.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
O que gostei mais foi da roda quando dançávamos todas juntas.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a mexer a anca, a cabeça e a tremer as pernas...foi muito fixe.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
O que foi bom para mim...foi que dancei muito bem.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me mais ou menos, sentia-me contente. **Bem-disposta?** Sim.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não sonhei.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sentia...porque estávamos todas num grupo e pertencíamos à dança...e havia várias coisas que a gente sabia fazer, (mexíamos a anca, as pernas, a cabeça). Algumas faziam mal...só que não se deve gozar, não é!
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
Era bom...porque a gente gostava da dança.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me bem...não me sentia mal, não estava mal disposta nem nada.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Não tenho medo...eu acho que fiquei bem...gostei muito da dança.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Vinha...sentia-me bem, mais calma...vinha contente.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Um pouco cansado...**Ficou mais bonito?** Acho que sim...porque dançava muito.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim...ia muito bem...ia-me a rir...ia bem-disposta.
9. **Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**

Não pensava em nada...eu nunca penso em nada. Ou pensava na minha família...pensava coisas boas. **Grupo?** Pensava na dança...que a dança era mais boa...pensava nas coisas que a gente aprendeu.

10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?

Ficaram contentes de eu ir...eu nunca desisti de uma dança...só do rancho porque não gosto das pessoas.

10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?

Gostam...porque pensam que eu danço bem...e sabem que danço aqui e que treinei aqui na APP e que fui dançar a Campo Maior.

10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?

Sim...gostam que esteja com outras meninas. Sim...gostam...dizem que vou a passear.

11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?

Gosto...porque conhece-as há muito anos e elas são minhas amigas.

11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?

Com mais amigas...as de cá...da APP, a [...], a [...], a [...]...e todas as de Campo Maior.

11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?

Sim...porque estavam todas com atenção na aula. **E tu?** Portei...porque estava com atenção nas aulas.

12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?

Sim...porque você teve a ideia de pôr a gente a dançar e aprender muita coisa.

12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?

Sim...porque gostava muito da dança.

12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?

Sim...porque gostava muito da dança.

13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?

Gostei...porque éramos um grupo de amigos e dançamos muito bem e gostamos todos das aulas.

E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Gostei...porque houve uma festa, uma missa e houve uma dança de nós todas. Gostei de dançar, não tive vergonha e as minhas amigas dançaram muito bem.

E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Gostei...porque conheci umas amigas lá e gostei muito de dançar com elas, ensinaram-me a dançar a dança. E começamos a ensaiar lá.

13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?

Em Campo Maior...porque conheci muita gente...muitos amigos, ensinaram-me a dançar...elas e você dançavam muito bem.

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

Sentia-me bem...comecei contente, a rir, não tive vergonha...mesmo à frente das pessoas, dancei. Não estive nervosa...não tive nada.

14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?

Gostei muito da dança...de ver as meninas a dançar. Gostei muito da maquilhagem...pintaram-me lá...puseram-me brilhantes...pintaram-me os lábios, os olhos.

14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?

Gostei, porque nos dissemos os nossos nomes e elas disseram os delas. Elas eram boas raparigas.

Entrevistada 8

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Sim... o rancho. Gosto muito... porque estou sempre metida no rancho. E faço outra com a Ermelinda.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gosto de todas...para ninguém ficar ofendida. Porque eu estou sempre bem-disposta, não vale a pena estar triste.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque me habituei a dançar e já não passo sem dançar...habituei-me desde pequenina...via as raparigas na TV a dançar e olha...já não parei.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim, gosto...porque estás cá tu e tu ensinas a gente.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei de tudo...quando tu nos metias no lugar, para dançarmos e gosto muito de ti.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a dançar...a fazer os movimentos, com as pernas, os braços, a anca, etc.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Trouxe tudo de bom para mim, para me estar a rir, para estar bem-disposta, para não me chatear com nada
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sempre bem-disposta, sempre a rir, sempre entretida com elas e a falar. Estou sempre bem disposta...ainda hoje estou...era uma alegria para mim.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Por acaso até fiz...até sonhei com a dança. Sonhei que “Havia de haver mais dança”. **E realizou-se?** Sim, realizou-se. Eu nunca sonho...e um dia à noite falei alto e a minha mãe ouviu.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
Até é bom...porque é bom para uma pessoa estar bem-disposta, para não se chatear. Gosto muito da dança.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
É uma alegria para mim, porque estou sempre a rir. Quando estou no meio delas...faço-as rir também. Elas quando estão sérias...eu falo e faço-as rir...Até a [...] que costuma estar sempre séria...até ela ri.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim sinto-me mais segura quando estou no meio delas, faço-as rir.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Estou mais calma...eu ajudava-as a elas e elas a mim. Já mudei o feitio... desde que vim para cá.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Tirou um peso de cima de mim, sinto-me bem a dançar, faz-me bem, sempre a rir. Acho o meu corpo mais bonito.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sinto-me feliz e contente...a dança fez-me bem, sinto-me bem. Antes diziam-me “façam-na rir, andava sempre muito séria” agora já não. Brinco, estou sempre a brincar com elas.
9. **Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**

Estou concentrada...não me distraio, nem distraio as minhas amigas. Penso no que tu dizes...no que ensinas. **E o grupo?** Penso nas dançarinas todas...lá vamos todas a dançar outra vez...E vou sempre bem-disposta.

10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?

Acho muito bem...continua a fazer mais dança.

10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?

Sim gosta que dance...diz que me faz bem. Sim...a minha mãe perguntou-me se gostei de ver aquelas jovens a dançar e eu disse que sim. Diz que me faz bem para não me chatear e para estar distraída.

10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?

Sim...gosta fora da APP porque isso faz-me bem. Porque a minha mãe também foi ver o espectáculo e também gostou.

11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?

Sim...porque são minhas amigas todas, eu gosto muito delas.

11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?

Sim...fiz mais amigas...a [...], a [...].

11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?

Sim...porque elas estavam sempre a rir, portaram-se muito bem. A [...] não quis ir ao espectáculo perdeu o melhor... **E tu?** Sim, estava sempre a rir, a rir, a rir, porque estava bem disposta...dava-me bem com as minhas amigas.

12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?

Sim...porque o [...] deu-me os parabéns...disse muitos parabéns gaiatas...continuem a fazer mais. E eu fiquei toda contente. Porque todas...até [...] começou a rir...toda a gente diz...façam mais...até o meu namorado me deu os parabéns e me deu um beijo.

12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?

Sim...porque gostei da dança. Havia de haver mais dança aqui na APP. Temos que nos mexer mais.

12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?

Sim...porque gostei, gostava que houvesse mais dança.

13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?

Sim...porque estava mais feliz da minha vida e agora estou mais feliz e contente.

E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Gostei de participar...porque isto para mim é uma casa e o meu namorado gostou muito de me ver dançar. **E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?** Sim...porque foi bom para mim tirou-me a tristeza, senti-me feliz.

13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?

Gostei de participar em tudo...porque eu já sabia.

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

Fiquei feliz...contente, o peso foi-se embora. Não tinha medo, estava sempre bem disposta.

14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?

Estar com as outras meninas...depois agarramo-nos à Letícia. As alunas perguntaram se deixávamos a professora...ir embora. Eu disse que não.

14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?

Sim, conheci muitas pessoas novas...as jovens, as suas alunas. Porque elas ficaram contentes de nos conhecer. Até havia lá uma pequenina, eu nem queria acreditar.

Entrevistada 9

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Nunca fiz... (esteve noutros sítios) É a 1ª vez contigo.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gostavas de ter feito? Sim... Que tipo de dança? Para ti... A Dança do Ventre? Sim.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque me sinto bem. E gosto de estar com as minhas amigas.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gostei... porque gosto muito de ti e das nossas colegas todas.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei de dançar a dança do ventre... Gostei de tudo o que fiz.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a dançar com as minhas colegas a dança do ventre e a mexer o corpo.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Foi tudo bom... a tua paciência em nos ensinares a dançar. Porque nos ajudastes à gente.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me bem na dança... contente e feliz.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Tinha... o meu sonho era entrar para o grupo para dançar. **E realizou-se?** Sim.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom porque eu gosto. Gosto da dança e de estar com elas.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sinto-me bem com as minhas colegas... **Sentes-te feliz?** Sim... feliz e divertida.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Ainda tens medo de algo? Não... mas fiquei um pouco nervosa quando fui a Campo Maior.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim... sinto-me mais leve. **Estavas mais concentrada na sala?** Sim... trabalhava mais.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Sinto-me bem... **Achas o teu corpo mais bonito?** Acho... sinto-me mais feliz. **Gostas mais de ti agora?**
Gosto.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sinto... sinto-me bem porque mexo o corpo todo.
9. **Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Não penso em nada... **E o grupo?** Penso que estão todas bem a dançar.
10. **O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Acharam bem... A minha mãe gosta que eu dance...
- 10.1. **Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**

Gostam que aprenda coisas.

10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?

Gostam... A minha mãe gosta que dance.

11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?

Gosto... porque elas são minhas amigas e sinto-me feliz com elas.

11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?

Fiquei com mais amigas... com a [...] e a [...]. Porque foi na dança que comecei a ser amiga delas.

11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?

Portaram-se bem... gostei de estar com elas. **E tu?** Eu portei... porque estive sempre atenta ao que tu ensinavas.

12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?

Foi boa ideia... porque eu gostei muito.

12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?

Queria que continuassem... porque tu nos podias ensinar muito na dança.

12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?

Merecia... porque eu gostava de dançar e estar com as minhas amigas.

13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?

Gostei... porque fazia muita coisa e porque conheci muito sobre a dança do ventre. **E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?** Não estava. **E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?** Gostei... porque gostei muito... Gostei de conhecer pessoas novas.

13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?

Em Campo Maior... porque estive com outras pessoas e gostei de ver dançar as outras meninas.

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

Senti-me bem... mas no início estava nervosa por causa da dança porque havia muitas pessoas a ver.

14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?

Gostei da música... Gostei de tudo! Gostei quando nos foram buscar para dançar.

14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?

Sim... gostei de conhecer as meninas e a pequenina que estava lá que já dançava muito bem. Elas eram boas raparigas.

Entrevistada 10

1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?

Sim...no rancho...E também faço com a Ermelinda...gosto das duas coisas.

2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?

Gosto muito de todas...porque gosto de dançar.

3. Gostas de dançar? Porquê?

Gosto...porque ensinam-me e eu faço tudo. E estou feliz.

4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?

Gosto...porque a você ensinava-nos à gente a dançar.

4.1. O que gostaste mais?

Foi das velas...e quando fechávamos os olhos... (na coreografia).

4.2. O que aprendeste?

Aprendi a dançar...a dança do ventre...com o cinto aquele...e a saia.

- 4.3. O que trouxe de bom para ti?**
Fiquei contente.
- 5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me bem...porque estavas muito contente. Eu vou para todo o lado para o rancho e para a dança do ventre.
- 6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não.
- 7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...É [...], a [...], a [...], [...], e eu.
- 7.1. É bom ou é mau? Porquê?**
É bom... É bom estar com elas todas? Sim.
- 7.2. O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me bem...estavas contente ou triste? Contente.
- 8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim... tens medo? Não. Apanhei um susto na dança...quando a [...] caiu...na aula.
- 8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim...ia mais calma.
- 8.2. Como te sentes com o teu corpo?**
Cansaço...precisava de descansar um pouco. Mais bonito? Sim...ficou alegre.
- 8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim...feliz e contente, porque estava com elas e com você.
- 9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Punha as mãos para cima... E todos? Pensava na dança.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Diz bem...ela veio ver a gente aqui a dançar.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gosta...fica muito contente.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gosta...porque é bom? Sim. Sim...essas coisas, gosta.
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosto...é a [...], a [...],... a [...],...porque? São amigas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Sim...a [...], a [...],...elas todas.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim...porque elas estavam muito contentes. E tu? Sim...porque estava muito contente na dança.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Sim...para vestir as saias, com os cintos e as blusas.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...porque a Letícia gosta muito da gente.

- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Sim...porque podiam ensaiar a gente a dançar...porque gosto de dançar.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Sim... gostei muito. Com as velas acesas... **E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?** Gostei...porque foi uma festa e estava muita gente...porque a Letícia ensinou-nos a dançar e nós fomos dançar...e toda a gente gostou e bateu palmas. **E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?** Eu gostei muito...e gostei muito de ver a Letícia a dançar... e porque foi bonito...estava muita gente e a bater palmas.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Em Campo Maior, porque estava muita gente. Estava lá a ... , a [...]a [...]...
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Feliz...muito contente.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei de tudo...a dança, as velas, quando metíamos os braços para cima...e você também dançou bem.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Gostei...as meninas dançaram bem. **Falaste com elas? Não...eram simpáticas? Sim.**

Entrevistada 11

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
No rancho...gosto.
- 2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gosto das duas...porque fico muito contente.
- 3. Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto...porque fico contente. **Sentiste-te bem? Sinto.**
- 4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim...porque me sentia-me bem.
- 4.1. O que gostaste mais?**
Dançar a dança do ventre.
- 4.2. O que aprendeste?**
Gestos...da dança do ventre.
- 4.3. O que trouxe de bom para ti?**
Trouxe alegria e amigas.
- 5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me bem...feliz, (relaxada).
- 6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não.
- 7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim.
- 7.1. É bom ou é mau? Porquê?**
É bom.

- 7.2. O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Como te sentes? Bem. **Gostas de estar com elas?** Gosto. **Elas são tuas amigas?** Sim.
- 8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sinto segura. **Tens medo de alguma coisa?** Não.
- 8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim...calma.
- 8.2. Como te sentes com o teu corpo?**
Bonita ou feia? Bonita...porque me faz feliz.
- 8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Contente ou triste? Contente...porque estava a dançar.
- 9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Pensava na dança e na música. E todas? Na música...nos gestos...todas estavam bem (a sentirem-se bem).
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Vive com a irmã e cunhado...eles gostam...disseram que era bom...
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Sim gostam...disse (irmã) que dançava bem.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Sim...gostam (eles foram vê-la a Campo Maior).
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Sim...porque brincam comigo...dizem-me coisas. **E fazem-te rir?** Sim...porque gosto delas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Não...são as mesmas? Sim...são as amigas da sala? Sim.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim...porque dançavam bem. **E tu?** Sim... porque estava contente, porque dançava bem!
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Sim...porque fico contente, alegre.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...era bom...porque gostava de ir dançar a outros sítios dançar.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Sim...porque me porto bem.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Sim...porque estava sempre a pensar na dança.
E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê?
Sim...foi bom, gostei de estar com elas.
E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê?
Sim gostei...porque estava contente.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Gostei mais dos espectáculos...porque era divertido.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Senti-me bem...porque estava ao pé das minhas amigas, da APP, da sala.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei de estar no palco, das luzes, da história.

- 14.2. **Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Gostei...porque elas tinham saias e eram bonitas.

Entrevistada 12

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Faço aqui...ando a dançar nos ranchos. Outros lados onde estive...não estive a dançar. Gosto muito do rancho.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Gosto de dançar a do ventre porque é mais gira! É mais boa...eu gosto muito...e gosto de dançar contigo.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto muito! É para ficar divertida. Estou a dançar, divirto-me e estou contente.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gosto...foi giro!
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei de todas as aulas...de ensaiar...gostava de aprender.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a dançar a dança do ventre.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Foste tu, porque ensinaste-nos a dançar.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Contente...não foi triste...fiquei contente. Às vezes sentia-me um pouco cansada porque dançava muito.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Sonhei...sonhava que estava a dançar em Campo Maior a dança do ventre. **Esse sonho realizou-se?** Pois...foi uma surpresa!
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom...porque elas são colegas...para dançar e para ficar alegres.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia-me bem a dançar. Eu fiquei toda contente com as minhas colegas da app e com as outras colegas de Campo Maior.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim...não tenho medo de nada.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sentia-me mais calma...Vinha um pouco tonta, porque tinha muito sono. Vinha leve e calma e ficava a descansar na sala e lá em casa também.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Foi bom...é mais bonito e mais magrinha. **Gostas mais do teu corpo?** Sim, gosto!
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Depois da dança...porque gostei muito e gostava de ter outra vez.
9. **Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**

Pensava que estava a dançar em Portalegre, porque lá é mais bonito. **Gostavas de ir lá dançar?** Sim, gostava...para as pessoas verem. **E quando vês o grupo todo a dançar?** Pensava que era bom estarmos todas juntas. Umavam-se bem e outras mal. A gente não tinha atenção para dançar.

- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Ela disse que me fazia bem para emagrecer. Ela gosta que dance para emagrecer e ficar divertida.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gosta, gosta...que aprenda coisas novas...que aprenda para dançar. E gosta que esteja com outras meninas porque somos colegas e amigas.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gosta...diz que faço bem ir dançar a Campo Maior para ela ver e as pessoas verem.
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosta das minhas colegas e dos meus colegas. Gosto de todos! Gosto muito delas, são boas raparigas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Fiquei com mais amigas cá na escola e em Campo Maior.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Portaram-se muito bem todas **E tu?** Portei-me bem e senti-me bem. Portei-me bem porque dançava e fazia as coisas e sentia-me bem.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Foi boa ideia, porque a gente gostou muito e divertimo-nos muito.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Gostava que continuassem para nós dançarmos mais.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Acho...porque gosto de dançar e de me mexer.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Gostei, porque fazia ginástica e mexia-me.
E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Gostei muito...foi bom...senti-me bem!
E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Gostei muito porque fui a dançar e gostava de ir dançar para outros lados.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Foi das aulas no ginásio, porque estava a aprender coisas novas...a roda, pôr as mãos na cabeça, na cintura e outras coisas...mais coisas. Gostei das aulas todas!
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Foi bom...eu fiquei toda contente e muito boa. Não estava nada nervosa e tinha muita força para dançar.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei das tuas alunas...são boas raparigas e simpáticas. Também gostei da música porque era muito mexida.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Gostei...elas são boas raparigas.

Entrevistada 13

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Nunca fez...gostava de fazer.

2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Qual gostavas de fazer? Não sabe.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto de dançar. **É bom?** Sim, é bom. **Sentes-te bem?** Sim.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim...porque podia dançar.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
A dança do ventre...para aprender.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Dançar... **O que?** (A utente fez os movimentos com os braços, as mãos, a cabeça.)
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
Velinhas quando soprava...gostava de dançar com as velinhas.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me contente... **Tinha vontade de dançar?** Sim.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Teve sonho...**Qual?** Não me lembro.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
É bom! A [...]...**Gostas dela?** Sim. **E de quem mais?** [...], [...], [...], [...]. **Gostas de estar com elas?** Gosto delas todas.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sinto-me contente.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Segura sim...**Tens medo de algo?** Não.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Gostas mais do teu corpo? Sim. **Mexe melhor?** Sim.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim mais feliz.
9. **Quando te vêes a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Não...era a [...], a [...], a [...], a [...].**Pensava que elas dançavam bem?** Sim.
10. **O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Nunca falei...
- 10.1. **Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Sim com outras pessoas, gosta.
- 10.2. **Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gosta...noutros sítios fora.
11. **Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gosto...elas são boas, simpáticas.

- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Sim, mais amigas.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Portaram-se bem...**porque dançavam bem?** Sim. **E tu?** Portei bem, sim **porque aprendi?** Sim.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Foi boa ideia...
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...gostava que continuasse.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Gostei das aulas...Por causa das minhas amigas [...], [...] e [...].
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Não participou.

Entrevistada 14

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Não dancei.
- 2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**

- 3. Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto, porque faz bem...ao corpo.
- 4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Sim...porque eu gosto. Por causa da música...eu tenho cds então danço e às, vezes canto. Eu punha-me a dançar a dança do ventre a minha irmã também dançava igual a mim.
- 4.1. O que gostaste mais?**
Foi a dança do ventre...eu quando vejo a novela das Índias eu vou logo dançar. Dançar e estar com as minhas amigas.
- 4.2. O que aprendeste?**
Aprendi a dançar...a mexer o corpo...a mexer o corpo todo...e as mãos. Quando vou para a minha casa vou logo dançar.
- 4.3. O que trouxe de bom para ti?**
Porque eu não gosto de estar sozinha em casa...assim posso mexer-me e estar distraída.
- 5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Sentia-me bem...Antes estava gorda e agora já não tenho barriga...estou a fazer dieta. A dança, fez com que estivesse mais magra. **Mas sentias-te contente com nas aulas?** Sim, contente por estar lá.
- 6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Eu estava a dormir e sonhei que estava em cima do palco a dançar a dança do ventre...**E onde? Estavas a dançar?** Um dia sonhei que dançava em Campo Maior e no outro dia sonhei em Lisboa. **E realizou-se?** Foi...realizou.
- 7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim.
- 7.1. É bom ou é mau? Porquê?**
Era bom...porque eu gosto...gosto das minhas colegas.

- 7.2. O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Estava contente, feliz, alegre.
- 8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Não...tinha medo.
- 8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim...mais calma.
- 8.2. Como te sentes com o teu corpo?**
Sentia-me bem com o corpo. Ficou mais bonito? Sim...fiquei linda como uma princesa. A minha tia chama-me princesa.
- 8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim...
- 9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Não pensava. **E o grupo?** Pensava que as pessoas batiam as palmas...as que nos viam.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
Gostaram de me ir ver...Contentes. Gostaram muito. Sim...porque eu estou feliz e os meus pais estão felizes.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Sim...Acham bem, porque é bom.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gostam...acham bem, porque é para o meu bem.
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Sim...gosto porque são boas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Agora tenho mais amigas.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim porque dançam bem. **E tu?** Também portei bem.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Sim...porque todas gostaram.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim...porque eu gosto de dançar.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Era...porque eu gosto de haver.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Sim.
E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Não vim...Não gosto de festas...Não ligo.
E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Sim..Porque foi muito bonito...
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
Em Campo Maior, porque fui passear.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Senti-me bem, contente. **Estava nervosa ou com medo?** Não...tinha medo.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Gostei de dançar...No palco.

- 14.2. **Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Sim...eram simpáticas.

Entrevistada 15

1. **Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Já andei no rancho.
2. **Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**
Sim gostava de dançar a música do carreiras.
3. **Gostas de dançar? Porquê?**
Sim...gosto muito. Eu fui à praia e dancei muito lá...está gravado na cassete.
Gosto porque me sinto bem.
4. **Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gostei de tudo das aulas, porque eu gosto de dançar.
- 4.1. **O que gostaste mais?**
Gostei das músicas das velas, porque é calmo.
- 4.2. **O que aprendeste?**
Aprendi a dançar a ensaiar a música do ventre, as nossas músicas.
- 4.3. **O que trouxe de bom para ti?**
A professora..."porque tu bem ensaivas a nós.
5. **Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Bem... feliz... faltava muito... mas gostava.
6. **Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Não.
7. **Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim.
- 7.1. **É bom ou é mau? Porquê?**
Era bom...porque era tudo calmo **Davam-se bem?** Sim todas.
- 7.2. **O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Feliz...gostava de dançar com elas.
8. **Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Sim não tinha medo de nada.
- 8.1. **Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sentia calma e leve.
- 8.2. **Como te sentes com o teu corpo?**
Bem...sentia bem. **Sentias-te mais bonita?** Sim... punha as roupas aquelas cor de rosa e o lenço e era mais bonita.
- 8.3. **Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim mais feliz... porque eu gostava de dançar e estava com as colegas.
9. **Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Em nada...**E o grupo?** Eu gostava de ver todas a dançar outra vez.

- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
A minha mãe gostou. Sim... porque me faz bem e eu gostava outra vez de dançar.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
Gostam que esteja com as outras meninas.
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
Gostam...
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Sim de todas, porque são boas amigas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Sim...vi muitos amigas... mais amigas agora.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**
Sim portaram-se bem, dançaram bem. **E tu?** Sim eu não porto mal, a mim obedece o que a professora pede.
- 12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?**
Foi boa...porque ensinaram a gente a ensaiar.
- 12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?**
Sim eu gostava que continuassem, porque eu gosto de dançar e aprender.
- 12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?**
Eu gostava ensaiar outra vez.
- 13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?**
Sim, porque a música era calma, ensaiávamos, dançávamos e falávamos.
E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Sim...porque foi bonita a festa.
E no espectáculo do Centro Cultura de Campo Maior? Porquê? Sim, porque é a minha terra e gostei de dançar cá.
- 13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?**
As duas festas foram bonitas.
- 14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?**
Senti-me bem... **Estava nervosa ou com medo?** Estava um bocadinho...não dizia nada a ninguém, depois acabou passou.
- 14.1. O que gostaste mais desse dia? Porquê?**
Foi a nossa dança... e gostei de ver as outras meninas a dançar.
- 14.2. Gostaste de conhecer pessoas novas? Porquê?**
Sim...Todas, porque elas são bonitas.

Entrevistada 16

- 1. Já praticaste ou praticas outro tipo de dança para além da dança oriental? (Que tipo de dança, onde, quando). Gostas/Gostaste?**
Não... nunca gostei muito disso nem me metia nisso.
- 2. Qual a modalidade que mais gostas de dançar? Porquê?**

- 3. Gostas de dançar? Porquê?**
Gosto... depende das músicas, porque nos expressamos muita coisa a dançar.

- 4. Gostas das nossas aulas de dança? Porquê?**
Gostei... era uma coisa diferente, uma dança diferente, via na televisão e gostava de as ver dançar.
- 4.1. O que gostaste mais?**
Gostei das passos, das músicas...de aprender os passos. Também gostei dos cintos...aquilo fazia um barulho toda a gente delirava com aquilo.
- 4.2. O que aprendeste?**
Aprendi a dançar...mesmo que não fosse muito aprendi a dançar algumas coisas sobre isso.
- 4.3. O que trouxe de bom para ti?**
Fiquei a saber alguma coisa sobre isso...mesmo que seja pouco.
- 5. Nas nossas aulas como te sentias quando dançavas? (Triste, contente, cansada, com medo, cheia de energia, relaxada)**
Senti-me bem.. alegre.
- 6. Quando te disseram que ias ter aulas de dança oriental tinhas algum sonho em relação à dança?**
Eu não...só que ia aprender a dançar.
- 7. Sentes que pertences ao grupo de dança oriental?**
Sim...porque estávamos todas juntas, éramos um grupo.
- 7.1. É bom ou é mau? Porquê?**
Foi bom, porque era uma hora que estávamos todas juntas, éramos um grupo.
- 7.2. O que sentes quando estás com o teu grupo de dança?**
Sentia que estávamos unidas, todas a dançar juntas.
- 8. Sentes-te mais segura e confiante agora ou antes de teres tido dança?**
Não fiquei igual.
- 8.1. Sentes-te mais ou menos calma e concentrada?**
Sim, desanuviava um pouco do trabalho e depois ia mais relaxada.
- 8.2. Como te sentes com o teu corpo?**
Igual, não houve alteração.
- 8.3. Sentes-te mais contente e feliz agora ou antes?**
Sim, andava bem disposta.
- 9. Quando te vês a dançar pensas em quê (qual a imagem que surge)?**
Pensava em descontraír e olhar para si, para não me enganar nos passos. Faz de conta que não havia ninguém. **E o grupo?** Pensava que era engraçado e giro estarmos todas a dançar ao mesmo tempo.
- 10. O que dizem os teus pais da dança? Gostam que dances?**
A minha foi ver o espectáculo e gostou de ver.
- 10.1. Gostam que aprendas coisas novas e que estejas com outras meninas?**
(Não vive com a mãe)
- 10.2. Gostam que dances em outros sítios fora da APPACDM?**
(Não vive com a mãe)
- 11. Gostas das tuas colegas de dança? Porquê?**
Gostava, elas não me fizeram mal. Estava com elas todos os dias, elas são minhas amigas.
- 11.1. Tens mais amigas agora ou antes da dança?**
Fiquei... comecei a falar mais com elas e falávamos nos intervalos sobre a dança.
- 11.2. Achas que as tuas amigas se portaram bem na dança?**

Acho que sim, porque apesar dos problemas que elas tinham ainda estavam lá a esforçar-se e a dançar como nós.
E tu? Eu também me portei bem. Podia não ir sempre, mas esforcei-me por aprender os passos.

12. Achas que foi uma boa ideia haver aulas de dança oriental na APPACDM? Porquê?

Sim, porque foi uma coisa que nunca se fez lá. Havia os computadores e o rancho mas dança oriental nunca houve. Foi uma coisa diferente.

12.1. Gostavas que as aulas continuassem a existir? Porquê?

Sim, porque era uma coisa que nós estávamos a aprender nova.

12.2. Achas que mereces ter aulas de dança como qualquer outra menina? Porquê?

Acho que apesar de terem o problema que têm elas também merecem ter aulas, são pessoas como nós e a deficiência não as impede de dançar nem de correr.

13. Gostaste de participar nas aulas? Porquê?

Gostei, porque foi diferente.

E no espectáculo da APPACDM de Elvas (Aniversário dos 20 anos)? Porquê? Gostei, porque foi o nosso primeiro espectáculo e tinha vontade de mostrar o que aprendi.

E no espectáculo do Centro Cultural de Campo Maior? Porquê? Não participou.

13.1. Onde gostaste mais de participar? Porquê?

Gostei de participar mais nas aulas porque lá aprendíamos muitos passos diferentes e fazíamos várias coisas.

14. Como te sentiste no dia do espectáculo no Centro Cultural em Campo Maior?

Não participou.

ANEXO 5. Sinopse dos Inquéritos por Questionários

Inquirido n°	Utente n°	Tipo de Vínculo	Considera que o projecto da Dança Oriental teve alguma influência no comportamento da utente?
1	2	Técnico (Formadora)	A utente falou muito positivamente da dança e sentia-se bem quando regressava da dança oriental.
2	5	Técnico (Psicóloga)	Foi positivo para a [...] uma vez que esta actividade realizou-se em grupo, o que é muito importante para ela. Conseguiu alguma segurança com ela própria, perante algumas pessoas e referiu sempre aspectos positivos sobre a dança.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	Interesse por uma actividade original pois a utente tem pouca iniciativa para novas actividades.
4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	A aluna tem expressado a sua vontade de assistir às aulas apesar das suas limitações e sempre com grande interesse.
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Teve alguma influência (no desenvolvimento) uma vez que foi uma actividade de grupo que trabalhou muito a noção de esquema corporal, dissociação de movimentos, para além de a [...] adorar dançar.
6	7	Técnico (Animação S.C.)	Mostrou-se mais preocupada com o corpo e o vestuário.
7	15	Técnico (Animação S.C.)	A [...] mostrou muito interesse nas aulas e esforçou-se bastante.
8	11	Técnico (Animação S.C.)	Não foi notório nenhuma alteração comportamental na utente
9	12	Técnico (Animação S.C.)	Não foi notório nenhuma alteração comportamental na utente
10	14	Técnico (Psicóloga)	A [...] é uma utente que tem uma assiduidade muito baixa às actividades, no entanto a dança foi desenvolvida com interesse por esta utente.
11	16	Técnico (Psicóloga)	Teria de ser uma actividade com mais duração, pois, esta formanda apesar de não ter problemas a nível mental é uma jovem de risco e os seus comportamentos foram modelados em estrutura familiar.
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	Mais desinibida na presença de desconhecidos.
13	4	Técnico (Psicóloga)	Houve momentos em que a [...] denotou interesse pela actividade mas foi temporário.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	Não notei alteração.
15	8	Técnico (Ed. Especial)	Mais calma.
16	9	Técnico (Psicóloga)	Devido à curta duração do projecto e à idade da utente, é difícil alterar o repertório dos seus comportamentos.
17	11	Monitor (Auxiliar)	Mais motivação, apesar de não demonstrar verbalmente mas aparentemente sim.
18	3	Monitor (Auxiliar)	Entusiasmo embora trespassa-se o contrário.
19	5	Monitor (Auxiliar)	Muita alegria por ir praticar a dança.
20	10	Monitor (Auxiliar)	A utente é um pouco tímida e com a dança oriental acabou por conviver mais com as outras pessoas.
21	12	Monitor (Auxiliar)	Tem pouca influência porque a utente não foi assídua e muitas vezes adormecia na aula.
22	6	Monitor (Auxiliar)	A utente adorou a dança oriental da qual sempre demonstrou muito entusiasmo e era uma aluna assídua.
23	2	Monitor (Formador)	O entusiasmo pelo facto de fazer parte de um novo projecto.
24	7	Monitor (Formador)	O entusiasmo pelo facto de fazer parte de um novo projecto.
25	1	Monitor	A utente gostou da dança, inicialmente dizia que não era capaz, mas continuou até ao fim. E viu que dentro das limitações dela conseguiu fazer. Ela andava motivada e abriu-se mais com as outras pessoas, dado que ela é muito fechada. Passou a ser mais participativa e dinâmica.
26	15	Monitor	A dança permitiu que a utente se tornasse mais activa, participativa e entusiasmada nas actividades.
27	8	Monitor	A utente gostava muito de ir aos ensaios, andava entusiasmada e envolvida na dança. Antes dos ensaios andava eufórica, ia contente e vinha contente das aulas.

28	14	Monitor	A utente mostrou bastante entusiasmo na actividade, trazendo as suas próprias coisas. Ela participa muito pouco nas actividades em geral e a dança foi das actividades que mais a cativou.
29	16	Monitor (Formador)	A [...] é uma pessoa muito activa (acelerada) e depois das aulas notava-se mais calma.
30	9	Monitor (Formador)	Notava-se que depois da aula vinha mais alegre e desinibida.
31	13	Monitor (Formador)	Notava-se um grande entusiasmo pela dança, gostava de mostrar o que aprendia.
32	4	Monitor (Professora)	Em relação a esta utente penso que este projecto beneficiou em termos de convivência quer com a professora quer com as colegas. No entanto houve pouca alteração do comportamento.
33	8	Familiar (Mãe)	Mais desenvoltura.
34	10	Familiar (Mãe)	Não respondeu
35	4	Familiar (Pai)	Muito pouco.
36	8	Familiar (Prima)	(Influenciou) ao nível de movimentos corporais e mais à vontade.
37	5	Familiar (Mãe)	Achei que gostava muito da dança em si e andava eufórica e contente e falava muito comigo sobre os ensaios.
38	6	Familiar (Tia)	Vi que a [...] estava contente com esta actividade pois ela gosta muito de dançar.
39	6	Familiar (Mãe)	Andava mais feliz porque gostava das aulas de dança e a professora com o seu ritmo e alegria fazia que a 6 se sentisse mais contente.
40	1	Familiar (Mãe)	Ela adorava a professora e as aulas. Gostava da roupa e falava muito nisso. No dia que tinha aula vinha mais contente.
41	13	Familiar (Mãe)	Andava mais contente e gostava muito de dançar.
42	3	Familiar (Mãe)	Ela gostava mas não falava muito disso em casa, o comportamento estava igual.
43	3	Familiar (Irmã)	Aqui em casa, às vezes ensinava à minha filha o que aprendia nas aulas de dança. (...) Passavam muito tempo as duas a dançar.
44	4	Familiar (Mãe)	Ao princípio gostou muito, depois ultimamente nem tanto.
45	15	Familiar (Mãe)	Ela gostava muito das aulas e falava comigo. Andava entusiasmada, não se calava com a dança do ventre.
46	11	Familiar (Irmã)	Apesar de a [...] ser muito fechada, no dia do espectáculo estava contente.
47	7	Familiar (Pai)	Eu não sei muito disso, a minha mulher é que fala mais com ela.
48	7	Familiar (Mãe)	Não notei nada de especial, nem sabia que ela andava nisso da dança até ao dia que ela falou no espectáculo.
49	14	Familiar (Mãe)	Encontra-se mais contente e feliz em realizar algo que nunca tinha feito.
50	14	Familiar (Irmã)	A [...] revelou um grande entusiasmo pelo projecto sentindo-se parte activa do mesmo. Isto foi importante, na medida em que ela costuma demonstrar uma certa apatia e indiferença perante outras actividades.
Inquirido n°	Utente n°	Tipo de Vínculo	Pensa que a imagem que a utente tem de si própria é hoje mais positiva que antes deste projecto?
1	2	Técnico (Formadora)	Foi uma nova aprendizagem e uma nova experiência.
2	5	Técnico (Psicóloga)	O conseguir mais alguma tarefa e o desempenho perante as colegas, penso que influenciou o seu ego.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	A utente mostrou-se bem disposta na hora de realizar uma actividade corporal apesar das limitações inerentes. Aceitação do seu corpo e da sua imagem face ao público.

4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	Reforçou a imagem corporal dela porque gosta de mostrar muito no exterior a sua imagem, o seu corpo.
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Penso que a dança oriental associa-se muito à feminilidade da mulher, neste aspecto acho que se reflectiu positivamente na [...]. Os acessórios utilizados ajudaram também na melhoria da imagem.
6	7	Técnico (Animação S.C.)	A utente sente-se capaz de aprender novas coisas
7	15	Técnico (Animação S.C.)	Sente que é mais bonita.
8	11	Técnico (Animação S.C.)	A utente não manifestou nenhum interesse.
9	12	Técnico (Animação S.C.)	A utente tem uma baixa auto-estima.
10	14	Técnico (Psicóloga)	É uma actividade que desenvolve as capacidades físico-motoras e a nível do esquema corporal permitindo um melhor conhecimento do seu corpo e a melhor auto-imagem.
11	16	Técnico (Psicóloga)	A este nível a [...] não apresenta grandes dificuldades, por isso não se verificam grandes alterações.
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	Permitiu um maior conhecimento do seu corpo.
13	4	Técnico (Psicóloga)	A imagem que a aluna tem de si própria alterou pouco visto que ela é uma jovem com um comportamento bastante conflituoso e instável.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	Mais confiança.
15	8	Técnico (Ed. Especial)	Maior conhecimento do seu corpo.
16	9	Técnico (Psicóloga)	Talvez porque a utente tem algumas dificuldades nesta área.
17	11	Monitor (Auxiliar)	Esta utente não aparenta muito se está bem, para ela o “ego dela”, a imagem é neutra.
18	3	Monitor (Auxiliar)	Influenciou no sentido da aprendizagem porque aprendeu uma coisa nova.
19	5	Monitor (Auxiliar)	Aprendizagem, sabe uma coisa diferente, pode ensinar às outras pessoas que não sabem.
20	10	Monitor (Auxiliar)	Não vi nenhuma diferença na utente em relação à imagem.
21	12	Monitor (Auxiliar)	Não vi nenhuma diferença na utente em relação à imagem, continua igual.
22	6	Monitor (Auxiliar)	A [...] é uma utente que gosta de elogiar as outras pessoas, mas também se elogia a ela própria.
23	2	Monitor (Formador)	Foi importante esta participação na medida em que fez algo diferente.
24	7	Monitor (Formador)	Para ela é importante ter participado neste projecto e daí adquirir uma nova experiência diferente de muitas outras.
25	1	Monitor	A utente é um pouco negativa e por vezes não gosta dela própria, o projecto ajudou a sentir-se mais válida e a gostar mais dela própria.
26	15	Monitor	A utente é muito negativa e desvaloriza-se dizendo que não consegue fazer. A dança permitiu que ela se tornasse mais activa e acreditasse nas suas capacidades.
27	8	Monitor	Ela própria já é vaidosa e gosta muito de si, no entanto, o projecto pode ajudar a ter mais motivação para continuar a gostar de si
28	14	Monitor	A utente andava motivada com a dança e era um pouco vaidosa trazendo os seus lenços e vestindo-os logo na sala. A utente gostava muito de se mostrar na sala com as suas coisas.
29	16	Monitor (Formador)	Foi uma mais-valia porque o projecto serviu para que se sentisse melhor com o seu corpo.
30	9	Monitor (Formador)	Derivado às aulas a utente ficou com capacidades para opinar quando se fala de música e dança.
31	13	Monitor (Formador)	Porque ao adquirir conhecimentos da dança é sempre uma mais valia para a personalidade dela.
32	4	Monitor (Professora)	A imagem que a aluna tem de si própria não alterou muito porque a aluna revela um comportamento muito inconstante. No entanto, penso que esta dança é muito importante no sentido de ajudar a qualquer um a sentir-se melhor consigo

			mesma.
33	8	Familiar (Mãe)	Em qualquer um.
34	10	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
35	4	Familiar (Pai)	Não modificou nada.
36	8	Familiar (Prima)	Um pouco mais vaidosa com a sua imagem.
37	5	Familiar (Mãe)	Achei que ela se preocupava com a imagem e sobretudo com os trajes da dança e os acessórios.
38	6	Familiar (Tia)	Não respondeu.
39	6	Familiar (Mãe)	A [...] adora a dança e o colorido desta dança transmite a quem vê ou dança uma grande felicidade e boa disposição.
40	1	Familiar (Mãe)	Ela é muito envergonhada e com a dança ficou menos envergonhada e mais vaidosa. Andava sempre a falar das roupas.
41	13	Familiar (Mãe)	Enquanto tinha aulas de dança andava mais vaidosa, mas agora está como estava antes.
42	3	Familiar (Mãe)	Continua igual.
43	3	Familiar (Irmã)	Acho que continua igual.
44	4	Familiar (Mãe)	É igual.
45	15	Familiar (Mãe)	Ela gostou de se ver a dançar e sentiu-se mais bonita.
46	11	Familiar (Irmã)	É mais positiva, ela adorou participar e realizou-se a fazer estas coisas, ficou satisfeita.
47	7	Familiar (Pai)	Não respondeu.
48	7	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
49	14	Familiar (Mãe)	A [...] realizou um sonho: o de subir a um palco perante um público. Isso fez com que a [...] não se sentisse diferente, mas sim igual a qualquer ser humano.
50	14	Familiar (Irmã)	Adquiriu uma maior auto-confiança em termos das actividades que consegue realizar. Com a dança oriental aprendeu novos movimentos corporais, novas formas de se expressar, o que contribuiu para aumentar a sua confiança ao nível do “saber fazer”.

Inquirido n°	Utente n°	Tipo de Vínculo	Acha que a Dança Oriental interferiu ao nível do relacionamento da utente com outras pessoas?
1	2	Técnico (Formadora)	Uma maior desinibição e houve momentos que teve mesmo que se relacionar com outras pessoas. Como a actividade era em grupo teve que se adaptar a essas pessoas.
2	5	Técnico (Psicóloga)	Conseguiu uma desinibição perante os outros.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	Ela é uma pessoa fechada e relaciona-se pouco com os outros, por isso influenciou pouco ao nível do relacionamento. No entanto, passou a participar numa actividade de grupo e aceitou contactar com outras pessoas a contrário do que costuma fazer, apenas faz actividades mais individuais.
4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	Ela dá-se bem com toda a gente, inicia muitas conversas e gosta de falar com muita gente.
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Dado a actividade ser realizada em grupo penso que teve influência positiva no seu comportamento com as colegas. Todas se uniram e esforçaram para conseguir uma coreografia coordenada.
6	7	Técnico (Animação S.C.)	Em relação à dependência do grupo.
7	15	Técnico (Animação S.C.)	A [...] está menos tímida na área das expressões.

8	11	Técnico (Animação S.C.)	Com a professora e as colegas do grupo.
9	12	Técnico (Animação S.C.)	Talvez com a professora e as colegas.
10	14	Técnico (Psicóloga)	Esta utente tem dificuldades no relacionamento interpessoal, constituindo uma das suas áreas fracas. Também pela sua fraca assiduidade não se constatarem melhorias significativas.
11	16	Técnico (Psicóloga)	Esta jovem já tinha um bom relacionamento com outras pessoas, no entanto, pode ter influenciado na forma mais assertiva de se relacionar com os outros, com menos agressividade.
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	Maior tolerância em relação aos outros.
13	4	Técnico (Psicóloga)	Interferiu temporariamente uma vez que a [...] só demonstrou interesse e empenho quando as colegas da formação participaram no projecto.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	O tipo de problemática da utente é a maneira de ser.
15	8	Técnico (Ed. Especial)	Nada notei de diferente em relação aos outros.
16	9	Técnico (Psicóloga)	A utente já tem um bom relacionamento com as outras pessoas. Por vezes em casa em contexto familiar é que existem maiores dificuldades de relacionamento com os familiares mais próximos. Mas o participar nesta actividade veio beneficiar esta área.
17	11	Monitor (Auxiliar)	Conosco e com as colegas é com quem a utente comunica mais, quando saía dos ensaios vinha contente e dizia.
18	3	Monitor (Auxiliar)	(Influenciou) No sentido da aprendizagem porque aprendeu uma coisa nova. (...) Em dizer a outras pessoas que andava a prender e já sabia alguns passos de dança oriental e ensinar-nos a nós funcionárias.
19	5	Monitor (Auxiliar)	(Influenciou) No facto de dizer a muitas pessoas que já sabia dançar e que a dança era “muito fixe”.
20	10	Monitor (Auxiliar)	A dança oriental interferiu no relacionamento da utente com as outras pessoas, principalmente na comunicação, até porque melhorou o seu comportamento com as suas colegas.
21	12	Monitor (Auxiliar)	Pouco ou nada interferiu no relacionamento com as outras pessoas.
22	6	Monitor (Auxiliar)	Por vezes falava da dança com as suas colegas e por algumas vezes que a professora não vinha ficava triste e comentava com as suas colegas que não iria haver aulas de dança.
23	2	Monitor (Formador)	Verificou-se o mesmo comportamento.
24	7	Monitor (Formador)	Porque houve uma mudança notável de humor, maior entusiasmo por fazer parte deste projecto.
25	1	Monitor	Passou-se a relacionar com mais gente e a falar mais com outras pessoas.
26	15	Monitor	A utente é um pouco tímida e fechada. A dança permitiu que ela se abrisse mais com as outras pessoas, que tivesse mais contacto e falasse mais.
27	8	Monitor	Ela própria já é muito sociável, no entanto, o projecto contribuiu para ela estar com outras pessoas. O espectáculo contribuiu para ela se relacionar com outras pessoas, ela adorou e contou como tudo se passou.
28	14	Monitor	A utente passou a estar mais tempo com os colegas, uma vez que tende a isolar-se. Também alargou a sua interacção fora da família e da instituição.
29	16	Monitor (Formador)	Em conversa com outras pessoas falava muito sobre o projecto onde participou e tinha orgulho disso.
30	9	Monitor (Formador)	Passou a relacionar-se mais com outras utentes da instituição com quem habitualmente não se relacionava.
31	13	Monitor (Formador)	Uma vez que ela é pouco sociável a dança em grupo proporcionou que ela estivesse em contacto com outras pessoas e fosse mais receptiva para se relacionar com os outros.
32	4	Monitor (Professora)	Penso que ajudou a aluna a melhorar o comportamento com os que a rodeiam e seria mais benéfico se a utente tivesse sido mais assídua.

33	8	Familiar (Mãe)	Ela relaciona-se bem com toda a gente.
34	10	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
35	4	Familiar (Pai)	Não.
36	8	Familiar (Prima)	O ser relacionamento com os outros sempre foi bom.
37	5	Familiar (Mãe)	Disse que tinha conhecido muita gente e nomeava os nomes das miúdas.
38	6	Familiar (Tia)	Não respondeu.
39	6	Familiar (Mãe)	(Houve) Um bom relacionamento com todas as utentes e as outras pessoas que colaboraram neste projecto, para de mais era uma boa ocupação.”
40	1	Familiar (Mãe)	Isso acho que não. Ela é muito bem educada, mas sempre foi assim.
41	13	Familiar (Mãe)	Ela só se relaciona com as pessoas da app e comigo porque somos só nós as duas. O relacionamento com as outras pessoas está igual.
42	3	Familiar (Mãe)	Ela é muito faladora e dá-se bem com toda a gente da vizinhança. Na escola também se dá bem com toda a gente, é o que ela diz. Gostava da professora e das colegas.
43	3	Familiar (Irmã)	Sim. Ela fazia aulas de dança aqui em casa com a minha filha. Passavam muito tempo as duas a dançar. Com o resto das pessoas era o que sempre foi.
44	4	Familiar (Mãe)	Não modificou nada.
45	15	Familiar (Mãe)	Fez mais amigas.
46	11	Familiar (Irmã)	Possibilitou contactar com outras pessoas.
47	7	Familiar (Pai)	Não respondeu.
48	7	Familiar (Mãe)	Ela é sempre igual, às vezes responde mal e já não quer ir para a app.
49	14	Familiar (Mãe)	Notou-se que se tornou mais comunicativa com as outras pessoas.
50	14	Familiar (Irmã)	O facto de estar integrada num grupo de dança foi positivo, uma vez que isso permitiu desenvolver laços afectivos e sociais com as colegas, “obrigando-a” a interagir. Por outro lado, em termos familiares e na sequência de ter adquirido o saber-fazer, a [...] revelou interesse em ensinar o que aprendeu ou ia aprendendo nas aulas de dança oriental, desta forma sentiu que tinha algo para dar aos outros (à família), mostrando vontade de partilhar as suas experiências.

Inquirido n°	Utente n°	Tipo de Vínculo	Considera que este projecto contribuiu para a promoção da igualdade de oportunidades e para a inserção da utente na sociedade/comunidade?
1	2	Técnico (Formadora)	Foi positivo. Sentiu-se integrada na sociedade pois teve oportunidade de fazer algo comum que conseguia e lhe deu algo positivo.
2	5	Técnico (Psicóloga)	Ao desempenhar esta actividade com outro tipo de comunidade foi bom para o seu comportamento e sentiu uma igualdade de oportunidade.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	Apesar da sua deficiência e limitações motoras têm dificuldade em se mostrar e as actuações foi uma forma de mostrar que as utentes mal ou bem também conseguem fazer, mostrando à comunidade o seu trabalho.

4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	Dado que a utente tem uma vida monótona o projecto foi uma oportunidade para ela se sentir igual às outras pessoas e saber que pode fazer uma actividade como outra qualquer aceitando as suas limitações.
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Este projecto permite mostrar à população em geral que as jovens com deficiência gostam das mesmas actividades e têm apetência para elas. Deveria ser mais divulgado
6	7	Técnico (Animação S.C.)	Novas experiências.
7	15	Técnico (Animação S.C.)	Novas experiências.
8	11	Técnico (Animação S.C.)	Permitiu novas experiências.
9	12	Técnico (Animação S.C.)	Permitiu o contacto com outras pessoas e novas experiências
10	14	Técnico (Psicóloga)	Pelas razões expostas atrás não me parece que a utente tenha desenvolvido competências sociais que lhe possibilitem uma melhor integração social.
11	16	Técnico (Psicóloga)	Se o projecto tivesse uma maior duração talvez fosse possível melhorar a sua inserção social e até profissional.
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	Maior disponibilidade para aceitar novos desafios e a sociedade ter conhecimento deste tipo de actividades em indivíduos com necessidades especiais.
13	4	Técnico (Psicóloga)	Contribuiu para uma maior e melhor inclusão na comunidade/sociedade visto que as utentes sentem que têm um papel activo e participativo nos eventos proporcionados.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	A sociedade ter conhecimento deste tipo de actividades em indivíduos com necessidades especiais.
15	8	Técnico (Ed. Especial)	A sociedade ter conhecimento deste tipo de actividades em indivíduos com necessidades especiais.
16	9	Técnico (Psicóloga)	Se fosse mais tempo o projecto e a utente fosse mais jovem, talvez se verificasse alguma melhoria na integração na sociedade.
17	11	Monitor (Auxiliar)	Para este tipo de utente é difícil só com o tempo.
18	3	Monitor (Auxiliar)	Não respondeu.
19	5	Monitor (Auxiliar)	A nível de actuações deveria ter havido mais para que a comunidade pudesse ver e haver mais contacto entre as utentes e a sociedade e vice-versa.
20	10	Monitor (Auxiliar)	Sim, todo o ser humano tem de ter a oportunidade de demonstrar as suas necessidades perante a sociedade, porque o direito de igualdade é para todos.
21	12	Monitor (Auxiliar)	Todo o ser humano tem o direito de igualdade daí este projecto ser uma boa influência e ter um bom contributo para este tipo de pessoas.
22	6	Monitor (Auxiliar)	A dança oriental foi um bom projecto para este tipo de pessoas, porque com este projecto sentiram-se úteis para alguma coisa e perante as outras pessoas.
23	2	Monitor (Formador)	Sim, porque é um projecto diferente o nosso quotidiano e faz com que haja uma igualdade ao fazer algo diferente.
24	7	Monitor (Formador)	Sim, porque é um projecto diferente o nosso quotidiano e faz com que haja uma igualdade ao fazer algo diferente.
25	1	Monitor	Permitiu que a utente contactasse mais com o exterior, dado que está muito fechada no meio familiar.
26	15	Monitor	Permitiu que a utente se expandisse um pouco mais com as colegas e que contactasse mais com o exterior, dado que ela está muito fechada em casa com a mãe.
27	8	Monitor	O projecto contribuiu para a igualdade porque permitiu mostrar o trabalho delas e mostrar que não são só as pessoas sãs que conseguem e que as pessoas com deficiência também conseguem fazer. Contribuiu ainda para uma maior abertura no exterior relativamente a esta população, mostrando que o diferente não é tão diferente.
28	14	Monitor	Este projecto permitiu que a utente se abrisse mais com as pessoas do exterior, saindo do meio familiar onde

			basicamente se encontra.”
29	16	Monitor (Formador)	Possibilitou-lhe ter experiência na área da dança e estar com outras pessoas.
30	9	Monitor (Formador)	Porque lhe foi dada a facilidade de elas fazerem coisas que pensavam que nunca podiam fazer.
31	13	Monitor (Formador)	Porque lhe foi dada a facilidade de elas fazerem coisas que pensavam que nunca podiam fazer.
32	4	Monitor (Professora)	Uma vez que tive a oportunidade de assistir ao culminar do projecto, posso afirmar que as utentes que participaram sentiram-se iguais.
33	8	Familiar (Mãe)	Sempre ajudará para alguma coisa.
34	10	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
35	4	Familiar (Pai)	Não.
36	8	Familiar (Prima)	Em todos os sentidos.
37	5	Familiar (Mãe)	Notei que ela se achava inserida no espectáculo e também notei que se preocupava se as pessoas tinham gostado quando de lá saiu foi a pergunta que me fez.
38	6	Familiar (Tia)	Não respondeu.
39	6	Familiar (Mãe)	Ajudou bastante, porque nestes dias que praticavam sempre se sentiam mais ocupados e a professora fazia-os sentir mais seguros de si.
40	1	Familiar (Mãe)	Devia haver mais pessoas a dar aulas a estas pessoas porque para eles é muito importante aprenderem coisas novas. As outras pessoas gostam muito de ver os espectáculos de dança.
41	13	Familiar (Mãe)	Assim as outras pessoas puderam ver que “estas pessoas” também fazem coisas bonitas. Que apesar de terem muitos problemas também conseguem fazer coisas bonitas.
42	3	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
43	3	Familiar (Irmã)	Não respondeu.
44	4	Familiar (Mãe)	Não modificou nada.
45	15	Familiar (Mãe)	Elas participaram com as outras meninas e gostou muito.
46	11	Familiar (Irmã)	Ela sentiu-se bem, tiveram a oportunidade de fazer algo bonito. Devia-se fazer mais para elas se sentirem bem com elas e porem-nos no meio das outras pessoas para combater os preconceitos.
47	7	Familiar (Pai)	Não respondeu.
48	7	Familiar (Mãe)	Sim, porque fazia o mesmo que as outras colegas da app.
49	14	Familiar (Mãe)	Foi um projecto em que todos os participantes mostraram o que tinham aprendido e se sentiram inseridos.
50	14	Familiar (Irmã)	O projecto foi importante, uma vez que deu a ver à comunidade o trabalho desenvolvido. Da parte das utentes, penso que a exposição pública (acrescida do facto de terem recebido aplausos) fez-lhes sentir que o seu trabalho foi reconhecido. Da parte da comunidade foi um passo para a aceitação da diferença.

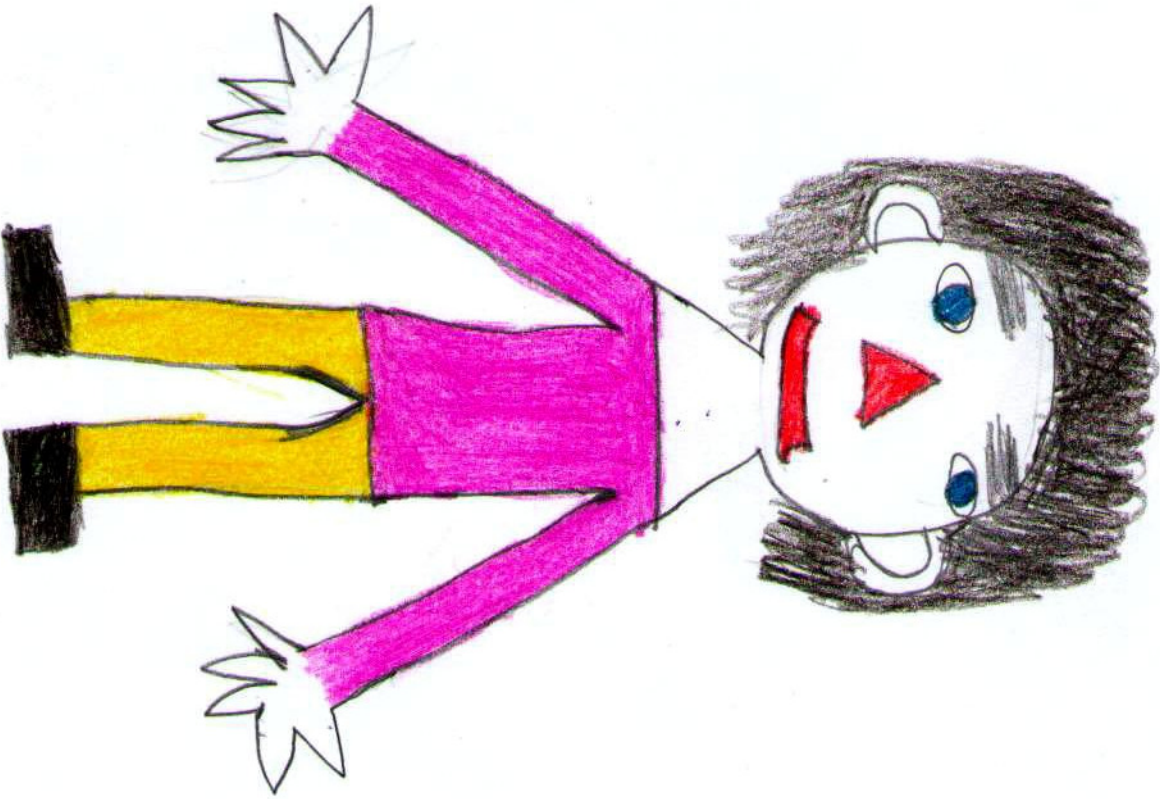
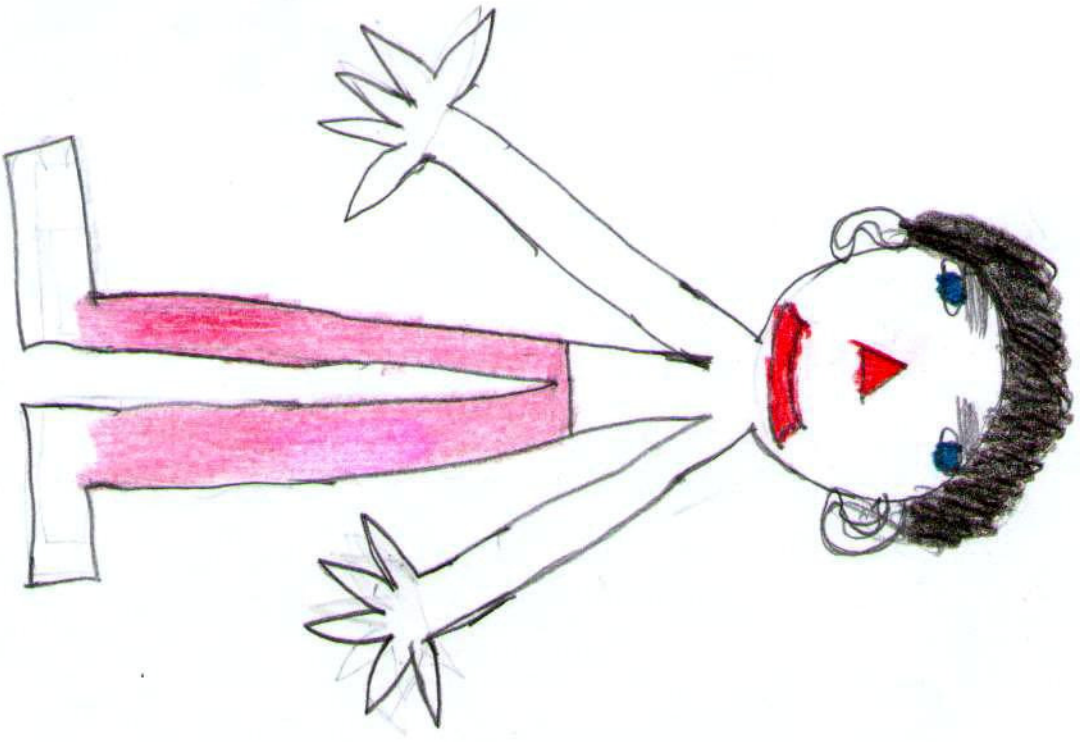
Inquirido n°	Utente n°	Tipo de Vínculo	De uma forma geral como avalia a influência do projecto de Dança Oriental ao nível do desenvolvimento individual e social da utente?
1	2	Técnico (Formadora)	Individualmente como foi referido uma nova experiência, uma nova aprendizagem. A nível social também teve que conviver com outras pessoas, outros relacionamentos para poder executar a actividade.
2	5	Técnico (Psicóloga)	Evoluiu. Pelo menos realizou mais uma nova aprendizagem o que influencia positivamente o seu desenvolvimento.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	Foi positivo, porque a utente demonstrou muito interesse que não tem noutras actividades e passou por um processo de auto-aceitação e consciencialização do seu corpo e das suas capacidades.
4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	Ela conseguiu descobrir as suas potencialidades, arranjar estratégias e experimentar com o seu corpo.
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Teve influência no sentido da utente ter que fixar os passos de uma coreografia trabalhando em grupo, para além de trabalhar a sua noção de esquema corporal de forma lúdica.
6	7	Técnico (Animação S.C.)	Melhorou as relações inter-pessoais.
7	15	Técnico (Animação S.C.)	Uma pessoa mais aberta, mais leve na dança.
8	11	Técnico (Animação S.C.)	Eu considero importante para o desenvolvimento corporal e psicológico.
9	12	Técnico (Animação S.C.)	Não se notou muita evolução comportamental.
10	14	Técnico (Psicóloga)	Apesar de manifestar interesse e gosto pela actividade, até facilidade no seu desempenho não influenciou muito o seu desenvolvimento.
11	16	Técnico (Psicóloga)	Parece-me que ao nível do seu desenvolvimento não se verificaram grandes alterações, no entanto, pode ter melhorado alguns comportamentos diminuindo a impulsividade.
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	Muito positivo.
13	4	Técnico (Psicóloga)	Neste caso particular, penso que este projecto não influenciou nem o comportamento nem o relacionamento com os outros, mas tal deve-se ao facto desta jovem (muito especial) apresentar um comportamento instável e conflituoso.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	Muito positivo.
15	8	Técnico (Ed. Especial)	Muito positivo.
16	9	Técnico (Psicóloga)	Não teve grande influência mas seria bom ter tido continuidade. Talvez se verificassem melhoria nessa área do desenvolvimento individual da utente.
17	11	Monitor (Auxiliar)	A nível individual - para ela própria está realizada e concretizada no mundo dela e a nível social permitiu mais comunicação com o meio que a rodeia.
18	3	Monitor (Auxiliar)	Não respondeu.
19	5	Monitor (Auxiliar)	Individual - mais independência, social - mais auto-estima
20	10	Monitor (Auxiliar)	A nível individual e social acho que este projecto foi uma boa influência para a utente.
21	12	Monitor (Auxiliar)	A utente não demonstrou qualquer nível de desenvolvimento individual nem social porque estava quase sempre a dormir.
22	6	Monitor (Auxiliar)	A nível do desenvolvimento individual da utente, acabou por ser uma actividade útil da qual tirou muito proveito e adorou a dança oriental.
23	2	Monitor (Formador)	De forma positiva pela demonstração de algum entusiasmo ao fazer parte de algo diferente.
24	7	Monitor (Formador)	De uma forma positiva pela demonstração de algum entusiasmo ao fazer parte de algo diferente.

25	1	Monitor	Foi bom para o desenvolvimento porque passou a movimentar-se mais e a interagir.
26	15	Monitor	Foi muito bom para a utente dado que esta passou a ser mais extrovertida e aberta com as colegas e também foi bom para o desenvolvimento do seu discurso, pois, ela tem um discurso muito limitado.
27	8	Monitor	Notou-se que a utente aprendia coisas e que as realizava na sala de aula, punha em prática na sala com a monitora e as colegas.
28	14	Monitor	Teve uma grande influência a nível social devido ao contacto com os colegas e outras pessoas.
29	16	Monitor (Formador)	Além de ter sido uma mais valia no conhecimento e na personalidade, a participação no espectáculo deixou-a muito feliz e satisfeita.
30	9	Monitor (Formador)	A nível individual sentiu-se mais desinibida e adquiriu mais conhecimentos, proporcionou um elevado nível de satisfação da utente devido às suas capacidades e à satisfação do público.
31	13	Monitor (Formador)	Em conversa com outras pessoas sobre música ou dança ela acaba por falar sobre a sua experiência na dança.
32	4	Monitor (Professora)	Este projecto é rico e tem como objectivo desenvolver individual e socialmente os alunos. Mas, neste caso concreto os resultados não foram muito positivos porque esta aluna revela um comportamento muito conflituoso.
33	8	Familiar (Mãe)	É sempre benéfico.
34	10	Familiar (Mãe)	Não respondeu.
35	4	Familiar (Pai)	Uns dias gostava e outros não.
36	8	Familiar (Prima)	É sempre benéfico.
37	5	Familiar (Mãe)	Também achei que ao nível do comportamento está mais calma, mais dócil e meiga, antes da dança era mais agressiva e respondona apesar de às vezes ter ainda algumas reacções.
38	6	Familiar (Tia)	Para a [...] esta dança foi uma coisa nova e faz sempre bem a quem vê e ainda mais a quem participou.
39	6	Familiar (Mãe)	-
40	1	Familiar (Mãe)	Estas coisas que ela aprende são bonitas mas o que me preocupa é que ela fique sozinha sem ajuda, ela já desenvolveu o que tinha para desenvolver.
41	13	Familiar (Mãe)	Foi importante porque estava a fazer uma coisa que podia mostrar às outras pessoas. Sentia-se entusiasmada com as aulas e com a professora.
42	3	Familiar (Mãe)	Gostava da dança porque era uma coisa diferente de todos os dias.
43	3	Familiar (Irmã)	Conhece mais pessoas, a professora por exemplo.
44	4	Familiar (Mãe)	Não modificou nada.
45	15	Familiar (Mãe)	Ela gosta de se mexer e aprender a movimentar-se.
46	11	Familiar (Irmã)	Foi bom para a comunicação dela com as outras pessoas e para o seu desenvolvimento, ajuda muito.
47	7	Familiar (Pai)	Não respondeu.
48	7	Familiar (Mãe)	Eu acho que ela gostava, quando estava a dar a novela começava a dançar como as actrizes da televisão.
49	14	Familiar (Mãe)	A dança oriental foi positiva para o desenvolvimento individual e social da [...] porque se tornou mais comunicativa, mais participativa e contribuiu para o seu bem-estar.
50	14	Familiar (Irmã)	A [...] desenvolveu a sua auto-confiança nas suas capacidades e revelou uma maior abertura no relacionamento com os outros, foi particularmente satisfatório vê-la integrada no grupo.

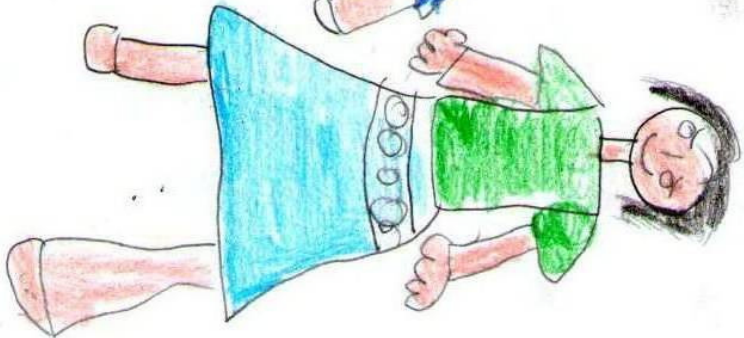
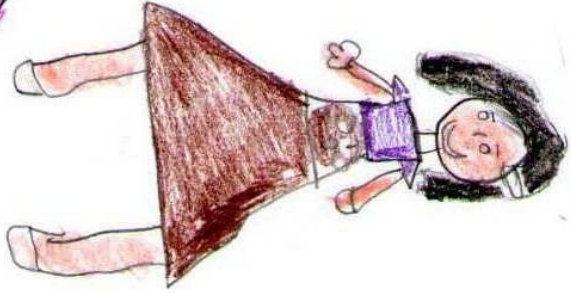
Inquirido nº	Utente nº	Tipo de Vínculo	Caso queira fazer algum comentário relativamente ao projecto de Dança Oriental ou pretenda referir alguma situação específica que não se enquadre nas perguntas anteriores utilize o espaço seguinte.
1	2	Técnico (Formadora)	Não podemos referir que houve uma mudança total e que foi só relativamente à dança, pois, estas utentes têm mais terapias.
2	5	Técnico (Psicóloga)	Não podemos referir que houve uma mudança total e que foi só relativamente à dança, pois, estas utentes têm mais terapias.
3	1	Técnico (Fisioterapeuta)	Era bom ter envolvido mais os técnicos todos e ter dado mais importância à actividade.
4	6	Técnico (Fisioterapeuta)	-
5	10	Técnico (Ed. Especial)	Gostaria só de fazer uma nota, dado que a utente durante o seu dia desenvolve uma série de actividades de diversas áreas é difícil dizer que as alterações de comportamento se devem unicamente a uma das actividades. No entanto reconheço que a dança oriental por ser uma actividade nova teve o seu impacto positivo na utente.
6	7	Técnico (Animação S.C.)	-
7	15	Técnico (Animação S.C.)	-
8	11	Técnico (Animação S.C.)	-
9	12	Técnico (Animação S.C.)	-
10	14	Técnico (Psicóloga)	-
11	16	Técnico (Psicóloga)	-
12	3	Técnico (Prof. Ed. Física)	-
13	4	Técnico (Psicóloga)	Penso que esta dança promove e trabalha a auto-estima e auto-confiança de cada uma das participantes e consequentemente as relações intra e inter-pessoal.
14	13	Técnico (Ed. Especial)	-
15	8	Técnico (Ed. Especial)	-
16	9	Técnico (Psicóloga)	-
17	11	Monitor (Auxiliar)	-
18	3	Monitor (Auxiliar)	-
19	5	Monitor (Auxiliar)	-
20	10	Monitor (Auxiliar)	-
21	12	Monitor (Auxiliar)	-
22	6	Monitor (Auxiliar)	-
23	2	Monitor (Formador)	-
24	7	Monitor (Formador)	-
25	1	Monitor	-
26	15	Monitor	O projecto é bom porque vai permitir que as utentes frequentem outros espaços que não estejam limitados à instituição, porque elas gostam muito de participar e conhecer outras realidades. Ajuda-os a saber estar diante de outras pessoas e ajuda as pessoas do exterior a conhecerem a realidade da deficiência uma vez que existe muito desconhecimento em relação a este universo, a quebrar os preconceitos e a quebrar o medo e receio que as pessoas têm da deficiência.
27	8	Monitor	Penso que o projecto deveria continuar e quantos mais, melhor para o desenvolvimento deles.

28	14	Monitor	-
29	16	Monitor (Formador)	-
30	9	Monitor (Formador)	-
31	13	Monitor (Formador)	-
32	4	Monitor (Professora)	A dança oriental é uma dança linda que se deve promover e ajuda imenso os participantes a sentirem-se bem consigo mesmos, sentem que fazem parte de um todo.
33	8	Familiar (Mãe)	-
34	10	Familiar (Mãe)	-
35	4	Familiar (Pai)	-
36	8	Familiar (Prima)	-
37	5	Familiar (Mãe)	Quanto à Dr. Letícia ou seja a professora de dança a minha filha gostou muito dela e adorava-a e diz que gostava que esta dança continuasse. O público que estava presente manifestou muito gosto no espectáculo pois esteve lindo.
38	6	Familiar (Tia)	Achei que esta dança trouxe à [...] uma grande alegria, nesse dia se calhar sentiram-se iguais a outras pessoas. O espectáculo foi uma autêntica maravilha para a [...] foi uma realização pessoal muito boa.
39	6	Familiar (Mãe)	-
40	1	Familiar (Mãe)	-
41	13	Familiar (Mãe)	Gostava que estas aulas continuassem porque são coisas que aumentam a auto-estima da minha filha. Ela é muito vaidosa.
42	3	Familiar (Mãe)	-
43	3	Familiar (Irmã)	-
44	4	Familiar (Mãe)	-
45	15	Familiar (Mãe)	Foi um espectáculo bonito e que devia haver mais, tanto as aulas como o espectáculo.
46	11	Familiar (Irmã)	Se houver mais, melhor.
47	7	Familiar (Pai)	-
48	7	Familiar (Mãe)	-
49	14	Familiar (Mãe)	-
50	14	Familiar (Irmã)	-

ANEXO 6. Desenhos



901



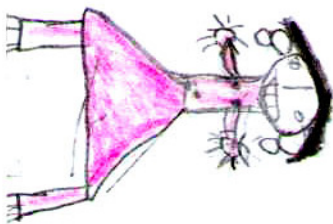
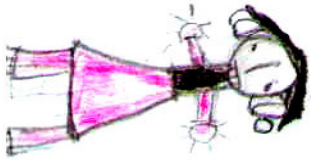
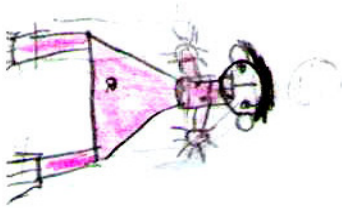
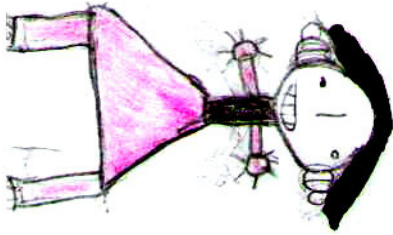
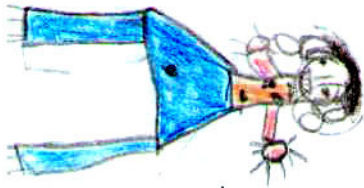
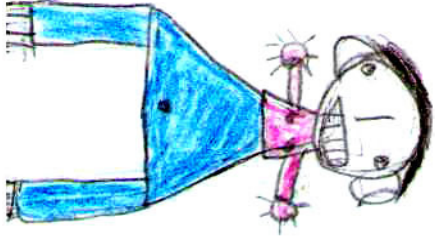
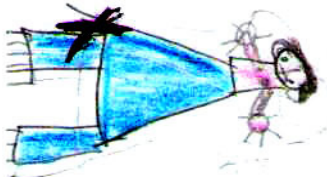
Danga

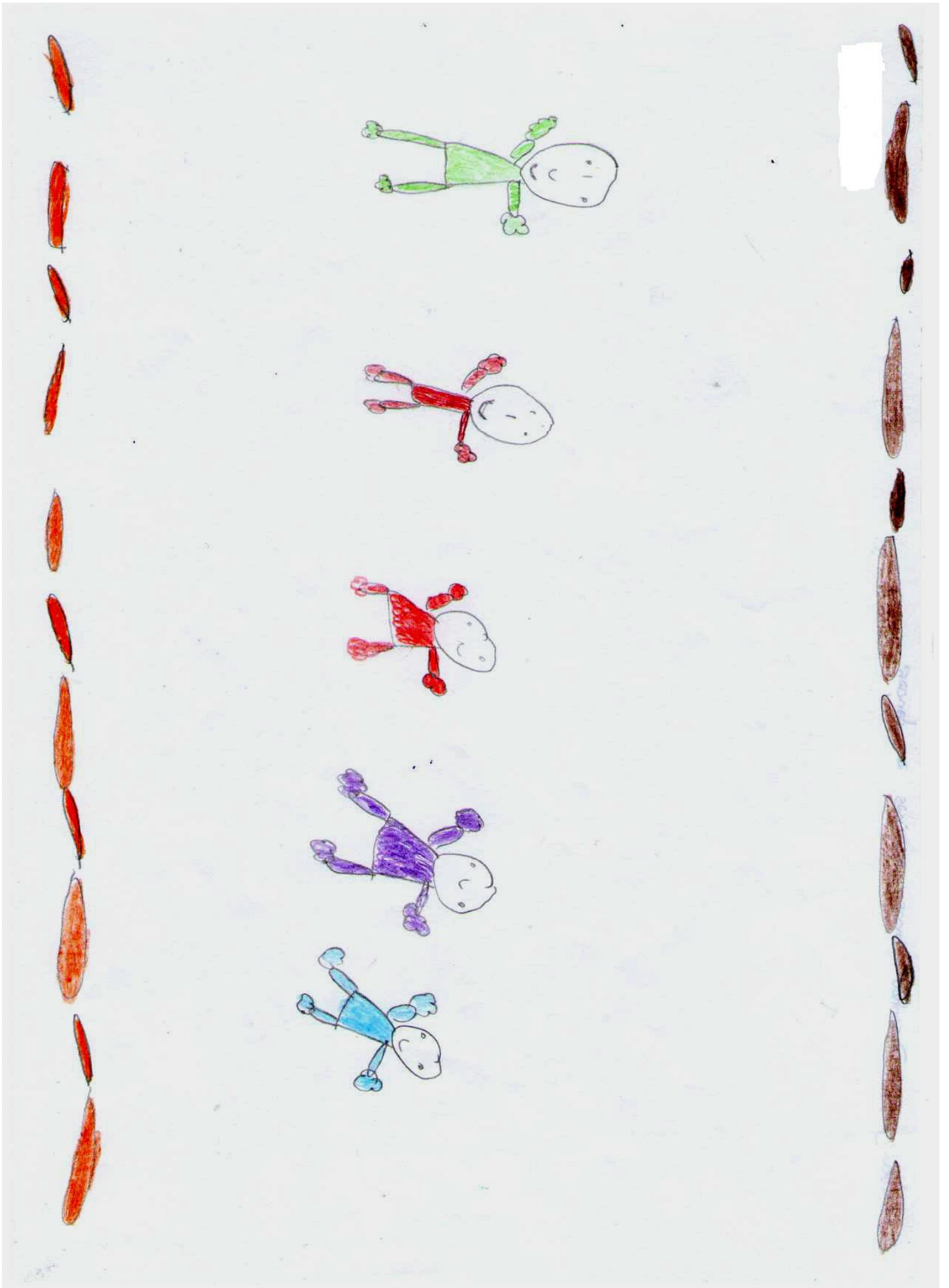
Do

Ventre

18/2/2008





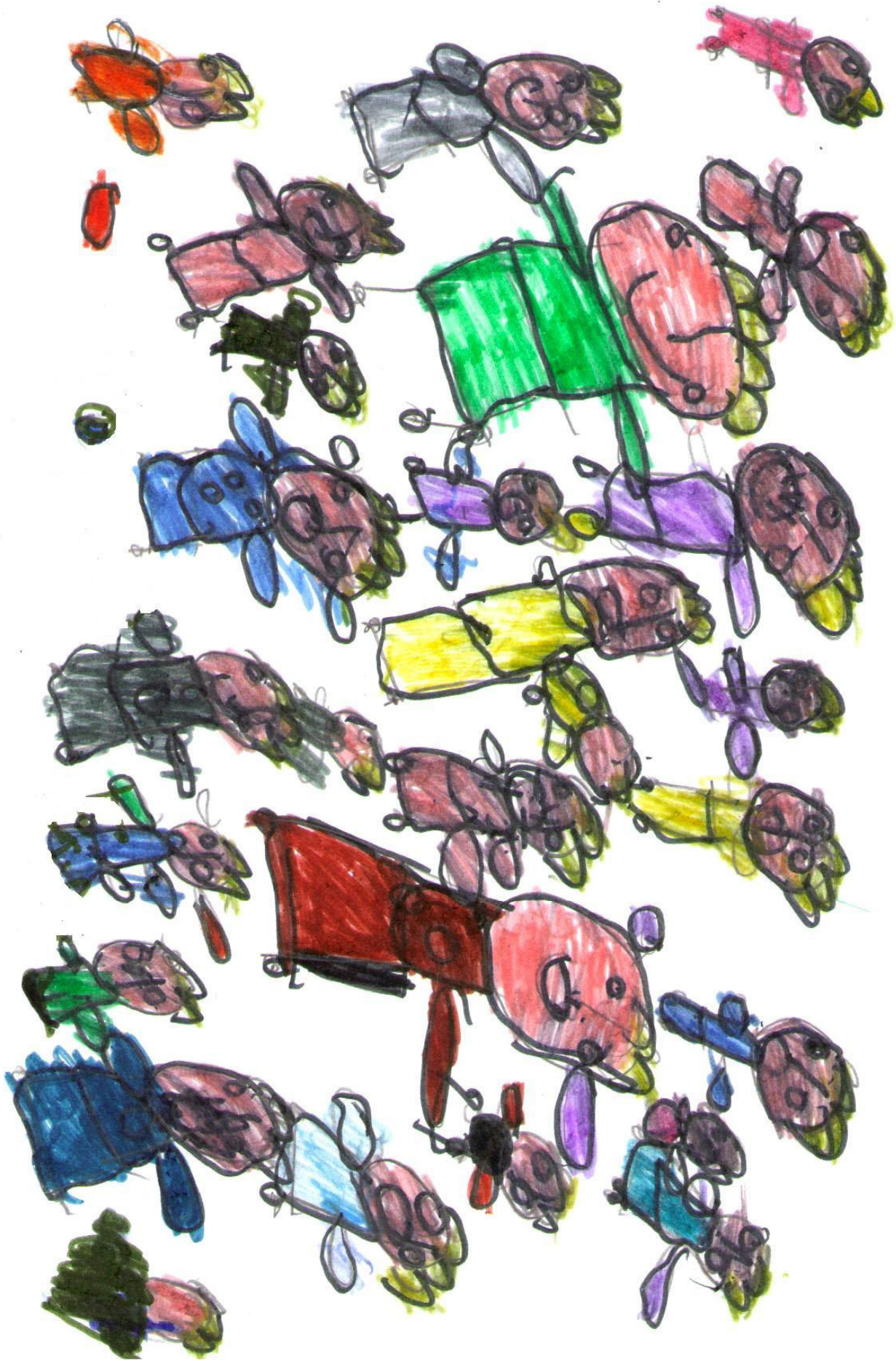






Handwritten text on the left margin, possibly a name or title, written vertically.





AENARD

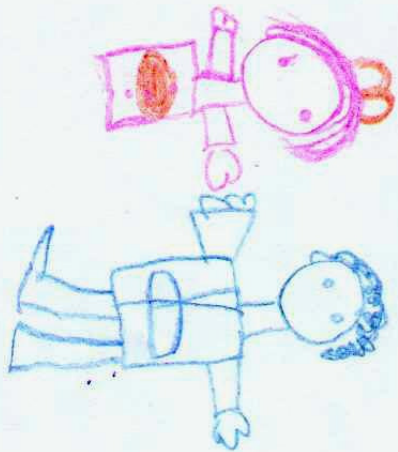
[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

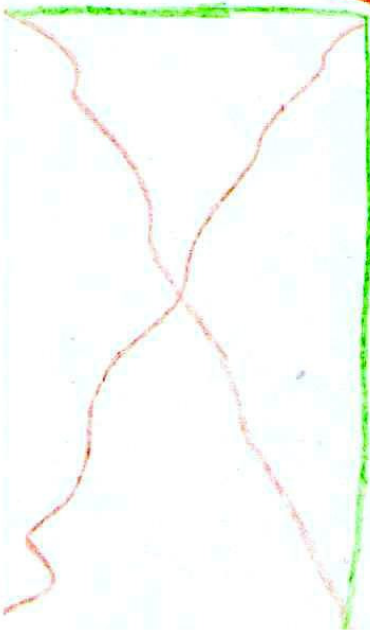
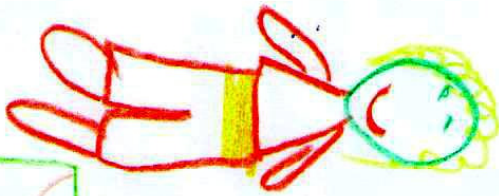
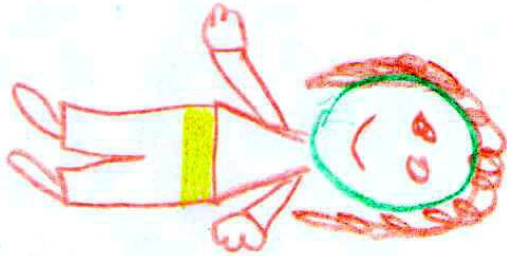
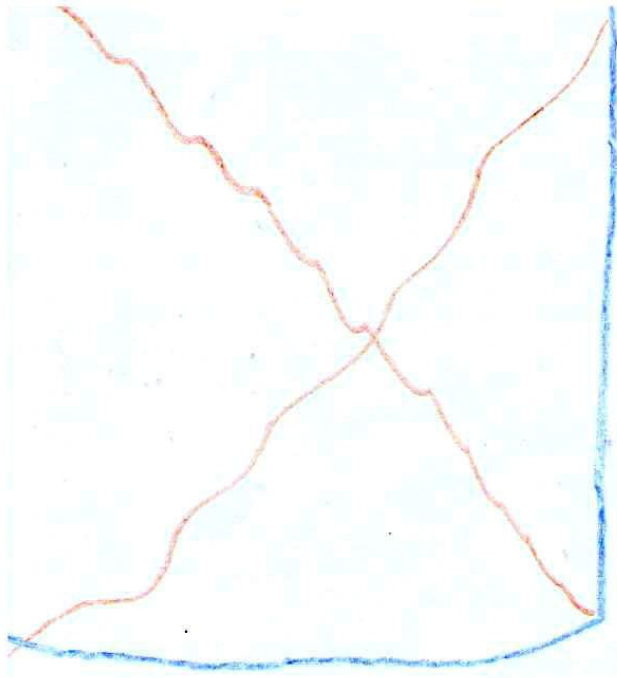
2-10-2009

[Redacted]



DAMCA

20102/100



through a series of steps. Information given to show a sample of what is required. It is important to provide a clear and concise description of the requirements.

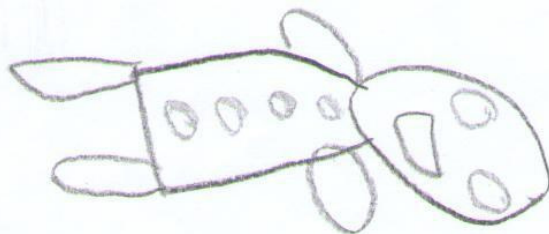
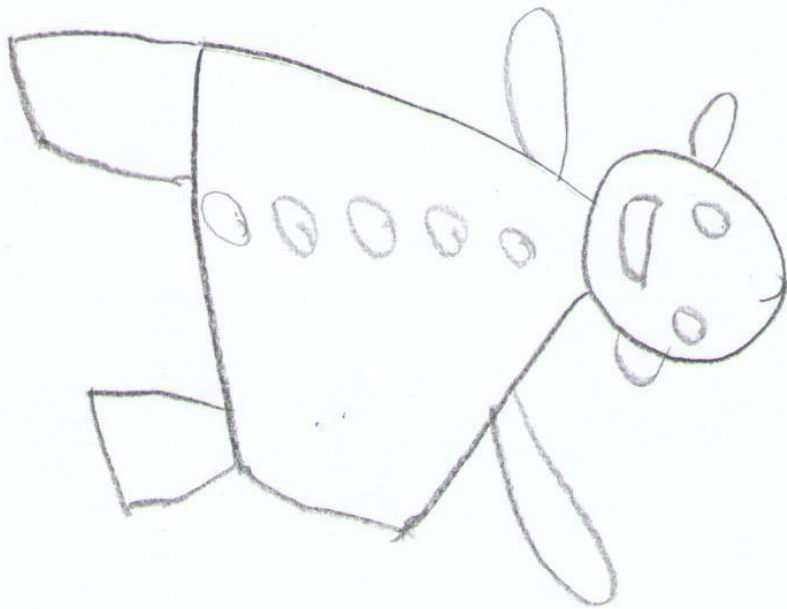
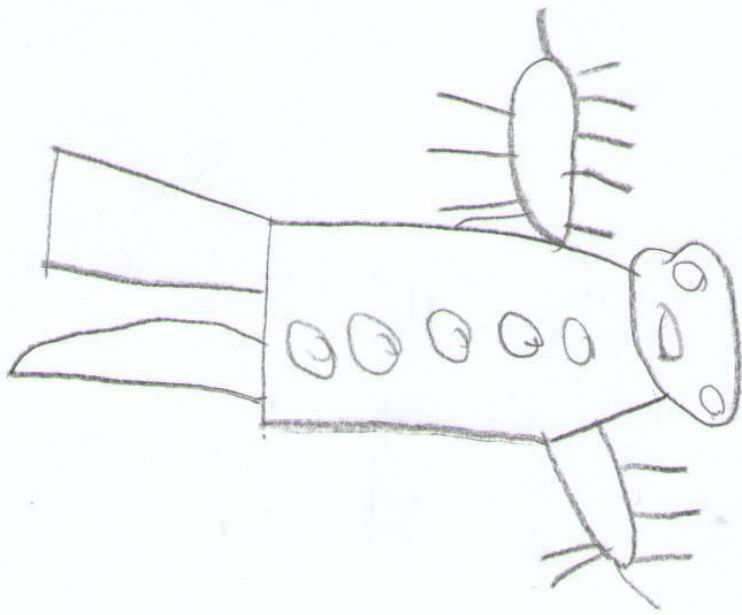
18/02/2009



18/02/2009

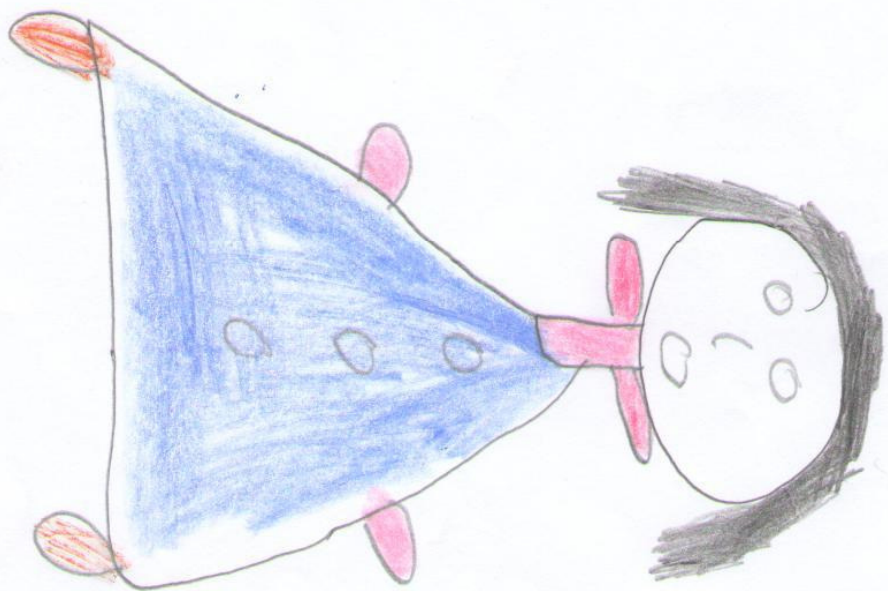
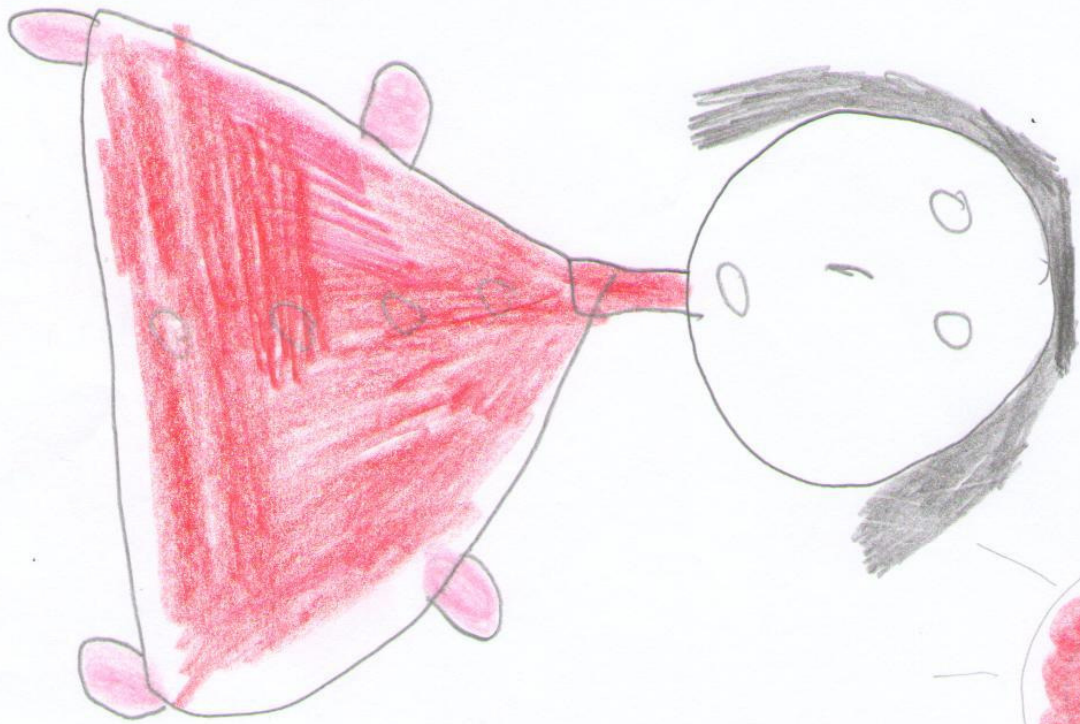
~~7810~~

7810212009



18/02/2009





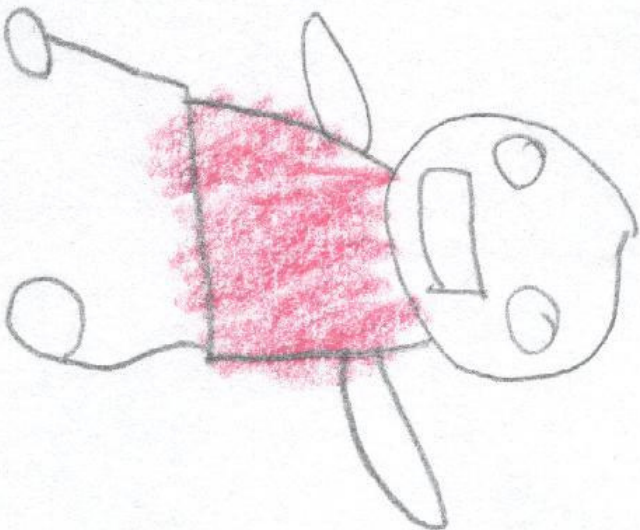
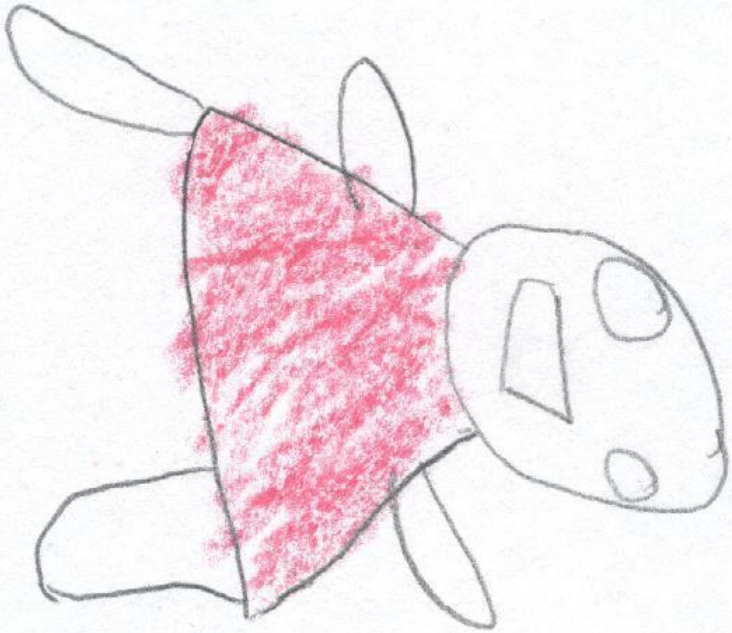
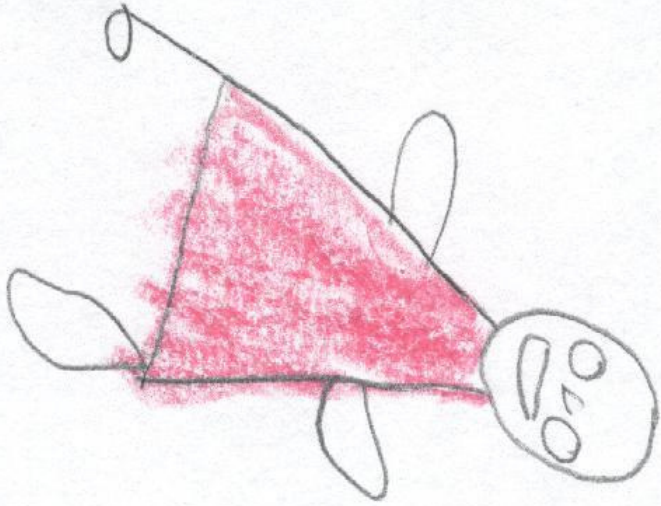
Desenho de Danyel, 1 ano, 2 meses e 20 dias em 2019

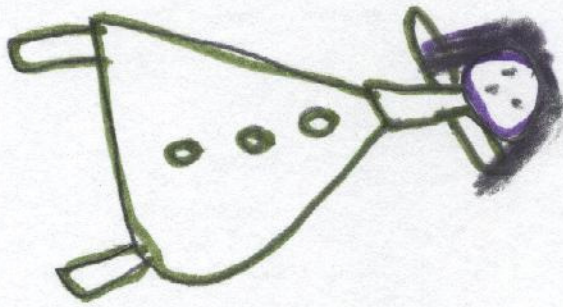
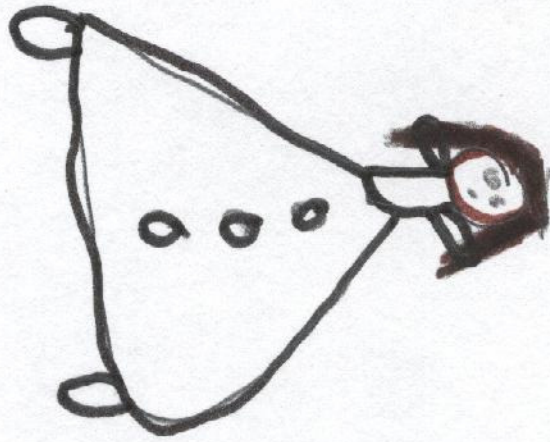


Non sono felice e ho sonno

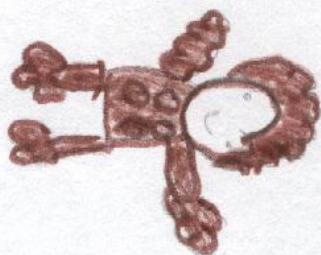
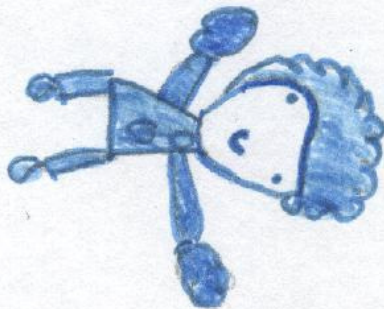
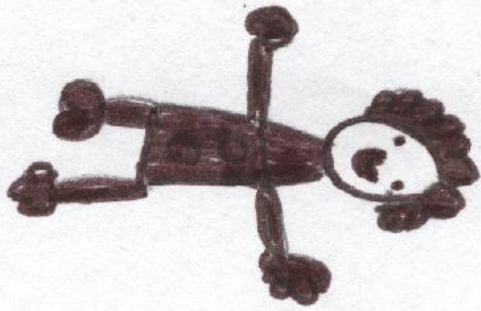


G 122/106/109





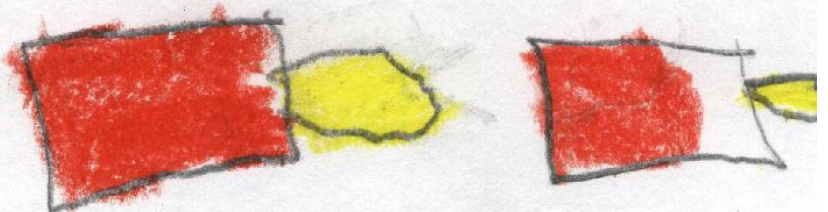
122106109



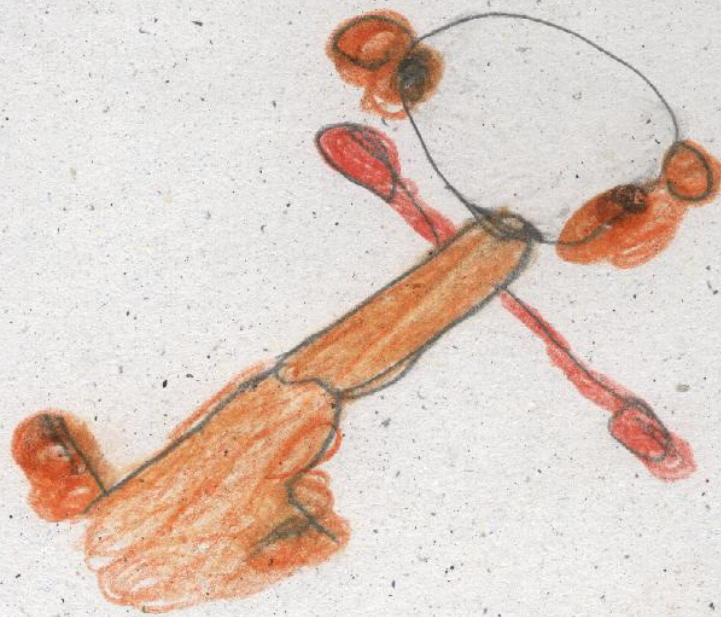
122106/09



6006/9076











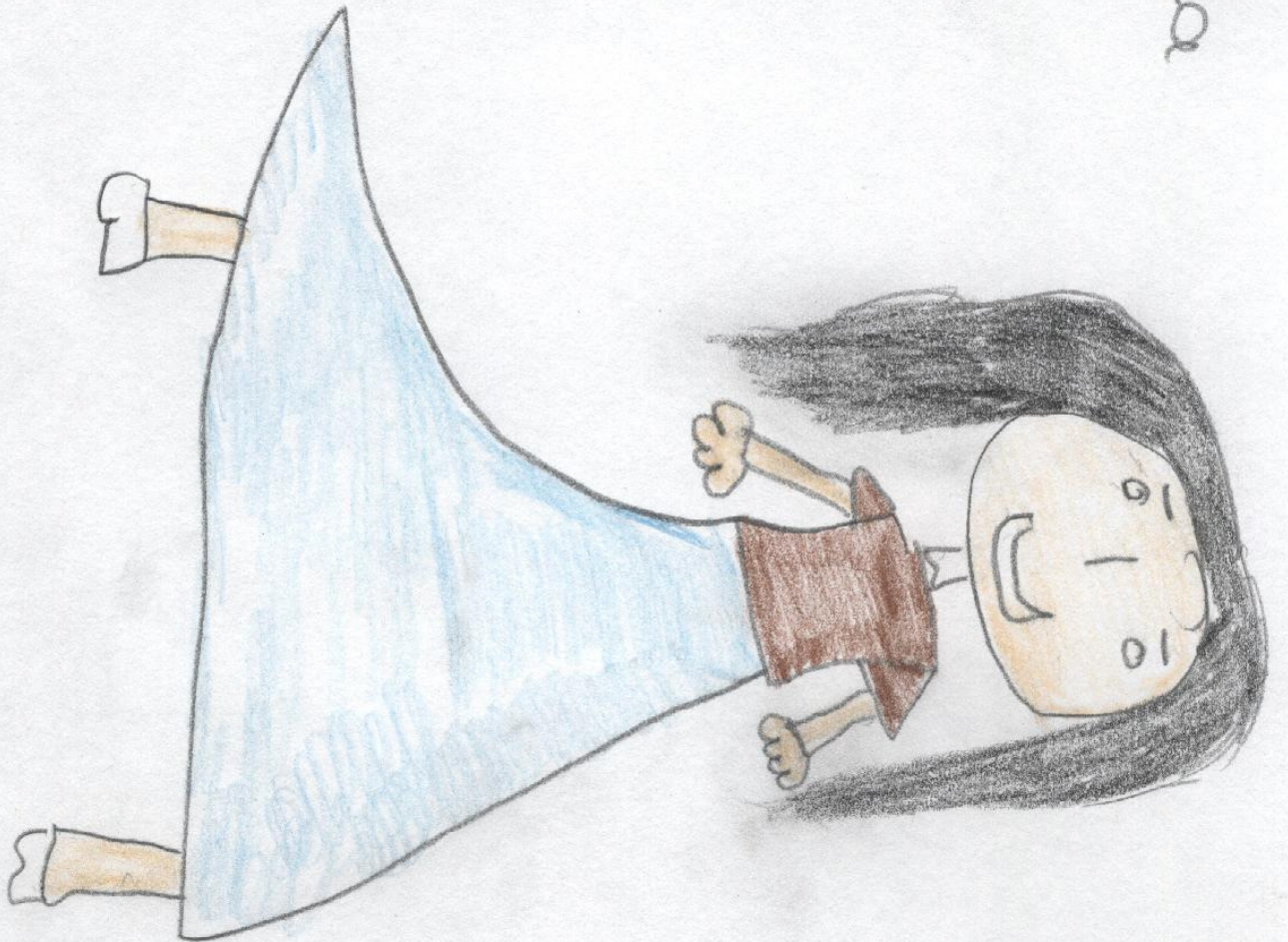


Zetaria

é

foora

ti



22/6/2000





